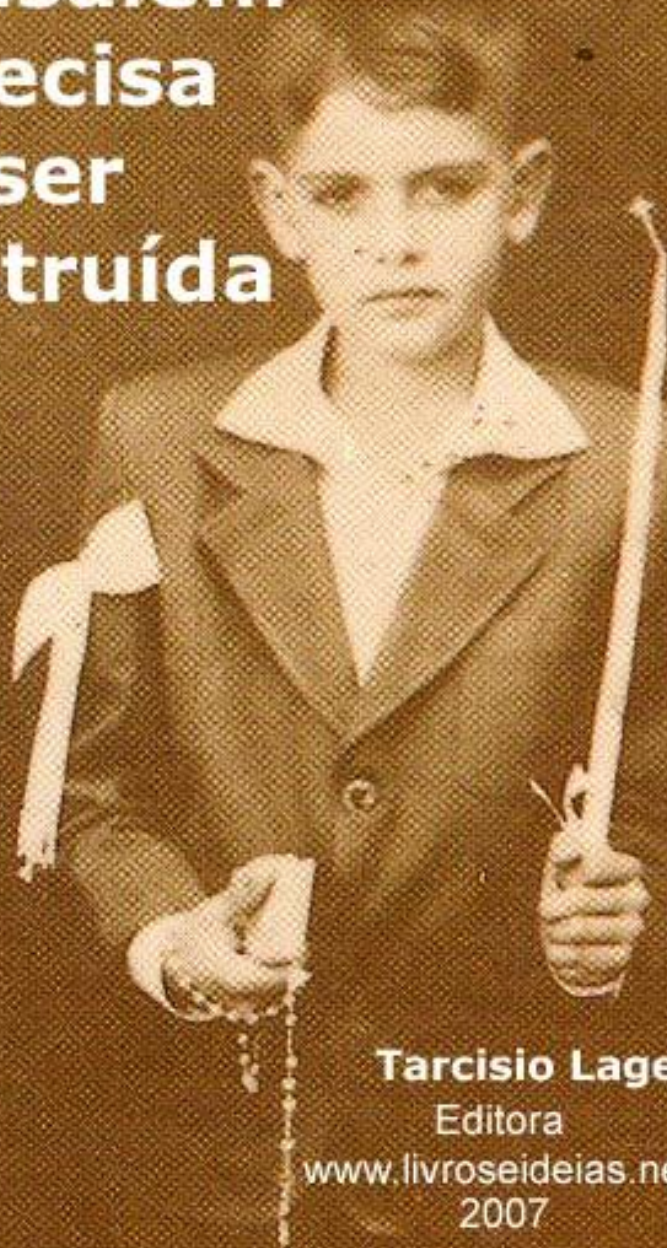


Jerusalém Precisa ser Destruída



Tarcisio Lage

Editora

www.livroseideias.net

2007

© Jerusalém Precisa Ser Destruída, Tarcisio Lage, 1993

Editora

www.livroseideias.net

2007

Nova edição eletrônica inteiramente revista pelo autor

Primeira Edição impressa do livro sob o nome Os Muros de Jerusalém, 1993

Editora Estação Liberdade – São Paulo-SP

Edição esgotada

NOTA PARA ESTA EDIÇÃO

Quando este livro foi publicado pela primeira vez em 1993, pela Editora Estação Liberdade, o título original foi modificado para *Os Muros de Jesusalém*. Amigos, editores e críticos que leram o original acharam que o título *Jerusalém Precisa Ser Destruída* poderia provocar malentendidos que dificultariam a divulgação da obra. Sujeitei-me à mudança. Foi um Grande erro, primeiro porque me dobrei à censura. Depois, um livro intitulado *Os Muros de Jerusalém*, tendo na capa uma criança fazendo a primeira comunhão, cheia a livro religioso do tipo que se lê em cursos de noivos em paróquias do interior. Tenho a impressão que muita gente, ao ver a capa original, não se deu sequer ao trabalho de folhear a fim de constatar, só pelos títulos dos capítulos, que de religioso o livro não tinha nada. A Jerusalém que um dos personagens propõe destruir não é a Jerusalém real, disputada por palestinos e israelenses, mas a Jerusalém incrustada na cabeça de cristãos, judeus e mulçumanos.

Esta nova versão, atualizada e revisada em 2007, traz não apenas o título original, mas também modificações importantes para inseri-la melhor no turbilhão do novo século. Conservamos a capa do menino fazendo a primeira comunhão, pois, com o título original, estabelece-se o contra-ponto que o texto transmite.

Hilversum, outubro de 2007

**Dedico este livro a Augusto César Lage.
Ele leu os originais,
mas não pôde esperar pela publicação.**

PRIMEIRO TEMPO AS FOTOGRAFIAS

I

Como é, já fuzilaram o homem?

A alegria explodiu no rosto de Brísio. Pulou da cadeira, serviu a aguardente em dois copos e começou a dançar, pulando desajeitado, balançando sua barriga muxibenta.

– É preciso comemorar.

Sorveu de um gole a cachaça e continuou a dançar. Não havia música nenhuma. O ritmo era determinado pela súbita alegria que tomou conta do velho militante; a melodia estava na nota seca que acabara de ouvir no rádio.

– Venha, homem, é preciso comemorar.

Já chorava de alegria. Ficou sério. Dedo em riste, sentenciou:

– Ainda não estou satisfeito. É preciso fuzilar o desgraçado!

– Mas Brísio, ele foi deposto, já não tem poder nenhum. Basta, não?

– Não, não basta! Fazer o que fez com o camarada Stálin. Quero ver o desgraçado diante do pelotão de fuzilamento.

*

Fazia muito tempo que não tinha recordações como essa, nostalgias da militância política, flashes longínquos já quase imperceptíveis. Depois virou este angu de carço, este nó cego e eu no meio de não sei quantas encruzilhadas sem saber para onde ir. Quando eu era estalinista, tudo parecia mais simples, menos ema-

ranhado. Preto no branco, disciplina, ordem, fila indiana. Sabia distinguir um reacionário a três quilômetros de distância. Batia o olhometro, ouvia duas ou três palavras e já sabia com quem estava falando. Tudo certo, sem complicações, sem desvios e encucações. Como o velho Brísio, eu não precisava de música para dançar.

Baratinou tudo. Para o mal dos pecados, até as fotografias começaram a se mexer nas paredes. Saltavam para o chão, botavam a língua pra fora, faziam caretas, davam piruetas. Atos obscenos. Misericórdia! Uma vez, durante uma recepção numa dessas monarquias que ainda existiam por aí, sem que nem pra quê, o príncipe consorte saiu de sua pose fixa, arregalou os olhos e, sem mais nem menos, agarrou por trás sua real cara metade, penetrando-lhe aos solavancos seu membro em meia ereção. Uma voz me dizia baixinho:

– Castigo, nobre nunca fica de pau duro.

E o príncipe, atacado pelo mosquito do deboche total, cabal e definitivo:

– Vem cá, minha rainha!

A recepção prosseguiu. Discursos, salgadinhos, vinhos, cerveja gelada. Não ouvi bem o que as pessoas diziam porque as fotografias em minha volta não me davam sossego. Havia muito tempo que não faziam um alvoroço tão grande. Mas eu já estava desconfiado da calma, quietude e fixidez própria dos retratos que sabem se comportar como tal. Não era normal fazer o balanço de minha vida sem a interferência das fotografias, esmiuçando passagens agradáveis, autocensurando o que não me interessava ou era perigoso lembrar. Memória seletiva, história com pé e cabeça.

* * *

Fotografias mexendo-se nas paredes. Isso pode dar livro ou hospício. Ou os dois. Vamos ver.

* * *

Realmente, eu nunca vira Brísio tão contente. O sorriso largo em luta contra as rugas de seu rosto, os olhos brilhando como se fossem de um adolescente na expectativa da primeira trepada. Há mais de uma semana estávamos os dois escondidos naquele fim de mundo, tapera velha, ratos, comendo arroz com ovo todos os dias e, por felicidade, uma garrafa de cachaça. Sei lá de que marca. E muita firmeza ideológica, nada de vacilações, estávamos ali, puros e duros, inflexíveis como as fotografias que se prezam. A notícia no rádio foi como que se abrissem para Brísio as portas do Paraíso.

*

Três meses depois da queda de Nikita Khrushchev, já desconfiado dos rumos revisionistas tomados por seu sucessor, Leonid Breznev, Brísio morreu com uma úlcera supurada. Os olhos esbugalhados de dor, contorcendo-se na cama, balbuciou suas últimas palavras:

– Como é, já fuzilaram o homem?

*

No enterro fiquei de longe. A polícia na certa estaria por ali, fotografando e anotando nomes. Sepultamento de clandestino sempre foi assim. Os amigos de longe, fazendo de conta que visitavam outras covas, olhando ressabiados, pelo canto dos olhos. Vi, numa dessas miradas furtivas, a filha mais velha de Brísio fazer o sinal da cruz e me pareceu – horror! – que rezava baixinho. Uma falta de respeito com um estalinista de corpo e alma que sempre desejou ver o último padre enforcado nas tripas da última irmã de caridade. O coitado, na certa, virou-se no caixão.

Havia outros enterros. Padres por todos os lados, falando de vida eterna e de corpos virando cinza ou pó. Sem cremação (condenada pela Igreja) e com tanta umidade, como era possível uma coisa ou outra? Meus olhos estalinistas detectavam inimigos declarados, revisionistas, reformistas, burgueses e uma infinidade de pequenos burgueses povoando o cemitério, por cima e por baixo da terra. Para mim, não existia coisa pior do que a pequena burgue-

sia. Na antiga União Soviética nem fuzilando Stálin conseguiu acabar com ela. Fiquei deprimido no cemitério. Havia muitas cruzes. Este símbolo me perseguia desde a infância. Veio-me o pensamento que sem o materialismo dialético eu estaria ainda carregando minha cruz até hoje, exalando complexo de culpa por todos os poros, sucumbindo-me à ditadura da família. Melhor a do proletariado?

Minha mãe não deixava por menos. Protestante era agente do capeta. Comunismo, "não diga o nome!", era aquilo, coisa do diabo. Foi na cozinha de minha casa, tomou-me das mãos o livro de Plekanov sobre o materialismo dialético, rasgou-o com fúria.

– Prefiro ver meu filho morto a ser aquilo!

"O ovo traz em si a essência de sua destruição que é o pinto". Era ótimo. O materialismo dialético tinha resposta para tudo. Politzer explicava tão bem, com tanta certeza, com a convicção de um testemunha de Jeová dissertando sobre a Bíblia, de dona Lalá contando a estória do menino querendo esvaziar o mar com um dedal e colocar toda a água num buraco feito com seu dedo mindinho na praia. Santo Agostinho não acreditou. Ah, mas desvendar o mistério da Santíssima Trindade era ainda mais difícil! Eu estava contente como um Santo Agostinho às avessas. A roda da História movia-se inexoravelmente conforme a cartilha, revisionistas e liberais eram passíveis de fuzilamento, perestroika e glasnost ainda nem existiam no vocabulário, o urso vermelho protegia-nos da águia capitalista, o dragão chinês, conduzido pelo Grande Timoneiro, haveria de esmagar com suas patas a carcaça da burguesia e bafejar seu fogo, reduzindo a cinzas os derradeiros exploradores do Planeta. E, alívio, as fotografias não se moviam nas paredes. A ditadura do proletariado, antes que pudéssemos gozar as delícias do comunismo, a sociedade sem classes, sem estado... Só faltava dar a partida. E eu era uma peça do motor de arranque.

De vez em quando alguns lampejos de dúvida. Um circuito qualquer, fora do lugar, detonava o alarme, uma alfinetada dentro de meus miolos, antecipando as fotografias que tempos depois não me dariam mais sossego, argumentando, questionando, dizendo

que o ovo de Politzer estava choco, que o pinto da revolução tinha gorado, que não veríamos nunca o galo de briga da classe operária, que o tigre de papel menosprezado pelo camarada Mao talvez tivesse dentes nucleares mais afiados do que imaginávamos, não conseguiríamos dar a partida.

– Esta ditadura do proletariado veio para ficar. Em processo de extinção uma ova! E o proletariado, onde é que está no poder?

Por mais de uma vez recorri ao Estado e a Revolução de Wladimir Lênin, conseguindo neutralizar o circuito estragado que introduzia indagações inadmissíveis, às vezes, que horror, em voz alta. Naquela época, eram apenas pequenos lampejos de dúvida, descuidos ideológicos, ainda não existiam as fotografias atrevidas e desbocadas, provocadoras de questões que nem a dialética me dava respostas. Era um alívio poder recuperar a firmeza ideológica. Durou uns bons anos a convicção alentadora, a confiança sem limite de que estávamos presenciando os últimos estertores do capitalismo, a crise final, definitiva, soara o sino – conforme dizia o líder bolchevista – para varrer de vez a burguesia da face da terra. Um clamor bíblico, certo, como $2 + 2 = 4$, a ditadura do proletariado, único caminho para destruir a opressão e abrir o caminho para o fim de todas as ditaduras. Durou uns bons anos a certeza que me acalentava. Durou até aquela horrível manhã de maio de 68. Aconteceu-me aquilo, aquela visão descabelada em meio a toda a agitação da época. Horrível mesmo! Foi a partir daí que os quadros começaram a se mover nas paredes e minha vida tomou outro rumo.

II

Se existir, sou contra

Se eu fosse religioso jamais seria monoteísta. O monoteísmo retira o elemento político das relações com o além. Não deixa margem para a barganha.

– Este negócio de deus é o cúmulo do autoritarismo. A gente aqui em baixo, sempre com medo de que um raio caia na nossa cabeça ao menor sinal de reclamação. Daqui o balde não passa, dizia Truman, enquanto fazia churrasco de japonês com seu Little Boy parido em Los Alamos, querendo arremedar o tal de deus.

Assim falava Walter, fazendo top-top, mexendo as cadeiras como se estivesse enrabando o vento. E blasfemava, com a fúria de quem saltou do décimo andar de um edifício:

– Deus é o caralho!

Eu até que concordava. Com o monoteísmo não tinha mesmo para onde apelar. Era o fim da linha. Tramar virava sacrilégio. Intrigas eram pecados. Fofocas podiam fazer despencar a ira do Supremo. Não havia como jogar uma divindade contra a outra. Os gregos e romanos estavam certos, ou pelo menos tinham mais margem de manobra, com seus deuses que brigavam entre si, bebiam, xingavam, trepavam adoidados... Diante de um só Deus o remédio é obedecer. Cruz credo! O diabo não passa de um deus de segunda categoria que, no frigar dos ovos, é uma criatura moldada pelo que se proclama Supremo com letra maiúscula e o escambau. Desde que os quadros começaram a se mexer nas paredes, fui atacado por idéias atravessadas. Walter, vocês ainda vão ouvir falar muito dele, nunca deixou passar uma, parecia estar de saco cheio com minha masturbação teológica de boteco. Desmunhecou e disse:

– Afrodite, minha deusinha, me arruma três mulheres, mortais mesmo, boas e gostosas como vossa divindade. Caso contrário me inverte, descambo para o bissexualismo e entro para o clube dos

adoradores de Apolo. Ou me embriago num bacanal gay junto aos discípulos de Platão em louvor a Dionísio.

– Não esculhambe, Walter.— Foi a fotografia mais desbocada que carreguei comigo.

– Tudo é besteira. Um deus já é demais, Tarquínio. Um punhado deles seria a multiplicação do autoritarismo. E sempre ia aparecer um Zeus qualquer para mandar nos outros, querer ser o único. Que coisa! Viva o caos. Entropia. E que os deuses vão todos para o inferno!

Nunca deu para discutir com Walter, principalmente depois que se transformou em fotografia.

– E se Deus existir, Walter? E se ele existir?

– Se existir, sou contra. E por que você teima em escrever deus com D maiúsculo na porcaria das suas anotações?

– É por respeito aos que acreditam.

– Respeito é aqui, ó.

O Walter morto não se diferenciava em nada do Walter vivo, aquele que gostava de gritar com seus chefetes para o horror de seus colegas empenhados em fazer carreira:

– Executivos rabugentos, vão dar ordens à puta que os pariu. Ordem em cima de mim é que não. Deus, Pátria e Família? Dispense os três e dou de troco o partido. Já arriei a bandeira vermelha e alcei a negra, no dedo. O mastro fica para ser enfiado no cu do último líder que pisar a face da terra.

Ninguém nunca entendeu o Walter. Foi o meu melhor amigo...

Vai ser difícil colocar em ordem essas anotações empoeiradas e carcomidas pelo tempo. Tarquínio Esperidião deve ter sido mesmo um grande desleixado, os papéis estão misturados, anotações dos anos 60 do século passado, flashes do fim do atrasado junto a considerações mais atuais. Ele podia contar com o recurso dos computadores, mas preferiu caneta e papel. Coquetel de estalinismo (quem é que se lembra disso?) com cristianismo, liquidificado com obsessão sexual. Tarquínio esteve na leva dos exilados, na revoada do início dos anos 70 do século passado. Como muitos — está escrito aí nesta papelada — não agüentou o tranco da repressão. Bateu asas e voou.

– Você está é com cagaço, Esperidião.

Estava. Medo da repressão, que andava feroz, fazendo com os meninos de boa família que assaltavam bancos para derrubar o regime o que há anos e anos vinham fazendo com pretos, favelados, paus-de-araras e outros integrantes da ralé. Apurei isto num estudo sobre a repressão policial no século passado. Aquela estória. Atire, pergunte depois. Choque elétrico, telefone, estupro, tortura.

Tarquínio — melhor resumir tudo isso — tinha medo também dos companheiros fanatizados ou, então, agindo movidos pelo puro desespero, acuados pelos agentes da ditadura, traídos pela classe média muito feliz nos automóveis do *milagre econômico* (nem vale a pena explicar o que foi), ignorados pelas massas, em nome das quais diziam estar iniciando a luta para derrubar a ditadura. Tarquínio era da turma do foco de que falava Che Guevara, queria ser uma peça do motor de arranque da revolução, as massas camponesas levantando-se à la chinesa, o cerco das cidades pelo campo. Beleza, ninguém poderia segurar a rebelião, da qual Tarquínio e seus companheiros dariam a partida. Guevara não teria morrido em vão.

Quanta besteira. O que veio depois baratinou tudo mesmo. Vai ser difícil ordenar essa papelada e encontrar um editor disposto a publicar a história de um Tarquínio qualquer. A Central de Previ-

sões de Oportunidades informou que a chance é de um por dez. Mas sou teimoso e, depois, não tenho nada para fazer.

Entendam-me. Não estou me queixando. Não tenho a menor intenção de entrar no clube desses babacas que morrem de melancolia, lembrando-se da era da civilização do trabalho. Aquele papo de comer o pão com o suor do rosto. Melhor deixar que um robô qualquer o amasse, ou o diabo, como muito bem Tarquínio poderia dizer. O que faço, por obrigação, é mais que suficiente; uma hora por dia. Quatro vezes por semana. Basta né? Catar papéis velhos, remexer em obras antigas da era précomputorizada que nunca foram publicadas é hobby, não é trabalho. Às vezes a gente encontra coisas interessantes... Mas que diabo aconteceu com o Tarquínio em maio de 1968?

III

Quem goza neste mundo se fode no outro

Back in 1953. Ano histórico. Deu primeiro no *Repórter Esso*. Todo mundo na Varanda parou, aguçando o sentido auditivo. Minha mãe sentada, mãos sobre as pernas, séria:

– Graças a Deus!

Usava calças curtas, apesar de ter cabelos no saco e geniais poluções noturnas. À tarde já havia mais detalhes. Tinha se arrependido antes de morrer. Debaixo de seu travesseiro fora encontrada uma medalha de Nossa Senhora das Graças, lembrança de seu tempo de seminarista, onde adquiriu a maior parte do *know how* em matéria de autoritarismo.

Frei Bartolomeu não lhe concedeu a graça do arrependimento. Seus hediondos crimes não tinham perdão e não era uma simples medalha, conspurcada durante tantos anos, que iria salvá-lo agora. O fogo do inferno o esperava. Fora o Anticristo em pessoa na face da terra.

– Aleluia, aleluia. Morreu o verdugo. Oremos ao Padre Eterno. Satanás perdeu o seu mais fiel servo.

Ouvia tudo aquilo e nem sequer conhecia ainda o materialismo dialético. Pertencia à *Cruzada Infantil* e já havia completado a série de comunhões durante nove primeiras sextas-feiras do mês.

– Faça as contas direito menino. É preciso ser nove primeiras sextas-feiras seguidas. Aí sua alma tem garantido um lugar no céu, ainda que se torne um grande pecador.

Zelosa, dona Lalá mantinha vários cadernos, aonde ia anotando as primeiras sextas-feiras que seus alunos comungavam, com

a consciência burocrática de uma escritã, que um dia teria de prestar contas de tantas almas a ela confiadas.

Lalá Vasconcelos — Livrinho da Cruzada
Comunhões das Primeiras Sextas-Feiras do mês

1949	jan.	fev	mar	abr.	mai	jun.	jul.	a-go.	set.	out.	nov.	dez.
Tadeu da Chiquita	+	+	+	A	L	M	A	+	+	A	L	M
Orlando da Ambrósia	+	A	L	M	A	S	A	L	V	A	+	A
Pedro Camargo	+	+	+	A	L	M	A	S	A	L	V	+
Tarquínio da Maricota (ALMASAL do ano anterior)	V	+	+	A	L	M	A	S	A	L	V	+
Walter da Matilde (Caso Perdido!!!!) **	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Pedro do Zé Ferreiro (A do ano anterior)	L	M	A	S	A	L	A	A	L	M	+	+
Zico da Francisquinha	A	L	M	A	S	A	L	V	+	A	L	M

** Comungou três vezes, mas guardou a hóstia sob a língua para depois mastigá-la na frente dos colegas. Não valeram! Sacrilégio!!!!

Era um alívio ter as palavras *ALMA SALVA* escritas no livro de dona Lalá, sem nenhum espaço ou cruzinha no meio, ligadas indissolivelmente uma a outra, as nove letras da salvação. Com uma série extra, o menino era automaticamente inscrito para integrar os *Congregados Marianos*, assim que deixasse a *Cruzada Infantil*. Se menina ia para o grupo das *Filhas de Maria*. Com três séries, além do santinho que ganhava com a primeira, o menino recebia uma medalha de Nossa Senhora e o DIPLOMA DA CRUZADA, onde se via escrito com letras douradas:

ESTA ALMA ESTA SALVA

É, gente, a igreja vendia para a meninada um seguro de entrada garantida no céu ao preço de nove comunhões seguidas nas primeiras sextas-feiras do mês. E muita obediência.

– A obediência é a maior das virtudes.

Dona Lalá falava com os olhos cravados em Walter, que nem era forçado pela mãe, ia só para se divertir. O seguro, que ela dizia ser uma graça, era uma dádiva do Sagrado Coração de Jesus. Existia até a citação da promessa, palavra por palavra, feita a Santa Margarida circulando na internet. A mesma que Walter ouvia de Dona Lalá e perguntava, finzando inocência:

– Uai, Dona Lalá, coração fala?

*

Percorreu-me na espinha um calafrio, descendo deliciosamente. Tranquei-me no banheiro. Com espuma de sabão. Ótimo, delicioso. Nas paredes, os quadros ainda permaneciam fixos. A foto de minha bisavó não se movia, amarelava-se na marcha inexorável dos anos, mais de 60, dependurada na parede da sala de minha casa. Impressionou-me tanto aquele retrato. Uma compulsão irresistível me fez vasculhar a velha cômoda do quarto dos fundos da cozinha até encontrar uma cópia em 6 por 6 da mesma fotografia de dona Gertrudes.

Tinha medo de olhar a fotografia, embora não conseguisse sair sem ela no bolso. Não havia explicação, era uma força irresistível como se a foto fosse o amuleto supremo, que poderia salvar minha vida nos momentos de extremo perigo. Mais forte que o *Salmo* 90, que eu trazia no bolso, a mando de minha mãe, para me livrar das flechadas do destino e as arremetidas do capeta.

Mas, se fosse por mim, seria preferível ter em minha algibeira a fotografia da Debra Paget. Teria sido tão bom se sua foto colorida publicada em O CRUZEIRO tivesse começado a se movimentar naquela manhã de junho, no banheiro úmido, cheirando a mofo. Mas a

foto não se movia. Minhas mãos tinham de fazer tudo. Queria tanto que ela tirasse o maiô e me ajudasse a ensaboar...

– Que banho demorado é este, menino?

Minha irmã desconfiava. Minha tia me olhava de lado, fazendo-me ver o inferno, para onde iria se não conseguisse conter os calafrios que me arrepiavam dos pés à cabeça. É possível que tenham sido as punhetas mais culpadas do mundo. As lições de catecismo de dona Lalá, Jesus com aquele olhar morteiro pregado na cruz, repetindo na cabeça da gente:

– Quem goza neste mundo se fode no outro!

Mas era tão bom!

Espero que Tarquínio não fique só nesta de contar estória de menino mimado e de adolescente descobrindo o sexo com uma fotografia surrada de Debra Paget. Passou pela fase animalesca. Matou uma galinha. Quase levou um coice de uma mula, tentou em vão violentar uma cabra e por pouco não teve a barriga furada pelos afiados chifres do animal. Uma seqüência de lugares comuns, cantilena de todo adolescente que viveu no interior em meados do século passado. Vamos ver onde ele quer chegar.

Muitos rapazes de minha idade tinham morrido, agonizando lentamente, perdendo as forças num processo irreversível. Ambrósio, o velho pedreiro, colocando os tijolos em câmara lenta, confirmava:

– É perigoso. Com a mão é muito perigoso. Conheço três que morreram assim. A mão não tem o calor necessário. Pegue um bicho qualquer. É mais seguro e melhor.

Um dia sofri uma terrível tonteira. O mundo girou em minha volta, a vista escureceu, os pés ficaram roxos. Devia ser o fim, o

castigo por ter satisfeito tantas vezes no banheiro o calafrio gostoso que descia pela espinha. No consultório, o Dr. Botelho confirmou, sem dar a alternativa animalesca, o diagnóstico do pedreiro Ambrósio:

– Ou você pára com isso ou então vai acabar tuberculoso, leproso ou canceroso. Masturbação — você sabe o que é masturbação? — masturbação mata!

– Não, doutor. O que é?

– Aquilo com as mãos. Friccionar o sexo, violentar a natureza. Isso mata, menino!

– Ah...

* * *

Tarquínio estava no mato sem cachorro. A Igreja, a medicina estabelecida, até a classe operária, uniam-se numa santa aliança, conspirando contra seu prazer. E o tal de O CRUZEIRO ficava cada vez mais atrevido. Debra Paget, Rita Hayworth, Susan Hayward, com aquela boca pedindo beijo, e a meiga Olivia de Havilland contribuíam para o lento suicídio de Esperidião. Olheiras profundas, pele em cima dos ossos. Toda semana a cantilena de sempre no confessionário...

– Tive maus pensamentos. Fiz aquilo.

– Aquilo o quê, menino?

– Aquilo com as mãos, padre. Mexi com as partes proibidas.

– Ah... Isso além de ser pecado, pecado gravíssimo, faz mal para a saúde. Veja como você está fraco. Morre e ainda vai penar muitos anos no purgatório. Dez padre-nossos e 20 ave-marias...

*

IV

A função do jornalista é alarmar a população

Amanheci de pau duro. Devia ser tesão de mijo ou coisa pior. Estava cheio de catarro e nem me atrevia a olhar no espelho. Os sintomas eram de que estava indo direto para outro maio de 68 no princípio do novo século que ainda não me dera nada de bom. O amarelo de minha língua o médico não explicou. O Dr. Bogerijen era como todos os outros, gostava de fazer segredinhos. Continuava duro, mas não ia me masturbar. Não tinha idade para isto, ora bolas!

Velho e pensando em punheta. Que coisa!

Indagava-me se ia comer castanha no Natal de 2010. Mas que castanha? Devia contentar-me com um mingauzinho, que já era muito. Os quadros andavam meio imobilizados nas paredes. Há uns meses que estavam inertes, como sempre deveriam estar. Provavelmente estavam preparando uma sacanagem das grossas, de grande envergadura, um novo maio de 68 ou coisa pior, se é que poderia haver. Coisa horrível a velhice. O amarelão na língua, o cacete duro sem que nem pra quê. A tosse...

O Dr. Bogerijen disse que eu não podia dar asas à depressão. Passaria pra lá, iria além do ponto do não-retorno, o bilhete sem volta, esticava as canelas. Mas quem era o Dr. Bogerijen para dizer o que eu podia ou não podia fazer? A depressão era minha, fazia dela o que me desse na telha. Uma merda. Estava muito velho para aproveitar o cacete duro e muito novo (estaria?) para recorrer ao *Centro de Eutanásia Voluntária*, inaugurado lá no lugar onde existira o bairro da putaria de Amsterdã. Depois, este negócio de morrer ainda me dava medo. Walter disse que era simples, sem problema. A gente ouvia um toim, a vista escurecia e pronto. Que pronto? Não queria arriscar-me a uma taquicardia fatal, como aquela de João Boiadeiro. Em 1968 — o ano que mudou minha vida — foi realizado o primeiro transplante de coração no Brasil pelo Dr. Zerbini e

sua equipe do Hospital das Clínicas de São Paulo. O doador morreu atropelado por um caminhão. O rosto esmagado sob o peso de 20 toneladas.

– Não publica esta coisa na primeira página, João Ribeiro. É horrível!

– Não é por sensacionalismo que publico. É em nome da Ciência.

– Não meta a Ciência nisso. Olha que plasta está isto aí, credo. Os olhos misturados com a boca, o nariz se foi. Há até a marca do pneu do caminhão no lugar onde seria a testa. Publica isto não!

– Vai se foder, Esperidião. A Ciência assim o exige. Isto não é um cadáver qualquer. É o primeiro doador da História do Brasil.

João Boiadeiro até que se recuperou bem. Com o coração do atropelado, latejando em seu peito, ele foi paparicado por todas as enfermeiras do Hospital das Clínicas. Ficou doido, o pobre coitado. Subiu o pau. Bateu uma. A taquicardia foi violenta. O coração novo, mal recuperado do susto de um atropelamento, não agüentou. Pifou. O Dr. Zerbini quase teve um enfarte.

Quem diria que eu fosse varar o primeiro decênio do século XXI falando de João Boiadeiro e sua punheta fatal. Mas essas lembranças talvez fossem até melhores, mais amenas, do que paredes se mexendo e retratos atrevidos fazendo caretas, me aporrinhando com questões e elucubrações filosóficas.

Perguntei a mim mesmo, muitas vezes, se não teria sido melhor ter entrado nos eixos. Poderia ter seguido o caminho de João Ribeiro, levado a sério a profissão, ter ficado, não ter batido asas para terras estranhas.

– A função do jornalista é alarmar a população.— Dizia, com uma convicção igual a de Dona Lalá, meu primeiro chefe de reportagem. Desastres e catástrofes levavam-no ao orgasmo. A foto de um

cadáver tinha para ele o mesmo efeito que tinha para mim a Debra Paget de maiô.

Não quis me dedicar a fundo. Achei um lixo a foto do doador. Depois, entrar nos eixos seria seguir a rotina, refugiar-me na proteção da hierarquia. Chefes e chefetes. Respeitá-los. Ser um deles. Ir galgando os degraus hierárquicos, publicando fotos de rostos deformados. Gozando com cadáveres mutilados. Um preço que não quis pagar. Nem Walter, meu grande amigo que ninguém compreendeu, foi um dos poucos que me deu razão.

Melhor como fiquei? Podei minhas raízes. Decidi ser estrangeiro e livre. Ou seria isso uma ilusão de velho atormentado por fotografias falantes?

Além da masturbação manual, Tarquínio, depois de velho, começou a apelar para a punheta mental. Este capítulo está definitivamente fora de lugar.

V

Palmas que eles merecem

O Rei Faisal da Arábia Saudita morreu sem poder rezar na mesquita de Jerusalém. Não precisava. Podia ter rezado. Se fosse só para rezar, os israelenses lhe teriam dado, com todo o prazer, o visto de entrada. Financiou durante tantos anos os palestinos, mesmo sabendo que eles não eram chegados às monarquias árabes reacionárias. Guerra santa, era preciso libertar Jerusalém. Provavelmente os israelenses teriam até lhe estendido o tapete vermelho, manchetes, uma propaganda danada, que nem fizeram com Sadat, quando atravessou o canal de Suez e deu uma esticada até Tel Aviv.

– Corta, Esperidião. Qual é? Ficar aí se lembrando do Rei Faisal.

– Recordo do que bem entender. Hoje não estou para conversa com suicida maluco. Deixe-me em paz, Walter.

Realmente, não podia permitir que as fotos atrevidas controlassem todas as minhas recordações. Ditadoras de uma figa! Walter era o pior. Cagava e mijava em tudo que era autoridade, mas depois que saltou do décimo andar veio com esta mania de controlar minha vida. Merda. Não sei por que me lembrei do Rei Faisal. Morrera há tanto tempo e sempre achei nojentos esses xeques abarrotados de petrodólares, cortando a mão de ladrões de galinha. Reconquistar Jerusalém. . .

– Reconquistar pra quê, homem? Jerusalém precisa é ser destruída.

– Fale baixo, Walter. Podem nos ouvir e há coisas que não se aceita nem de um morto. Não quero me meter em encrencas maiores das que já estou enrascado.

– Tarquínio Esperidião, goleiro do Avante, passador de noites sem dormir pensando nas coxas de Elvira, a esbofeteada, ouça

bem: Jerusalém precisa ser destruída. Não reconquistada. Reconquistada, eu pergunto, por quem? A cidade é sagrada demais, caralho. Tem mesquita de muçulmano (ainda que fiquem virados feito bobos para a Meca), o Muro das Lamentações e, ainda por cima, a Via Dolorosa. Melhor destruir tudo, o Muro das Lamentações, a rua por onde teria passado o Crucificado, a mesquita de Omar... Ótimo, destruir três pilares com uma bomba só, atingir, com um só golpe, o coração de três religiões.

Virou terrorista esse Walter depois de morto. Deve estar medido com a tralha toda que não encontrou nenhum paraíso para suportar o tédio da eternidade. Certamente companhias piores do que os moleques do time do Avante.

– A gasolina é para o tanque, homem. Queimar igreja pra quê? Franco está chegando.

É isso, Walter está enturmado com velhos anarquistas espanhóis. Queimaram tantas igrejas e, depois, (pombas!), 40 anos de franquismo no lombo. Só se libertaram do Caudilho — santa misericórdia! — com a restauração da monarquia. Os anarquistas passam e as igrejas permanecem, e os reis e as rainhas, e as princesas e os príncipes encantados, as baronesas empetecadas e os condes embonecados. E o povo idiota, acotovelado, batendo palmas para eles.

– Palmas que eles merecem!

As fotografias ficaram atrevidas demais da conta. Walter, dona Gertrudes, minha bisavó, que já não se contentava em exibir sua carranca amarelada por mais de 60 anos na parede da sala de minha casa, a desgraçada Elvira que nunca me deu e agora vinha me azucrinar depois de morta, ainda cheirando a formicida Tatu, que tomou com suco de laranja. Formicida cheira sim, na boca de morta que não aceita apodrecer debaixo da terra, cheira. Dona Gertrudes foi a primeira a se aventurar no terreno da filosofia, atacando sem dó nem piedade minha última tábua de salvação, o materialismo dialético, que em boa hora arrancou-me dos braços ou das garras da santa madre igreja. Faço questão de escrever com minúsculas.

– O materialismo dialético, inventado pelo fiel companheiro do Marx, e cristianismo são quase a mesma coisa.

Protestei. Retruquei que era uma blasfêmia. Argumentei que isso não era assunto para ser discutido entre bisavó e bisneto. Dona Gertrudes, com a autoridade de uma morta, prosseguiu firme:

– Blasfêmia uma ova! Esta história da contradição já era. Todas as coisas trazem em si o seu contrário? O pinto é a negação do ovo? Bah! O bem e o mal? Troço meio religioso este materialismo dialético! Não cola, Esperidião. A coisa é mais complexa, mais complicada, mais entranhada, você não precisa nem morrer para perceber isso. A realidade tem mais que uma simples contradição. Mais do que um ovo chocado. As contradições vão para o infinito, moço. Olhe aí você, afogado nelas. Solta esta tábua, que neste turbilhão não adianta, seu moço! Conselho gratuito: quem destrói igrejas melhor não construir outros templos.

– Apoiada, apoiada!

Mandei Walter se calar.

– O preço da liberdade é isso aí. Este mar de contradições, esse turbilhão de dúvidas, esse oceano de senões, esse martelar de porquês, esse deserto sem abrigo. Jerusalém sob as areias do Saara numa tempestade global, a Meca transformada em destilaria de uísque (ou cachaça, se prefere), o Vaticano em prostíbulo, a gruta de Fátima em bordel, Buda, Zoroastro, tudo na lata de lixo da História, aquela que Lênin (ou foi Mao?) inventou para ser metido dentro. E com eles, na mesma lata, todos os sistemas opressores. A liberdade é mais cara e muito mais difícil de alcançar do que você pensa. Está em tempo de desistir. Ajoelhe-se, peça-me a bênção, curve-se diante dos tiranos, apague o fogo da dinamite, acenda a vela da submissão, entoe um hino patriótico qualquer, hasteie uma bandeira, vista o uniforme da obediência, aprenda a dizer sim senhor. Ou, então, enfrente o deserto, siga o conselho do maluco do Walter

e destrua a Jerusalém incrustada em sua cabeça de uma vez por todas!

– Calma dona Gertrudes. Não espante o rapaz. Venha, Tarquínio. Venha firme e sem medo. Vou-lhe ensinar como sobreviver no deserto, como se livrar de Jerusalém e de todos os templos. Num boa, não se impressione com esta velha princepeira, sem jogo de cintura, desbotada pelo tempo.

– Moleque atrevido. Suicida que não agüentou o tranco!

Fechei os olhos e criei coragem para mandar Walter e dona Gertrudes se calarem. Não adiantou. Não me atenderam. Continuaram discutindo, até que vencidos pela exaustão desapareceram. Walter, mergulhando-se na foto do Avante, ainda gritou:

– Jerusalém precisa ser destruída!

*

VI

Lhe dou dois dias para arrumar pelo menos um inimigo

O inconveniente dos retratos falantes era a capacidade que tinham de pisar exatamente no calo da gente, de levantar recordações que ficariam melhor arquivadas num canto inacessível da memória, caso não fosse possível apagá-las de vez, destruí-las. Os momentos de fraqueza, de covardia pura e simples, eram em geral os que mais gostavam de focalizar. Eu diria que eram todos uns sádicos. Um atrevimento atrás do outro. Abria inocentemente uma revista, começava a ler e, de repente, do canto da página, uma foto qualquer piscava o olho e começava a abusar, sem o menor sentido de autocensura, uma grossura atrás da outra. Dentro da minha experiência, as fotos sempre foram todas mal-educadas, indiscretas, pornográficas, sem compaixão por ninguém. E odiavam os diminutivos. Uma vez, quando eu lia uma velha VEJA, uma fotografia do Marechal Castelo Branco, cabeça enterrada nos ombros, me disse:

– Diminutivo cheira paternalismo, pieguice, sentimentos que nós, que já vimos retratos dependurados em paredes ou ilustrações de revistas, não podemos admitir. Descongele esta memória, Esperidião, deixe de frescura.

Que coisa, se não bastassem Walter, Dona Gertrudes e a suicida que não me deu, até Castelo Branco estava querendo controlar minhas recordações. Não podia me entregar.

Respondi ao Marechal que não ia descongelar não. Pelo menos por enquanto pretendia mantê-la presa na parte mais obscura de meu subconsciente, sepultada por lá, se possível até que meu cérebro virasse pasto dos vermes. Um descongelamento poderia provocar uma avalanche, talvez pior, uma reação em cadeia, levando-me àquele dia sombrio de maio de 68. O que está congelado deve ficar congelado, como o gelo do Everest.

Sempre foi muito mais agradável nadar nas recordações da superfície. Não queria mergulhar nas águas turvas das dúvidas que baratinaram minha juventude e continuaram infernizando o resto da minha vida por obra e graça desses quadros ditadores. As fotografias só me fizeram encontrar monstros prontos a me devorarem, levaram-me a labirintos sem saída ("se vire Esperidião"; gritava Walter sorrindo da minha babaquice subjetiva), mas não adiantava. Inventaram esfinges, plantaram problemas, semearam senões, introduziram o *mas* onde eu já tinha tranqüilamente afirmado o *sim*, azucrinararam minhas certezas. Quis checar no Aurelião se a palavra existia. E também checar se checar era permitido. Deu-me preguiça. E quem se importava com isso, com Aurélio ou sem Houaiss, as fotografias desbocadas estavam me azucrinando mesmo, rompendo as muralhas do que não deve ser revelado.

Como seria mais agradável falar de coisas superficiais. Semântica, gramática, estilo literário, meteorologia, trepadas gostosas, punhetas, probleminhas (perdão Marechal) com colegas de trabalho, ciúminhos (foi sem querer Marechal) bestas, sexo dos anjos, astronomia. Dizem que o sol vai virar uma mísera anã branca, encolher-se como um velho, daqui a uns 5 bilhões de anos. E eu com isso?

Mas, sejamos justos, feitas as contas, fora os inconvenientes, existiam algumas vantagens em ter as fotografias se movendo e falando pelos cotovelos. A maior delas, eu creio, foi a de ter-me tornado menos diplomático, mais pão-pão, queijo-queijo. Desde aquela histórica manhã de maio de 68 nunca mais levei desaforo para casa. Alguém pisava no meu calo eu dava o troco na hora. Com juro. Me fazia uma ofensa, eu me vingava com ofensa e meia e uns trocados. Ótimo. Sem apelação, sem condescendência, sem melindres de político em campanha eleitoral.

– Compadre, aonde vai tão apressado?

– Vou colocar esta bomba naquela ponte, os fascistas estão chegando.

– Espere, compadre. Vou com você.

Por quem os sinos dobram?

– Os vencidos não tem vez.

Era o Marechal Castelo Branco acordando-me de meus devaneios de cachorro que late e não morde.

– Da sua cretina masturbação mental.— Arrematou o Walter.

Águas turvas. Que coisa! Quando os espanhóis amargavam o Caudilho, os quadros não se moviam nas paredes, eram obedientes à lei da inércia, bem comportados, passivos, com a mesma pose congelada durante anos e anos. Quando eu era criança, o buraco era mais embaixo. O olhar do pai chegava para calar a rebeldia do garoto. Cachorro perto do dono enfiava o rabo entre as pernas e as esposas, puras e cândidas, abriam as coxas para que os senhores maridos enfiassem ali o que bem entendessem. Uma ordem exemplar. Obediência acima de tudo. Os alemães prostrados diante de Adolfo.

Feliz o povo que não precisa de heróis?

Felizmente deixei de ser bonzinho, podia crer o Marechal do golpe dos idos de 1964. No meu decálogo, a obediência figurava como o pior pecado, se eu fosse pela pena de morte diria que os submissos mereceriam o fuzilamento sem apelação. Mas eu preferia ficar com a Rosa, a Luxemburgo, contra a pena de morte até a morte. Já rasguei e joguei no lixo o *Diploma da Cruzada* de Dona Lalá, cuspi as hóstias que comunguei naquelas longínquas primeiras sextas-feiras e limpei a bunda com o que sobrou das obras completas de Wladimir. Depois de 68 tudo mudou para mim. Walter, mesmo quando vivo, tinha razão em sua advertência, seguida de ameaça:

– Deixe de bancar Jeremias, o Bom. Coisa chata esse negócio de querer agradar a todo o mundo. Não abuse de minha paciência, Esperidião. Lhe dou dois dias para arrumar pelo menos um ini-

migo. Caso contrário não converse mais comigo. Eu serei o primeiro.

* * *

Vou deixar os capítulos na desordem em que foram escritos. Poderia, mas não vou recorrer ao POA, Programa de Ordenação Automática, inventado por um francês qualquer, atacado de cartesianismo agudo.

VII

Aperta o botão e deixa rodar

Esta mania de ficar remexendo em fotografias velhas estava para me enlouquecer. Uma tentação. Elas queriam me mostrar de todo o jeito o filme de minha vida.

A desgraçada da Elvira, que morreu bebendo formicida Tatu com suco de laranja, estava toda excitada, prometendo um filme em cores, num cinerama perfeito.

– Aperta o botão e deixa rodar, Esperidião.

Sem vergonha! Quando viva nunca me deu bola. Sem vergonha dos trezentos. Fez-me padecer durante toda a adolescência, tentando-me com seus seios durinhos, pontiagudos, destruindo-me com o olhar de "não te ligo". Não pude resistir. Minha avó pegando-me pelos pés, molhado, sangue na cara, cordão umbilical ainda saindo da boceta de minha mãe. Roxo como uma berinjela.

– Este não escapa, nem respira direito.

Flashes atravessados, seqüências desarrumadas. Houve coisas boas também. O que foi melhor, a primeira trepada ou a primeira punheta? Santa misericórdia, memória com fios soltos, programa feito nas coxas.

*

Tinha de ser com uma puta minha primeira trepada. As putas são o esgoto da sociedade. A cloaca onde se esvazia a porra dos senhores varões e seus filhos. As filhas que agüentem a castidade, afoguem o desejo em mil fantasias, mergulhadas no lamaçal do complexo de culpa. Noites mal dormidas, cólicas, desmaios. Pena que aqui não se cortam os clitóris. Sem elas, as putas, as filhas de família correm o risco de levar ferro antes do bendito casamento.

Estou exagerando. Não era nestes termos que falava o Dr. Irineu, o eloqüente advogado que tinha resposta para tudo.

– As prostitutas são um mal necessário, sem elas, a família corre o risco de perder a castidade de suas donzelas.

Walter, que estava até quieto, mergulhado naquele montão de retratos velhos, não agüentou a recordação da sentença do eminente advogado. Deu um berro, que fez tremer o velho quarto.

– Corta essa, Tarquínio Esperidião. As putas são é um bem necessário. Sem elas como é que os feios iam foder? Iam ter de passar a vida toda batendo punheta? — E recitou, como se estivesse num palco:

*"Não lamentes, oh Nise, o teu estado;
Putas tem sido muita gente boa;
Putíssimas fidalgas tem Lisboa,
Milhões de vezes putas tem reinado.*

*Dito foi puta e puta dum soldado;
Cleópatra foi puta alcança a coroa:
Tu, Lucrecia, com toda a tua proa,
O teu corpo não passa por honrado.*

*Essa da Rússia, imperatriz famosa,
Que ainda há pouco morreu (diz a Gazeta)
Entre mil porras expirou vaidosa.*

*Todas no mundo dão a sua greta.
Não fiques, pois, oh Nise, duvidosa,
Que isto de virgo e honra é tudo peta"¹*

Tapei meus ouvidos, não queria mais ouvir Walter. Houve uma época em que pensei que o Dr. Irineu talvez tivesse razão. Quando fodia Etelvina, puta velha de guerra, eu via era a imagem de Elvira com os seios pontiagudos e as coxas roliças, os cabelos

¹ 1. João Vicente Pimentel Maldonado

castanhos descendo pelos ombros, os olhos de uma cor entre o verde e o cinza, a boca desenhada para o beijo, as cadeiras sempre mexendo num ritmo que me provocava febres e noites sem dormir.

Morreu antes de completar os 19. Formicida dissolvida em suco de laranja, já sabem. Três dias depois do casamento. Tinha ainda os olhos roxos do tapa que levou de Eltinho na noite mesma do casório. Coisa de mineiro com complexo de chifre. Não era virgem. O cabaço já tinha ido para o beleléu por obra e graça de Artur, que investia praticamente todo o seu tempo na arte da conquista. O grande descabaçador. Eu sonhava e ele é quem comia. Filho da puta!

O Dr. Irineu me intimidou. Era a voz da ciência local em defesa de todos os cabaços. Eu morria de medo das moças de família. Aquelas bocetinhas eram sagradas. Minha mãe era ainda mais radical que o Dr. Irineu. Queria preservar a virgindade das garotas e acabar ao mesmo tempo com a putaria. A castidade acima de todas as coisas. Talvez Deus recompensasse a humanidade, permitindo que as virgens parissem, como já teria acontecido uma vez, segundo a lenda.

Mas – merda – trepar era tão bom, mesmo depois que passei a ter quase só tesão de mijo. Elvira tinha as coxas tão gostosas, tão redondinhas. A coisa ficava remoendo na minha cabeça, já estava passando do tempo de esquecer a tomadora de formicida. Mas não foi possível, ela estava de volta com sua beleza congelada no frescor fixado de seus 19 anos.

– Três padres-nossos, dez ave-marias e um recital completo, em voz alta, das Quatro Teses Filosóficas de Mao-Tse-Tung.

O desbocado do Walter queria implantar a confusão definitiva na minha cabeça. Se não bastasse o nó cego criado pelo cristianismo, lá vinha ele com a dialética camponesa do velho Mao. Deu no que deu na China.

Os cortes do filme, quero dizer, desta maçaroca, estão definitivamente fora de lugar. Vai assim mesmo, confuso.

– Quantas vacas há em sua aldeia?

– Isto eu não sei, camarada presidente.

– E como é que teoriza sobre a revolução sem saber sequer o número de vacas em seu vilarejo?

Tantas estórias sobre o velho Mao. Já fui um crédulo, tive o livrinho vermelho na cabeceira da cama. Agora, o que via era uma foto do próprio Mao, desbocadamente se desmentindo:

– Os estadunidenses, tarados como são por estatísticas, seriam os maiores revolucionários do mundo. Contam as vacas, os bezerros e até quantas vezes o touro trepa por semana.

*

Tinha de me afastar dos retratos atrevidos. Tomar um banho, ver se me livrava da poeira do passado. O filminho (desculpe este diminutivo, Marechal) estava horrível. A primeira trepada foi mais ou menos assim: Etelvina deitada no catre, pernas abertas, frouxa, parecendo um saco de batatas. Nem tirou a roupa toda. Apagou a luz. Não vi nada. A boceta continuou sendo um mistério. Gozei em menos de um minuto, a boca seca, as orelhas ardendo.

– Anda com isso, menino. Tem freguês esperando.

Mais rápido como? Esgoto! Repositório da gonorréia dos filhos de família!

– Veja se arruma umas passagens melhores deste filme, Esperidião.

Walter outra vez bagunçando ainda mais meu coreto.

Além do Dr. Irineu e de minha mãe, havia também o Frei Bartolomeu com suas frases apocalípticas em defesa da virgindade. Sua Bíblia era *O Problema Sexual e Sua Solução* do padre Lacroix. Não poucas vezes eu o ouvi gritar do púlpito da matriz:

– O amor livre é o túmulo onde se enterram vivas as moças de família.

Elvira morreu com aquelas coxas redondinhas e carnudas. No bilhete ela dizia:

"Artur, amor de minha vida, sem você é melhor a formicida".

Será que ela foi enterrada viva para pagar aquelas trepadas traiçoeiras com o Artur? Walter mandou-me sentar no dedo e rodar. Gritou:

– Que nada! A sem vergonha foi metida numa cova de caralhos, afogada num mar de porra, entre gemidos de prazer e danação. E está gostando pacas, num orgasmo eterno!

Sem vergonha, sim senhor. Mas eu nunca conheci seus gemidos de prazer. Padei o desejo em toda minha adolescência. Ou era punheta ou eram as Etelvinas da vida. Agora, morta, transformada em fotografia amarelada, lá vinha ela toda dengosa, mandando eu rodar o filme da minha vida.

– Volta pra sua cova, desgraçada! Putinha suicida!

Se eu continuasse remexendo as fotografias ia na certa acabar sucumbindo à tentação dos folhetos do Centro de Eutanásia Voluntária. Criar vergonha na cara e entrar pelo portão adentro.

VIII

O senhor acha que míssil tem botão tão macio e redondinho como este?

– Estas malditas armas nucleares!

Nada melhor que um general bêbado para abrir o jogo. E melhor ainda, um general vivo, face rosada, muito longe de ser uma fotografia amarelada. Fina flor do Pentágono.

O coquetel andava animado, "gatinhas" tomando banho de champanhe. E eu lá, num canto, observando e ouvindo. Uma das melhores coisas da profissão de jornalista são os coquetéis. Em princípio a gente não vai atrás de notícia nenhuma, só estamos ali para beber, fazer relações públicas. Divertido, conversar com os piores crápulas do mundo — gente que gostaríamos de cuspir na cara — como se estivéssemos papeando com os melhores amigos. De repente, quando menos esperamos, a notícia está ali, de bandeja, sem que nenhum retrato atrevido tenha se metido na história.

O General MacDonald tinha se livrado de uma das enfadonhas reuniões em Brasília para uma escapulida ao Rio de Janeiro, onde aliás devia fazer uma palestra na Escola Superior de Guerra. Estava solto naquela noite. A festa era em sua homenagem na residência do Cônsul dos Estados Unidos no Rio. Fui parar ali por acaso, jornalista brasileiro no exterior, acompanhando coleguinhas locais para uma boca livre com muito uísque.

O General MacDonald já estava encharcado de cachaça, que nunca tinha bebido na vida. Cercado de mulheres tostadas pelo sol, pentelhos à vista, ia descarregando seu arsenal de besteiras.

– Estas malditas armas nucleares!

– How can you say such a thing, general? Aren't you for a strong United States?

O general nem ouviu o acanhado cônsul. Estava eufórico, de pau duro, mascando seu charuto fedorento. Na versão portuguesa, dizia aos brados:

– Malditas armas nucleares. Malditos mísseis. Estou desesperado. Mês que vem completo 60 anos, à beira de ficar gagá e acabo morrendo sem ver uma guerra. Vida de merda. De que adianta ser general sem guerra. Eu quero uma guerra, uma guerra pelo amor de Deus!

– Mas general, modere-se! Há tantas guerras por aí.

O pobre cônsul, diplomaticamente constrangido, já não sabia mais o que fazer com aquele general sem papas na língua. Depois de mandar o cônsul ir tomar no cu (fuck yourself, na versão inglesa), o general MacDonald prosseguiu seu discurso:

— Guerras de segunda classe. Quero o negócio pra valer. Eles lá e nós aqui. Quero marchar sobre Moscou, mijar no mausoléu de Lênin, cagar na cova de Stálin, explodir o Comitê Central, pombas. Detente de merda!

– General! — Era o Cônsul, já quase perdendo a diplomacia.

– Foda-se! Estas armas nucleares foderam tudo. Inventaram esta detente de merda por causa delas. Míssil nuclear destrói tudo, homem. Destrói tudo. Aliados, inimigos, tudo. Não faz discriminação de preto, nem de branco, mata judeu e palestino. Como é que vamos fazer guerra com uma merda dessa? Só se for para explodir tudo mesmo. Se dependesse de mim... Bota mais cachaça, falei certo? Onde está o botão deste míssil? Achei!

– Sossega general. O senhor acha que míssil tem botão tão redondinho e macio assim? Não desça mais a mão, o buraco negro está aí em baixo.

Na altura dos acontecimentos os quadros já não suportavam mais. Só faltava Abraham Lincoln tomar uma atitude mais firme do que a daquele Cônsul babaca. Sair da moldura e ir logo enrabando o general sem papas na língua. Mas quem primeiro se manifestou foi a princesa Isabel, que saltou sem muita cerimônia de dentro de um livro de História da biblioteca da casa do Cônsul. Ela passou despercebida pelos convidados com o seu eterno semblante de quem assinou e depois se arrependeu. Fez um gesto de quem ia dar um bofetão no rosto da moça do buraco negro. A pronta interferência do Barão do Rio Branco, que também saltou do mesmo livro, fez com que a princesa voltasse a seu ar de eterna arrependida.

– Você fique quieta no seu canto. Andam dizendo por aí que perdemos o Império por sua culpa. Você fez até escravista virar republicano.

– Estas malditas armas nucleares!

O Barão do Rio Branco, depois da reprimenda e de ter aprovado com o olhar o grito do general, caminhou para meu lado sem a diplomacia que era de se esperar. Fui logo perguntando:

– Explica, Barão, que negócio é este de general antinuclear?

– Simples, cristalino. — Retrucou o fidalgo com o mesmo bigode das antigas notas de mil — O general está absolutamente certo. Arma nuclear é imprecisa, lenta, destrói tudo, torna a guerra impossível. Aliás, meu caro Esperidião, nada de novo. A velha teoria da deterrence. Aquele papo, a paz pela força. O Peacemaker. O Napoleão, o Adolfo, a cambada toda de filhos da puta, os poderosos que estão por cima da carne seca, arrumam a paz ou a guerra que lhes convém, enfiando na bunda do resto, ameaçando com armas imbatíveis.

– Mas, Barão, e a diplomacia?

– Ora, Esperidião, não foda minha paciência. Depois de tantos anos manuseado nessas porcarias de livros de História, cagado

por pombos em parques e jardins, você acha que ainda tenho saco para ser diplomático. O general MacDonald não é nenhuma exceção. Tem muito general por aí, desesperado com tantos mísseis e ogivas nucleares, condenados apenas a viver numa guerra de bate boca, no máximo apoiar as guerrinhas de segunda classe na periferia.

– O canhão de laser é nossa salvação, bota cachaça aí!

– O general tem mesmo razão — continuou o fidalgo. — Com armas eletrônicas, canhões de laser no espaço, tudo certinho, computadorizado, os generais vão poder brincar de guerra novamente. Destroem-se as porcarias dos mísseis e começa a brincadeira. Pimba, uma descarga de laser na sala de reunião do Comitê Central. Lá se foi, desintegrado, o Salão Oval da Casa Branca. Uma maravilha de guerra, nada de explosões loucas, provocando invernos nucleares, escafedendo tudo. As guerras entre eles se tornarão possíveis. Maravilhoso. Talvez o general MacDonald possa até mijar no mau-soléu de Lênin, antes que tirem sua múmia de lá. Ou, quem sabe, possa ser enrabado em Washington por um comando soviético, antes que aquela porcaria caia de podre. Estão dizendo que está caindo.

– E os mísseis estocados, capazes de pulverizar dezenas de vezes nosso Planeta?

– Vão para a lata de lixo, Esperidião. Ou para os museus. Ninguém utiliza mais arco-e-flecha, ou lança, numa guerra pra valer. Vamos poder presenciar outra guerra mundial, sim senhor. Limpa, sem resíduos radiativos. Você está tomando banho, cantarolando uma velha canção água com açúcar dos tempos da Segunda Guerra e, de repente, desaparece sem deixar traço, desintegrado por uma descarga vinda do espaço. Beleza!

Eu não tinha porque duvidar do Barão do Rio Branco. Seus argumentos eram mais que convincentes. Pensei em voltar para casa, estava prá lá de satisfeito, comi tostadinhas com caviar regadas com o melhor uísque da praça, camarões enormes e todo tipo

de canapés. O convite para o coquetel foi a melhor coisa que me aconteceu durante as férias no Rio de Janeiro. Além do general desbocado, foi muito bom ter a assessoria do Barão do Rio Branco. Engraçado é que a princesa Isabel, depois do sabão, não disse nem mais um pio, recolhendo-se arrependida nas páginas do livro do Hélio Vianna.

*

No dia seguinte deveria tomar um avião de volta a Europa, recolher-me no meu canto de eterno observador, curtir a liberdade de ser um desgarrado cultural.

Uma guerra! Quem sabe, pensava, eu poderia presenciar a pulverização do quartel geral da OTAN antes que se tornasse obsoleta nos novos arranjos e alianças dos poderosos, o espetáculo de lasers cruzando o espaço; uma guerra limpa. A única merda era a crescente sensação de que estava deixando de ser estrangeiro, em qualquer lugar que estivesse neste Planeta.

— Você está absolutamente certo. — Era a foto de minha bisavó, saltando de minha carteira para confirmar a suspeita.

*

IX

General foi apertar o botão e acertou o buraco negro

Quando eu disse a dona Gertrudes que já estava cansado das besteiras do general MacDonald e ia embora, ela me disse:

– Não, você não vai não. Olhe para trás.

Olhei e vi Walter, com aquela cara de moleque, abraçado na maior intimidade com Truman, que havia saltado da moldura pregada em cima da escrivaninha do Cônsul. Estavam ao lado do general MacDonald, que já tirara a calça para exhibir a cueca toda esporrada. Não agüentou a décima quinta dose de cachaça e vomitou nas coxas da moça de vestido vermelho, que fazia dupla constante com a do buraco negro. Walter e Truman riam, parece que muito mais da agonia do Cônsul do que da coroação do vexame do general.

– Vem cá, Esperidião.

Era muito difícil fugir do Walter. E, depois, eu tinha mesmo umas perguntas a fazer ao Truman. Aproximei-me e fui logo perguntando:

– Que negócio foi aquele de explodir Hiroxima e Nagasaqui?

– Give me a break, Esperidião!

Olha aqui, Truman, que *break* que nada. Explica! A bomba não era para intimidar os soviéticos que já estavam com as manguihas de fora? Por que você não aceitou a sugestão de explodi-la no mar?

– Sai com esta, Esperidião! Tenho de explicar de novo? Matar peixe intimida alguém? Intimida, Esperidião?

Walter esfregava as mãos de contentamento. Duvido que não tenha sido ele quem arrancou Truman à força de sua moldura só para me provocar.

– Pô, Truman, a guerra já estava no fim, a japonesada estava na merda total.

– Foda-se. Uns japoneses a mais, uns japoneses a menos, que diferença iam fazer. Mas, corta esta da bomba. Não vim aqui para falar disso. Águas passadas, bomba atômica já era, bicho. Você não está ouvindo a lamúria do general? Vim para lhe avisar que vocês vão ter saudades de nós. De mim, do John, do Richard, do Ronald...

– Qual Ronald? O ator presidente?

– Evidentemente, Esperidião. Tranquilo rapaz, vem aí um tal de W.B. que vai botar na bunda de todos vocês...

– Você também vai engrossar, Truman? Que W.B. é este? Nunca ouvi falar. Retrato tem também bola de cristal, tem? Ou é coisa de cinema?

Nesta altura, minha bisavó, que já tinha se acomodado em meu bolso, não agüentou. Explodiu. Um *blow up* que atordoou meus ouvidos. Pareceu-me que a matrona tomou proporções maiores e, de repente, fez o que eu nunca tinha visto um retrato fazer. Partiu para a agressão física. Deu um sopapo em Truman.

– Sai pra lá, fogueteiro!

Segundo dona Gertrudes, Truman tinha sido o maior pirotécnico da História da Humanidade.

– Isto ainda não é História. Você quer confundir ainda mais os miolos do meu bisneto. O Esperidião espera acontecer.

– Mas, dona Gertrudes, agora estou morto de curiosidade em saber quem é ou será esse W.B. Deixa Truman falar.

– Espere rapaz! Tenho uma história mais interessante para você, a de João Pedro.

– João Pedro? Se fosse pelo menos John Peter.— Balbuciou Truman com um fio de sangue escorrendo pelo canto da boca.

– Senta nesta banana radiativa e cala a boca, velho filho da puta.

Minha bisavó estava realmente furiosa. O general MacDonald acabara de ser carregado para fora do salão, escornado, babando. Aquele coquetel ia fazer história com manchetes e comentários na imprensa mundo afora. Pena que a maioria dos colegas concentrou-se no vexame ético do general, deixando em segundo plano suas idéias sobre a guerra. O Adido Cultural e o chefe de relações públicas da representação diplomática estadunidense tiveram de passar o resto da noite acordados, telefonando para os jornais e bolando uma nota que explicasse o vexame. No final, inventaram que elementos anarquistas, infiltrados na recepção, tinham colocado uma droga alucinógena na bebida do general. No dia seguinte, com a cabeça estourando de ressaca, o general reuniu a imprensa para pedir desculpas, reafirmando seu compromisso com os ideais de paz e seu apoio incondicional à política da detente.

*

Foi grande a repercussão na imprensa. Em, O DIÁRIO, a manchete em letras garrafais:

O BARATO DO GENERAL

Na **GAZETA DO BRASIL**, um título mais discreto:

GENERAL É VITIMA DOS ANARQUISTAS

O CÍRCULO, além da manchete, dedicou ao assunto o seguinte editorial:

CACHAÇA OU LSD?

Que o general MacDonald foi vítima não temos a menor dúvida. Resta saber se foi uma vítima inocente de elementos perniciosos, anarquistas sem escrúpulos, que envenenaram sua bebida com alucinógenos (conforme parecem apontar todas as provas) ou se foi apenas mais uma vítima de nossa tão querida cachaça. Seja como for, no Pentágono não tem cachaça nem LSD. E é lá, sóbrio, que o General toma as decisões que podem nos afetar. Ontem, durante a entrevista coletiva, pudemos ouvir um general MacDonald sóbrio, reafirmando seus ideais a favor da Civilização Cristã e Ocidental. É este o General que nos interessa. O outro—embriagado de cachaça ou baratinado de LSD — foi apenas um incidente, no máximo um deslize infeliz a que todos nós, humanos, estamos sujeitos.

A BATALHA DEMOCRÁTICA se esbaldou. O redator-chefe babou de alegria e gritou a plenos pulmões o que seria a manchete em letras garrafais. O zinco do dia:

O GENERAL FOI APERTAR O BOTÃO E ACERTOU O BURACO NEGRO

Em baixo, o seguinte subtítulo:

A moça não gostou e disse:

Aqui não é cumbuca para imperialista meter a mão

Na revista O BERRO, o redator especializado em puxa-saquismo escreveu um elogioso artigo, ressaltando a brilhante carreira do general MacDonald, sua folha corrida de militar exemplar, terminando a lengalenga assim...

O caso demonstra que a imaginação terrorista não tem limites. As provas são irrefutáveis: o exame de laboratório demonstrou

claramente a presença de ácido alucinógeno na bebida do General. A estratégia do terrorismo internacional, dos anarquistas que agem como cães danados, é a desmoralização dos líderes mundiais comprometidos com a defesa das liberdades democráticas e da paz.

*

– Vamos embora, Esperidião. No caminho eu lhe conto a história de João Pedro.

Dona Gertrudes estava tiririca da vida com aquele general com a cueca esportiva.

*

X

Isto aqui é uma cama de respeito

Em 1945, quando Truman realizava seu grande espetáculo pirotécnico em Hiroxima e Nagasáqui, João Pedro estava atolado na lama. Chovera muito, a estrada para a fazenda do Pau Oco transformara-se num extenso lamaçal. A roda da carroça, gemendo, afundara quase até o eixo. Mimoso cagava de fazer força, tentando arrastar seu companheiro de canga. Mas a maldita carroça não movia um palmo. Miguelito, neto e ajudante de João Pedro, desesperado, gritava a plenos pulmões:

– Desgraça pelada!

E tocava a vara de ferrão na bunda do pobre Mimoso. João Pedro mantinha-se na mesma calma, atolado na lama até os joelhos.

– Oi, oi.— Dizia ele para os bois. E acrescentava:

– Paciência Deus amor. Paciência Deus amor...

– Desgraça pelada.— Retrucava Miguelito.

O desbocado do Walter, que se sentou a meu lado no táxi — ele à esquerda, minha bisavó à direita — tinha uma teoria sobre João Pedro. Era o protótipo do preto de alma branca, produto acabado da Lei assinada pela princesa arrependida. Mesmo atolado na lama, sentia-se feliz e agradecido. O "pai" — explicamos já já estas aspas — foi escravo, mas João Pedro nasceu no "ventre livre" da mãe que fora violentada, pouco antes da lei assinada pela princesa Isabel. Violentada por Sinfrônio, genro de dona Gertrudes, meu avô, então herdeiro da fazenda do Pau Oco. A coisa se passou detrás de uma moita de bananeiras, numa noite que fazia um calor desgraçado.

– Vem cá, crioula filha da puta.

– Pra que, sinhô?

– Não conversa, crioula. Vem cá. Levanta a saia.

– Sinhô, num faz isto não. A Sinhazinha tá na varanda.

– Cala a boca, crioula. Levanta esta saia.

João Pedro, leão de signo, cordeiro de natureza, nasceu três meses depois da Lei Áurea.

Pelos cálculos e pela aparência, o pai de João Pedro na verdade não era o pai, mas Sinfrônio das Neves. O estupro detrás da moita de bananeiras rendeu seu fruto. O maior defeito do desgraçado do Sinfrônio era a atração irresistível que sempre sentiu pelas bundas redondinhas das escravas. Sinhá das Neves, filha de Dona Gertrudes, sabia, mas perdoava. Para apaziguar seu ciúme, ela argumentava durante as noites de insônia: "escrava é como bicho, não tem importância. Quando ele quer rosetar com gente ele roseta é comigo".

– Era uma idiota minha filha. Sinfrônio também tinha suas sirigaitas brancas no Cabaré.

– Dona Gertrudes!

– Cala a boca Esperidião. Deixa a velha contar a história.

João Pedro cresceu na fazenda de Sinfrônio, Seu Sinfrônio, depois que se tornou o dono da Pau Oco. Era uma doçura de pretinho, que se enquadrava muito bem na descrição do menino puro do Padre Lacroix:

"Tem a aparência boa, sadia, simpática, risonha, atraente, olhos brilhantes e alma mais brilhante ainda; é respeitoso, reverente, gentil, atencioso, submisso, obediente, aplicado, atento, estudioso, cumpridor dos deveres, religioso, piedoso, amado de todos e do próprio Deus, um santinho de grandes esperanças para si, a família, a Igreja e a Pátria" .

– E a dialética gente? Cadê o oposto disso aí? Onde é que eu me enquadro?

Walter, exigindo mais uma citação de *O Problema Sexual e Sua Solução* do Padre Lacroix.

"Quadro do menino impuro: Tem aparência desagradável, meio doentia e murcha, apática, repelente; olhos apagados, irrequieitos e fugitivos; é irreverente, desrespeitoso, malcriado, desobediente; preguiçoso, desatento, mau estudante; empestado de alma, sujo de pensamentos, sentimentos, olhares e palavras e no corpo inteiro, sem religião, antes escarnecedor dela, detestado pelos homens e odiado por Deus, um endemoninhado, escandaloso, perigoso para os outros, membro pútrido da sociedade senão mesmo criminoso, perdido para si, a família, Igreja e Pátria".³

– Amém, gritou Walter.

João Pedro dormia num pequeno quarto ligado à cozinha da fazenda do Pau Oco. Sinhá das Neves às vezes ficava grilada, o rosto do desgraçado tinha um quê de Sinfrônio. Mas João Pedro era tão bonzinho, tão obediente, tão compenetrado, que a Sinhá acabou gostando dele.

– Depois, não tinha remédio. A plasta da minha filha tinha de gostar mesmo do moleque.

Em toda a redondeza, as vizinhas fofocavam: "é uma santa a Mafalda do Sinfrônio".

Só que a santa tinha um tesão dos diabos e era obrigada a foder na maior compenetração. Se esboçava um gemidinho de prazer, se dizia o menor ai na hora do bem bom, lá vinha o Sinfrônio com seu rosário de carões e reprimendas.

³ Idem, pag

– Que é isso mulher? Comporte-se. Isto aqui é uma cama de respeito. Os empregados podem ouvir.

O jeito era ficar esparramada na cama, sem se mexer, deixando Sinfrônio descarregar sua porra em, no máximo, um minuto e meio de foque-foque. Não raras vezes, remoída pela frustração, Sinhá das Neves fantasiava situações as mais espúrias. Sonhava em ser uma preta de bunda redondinha, que nem a da Das Dores, a mãe de João Pedro. Queria trepar como bicho, gritando, gemendo, babando. Queria enfiar o dedo no cu de Sinfrônio até que ele estremecesse de prazer. E, depois, meus Deus, os franceses! Dizem que faziam isso, baixar com a boca e chupar toda aquela porra.

O grande martírio de Sinhá das Neves era na hora da confissão. Ela sabia muito bem que Frei Víctor não aceitava generalidades. O miserável queria detalhes, os pormenores para só então conceder o perdão.

– Tive pensamentos horríveis, padre.

– Dona Mafalda, que história é essa de pensamentos horríveis. A senhora não é mais nenhuma mocinha. Adolescente é que vem com esta história de maus pensamentos. O que foi que a senhora pensou?

– Padre, padre... Prefiro não dizer. É coisa baixa, indecente, imoral. Não é coisa de cristão. Acho que vou me queimar no fogo do inferno.

– A cretina estava era aguçando a curiosidade do laçao do Vaticano.— Comentou Walter.

E frei Víctor:

– Dona Mafalda, eu sou o seu confessor. Como posso interceder junto a Deus, como posso pedir-lhe o perdão, se não sei que pensamentos passaram por sua cabeça? Diga!

– Ai meu Deus. Padre, padre... Pensei pior que uma prostituta, reduzi-me a algo pior que uma dessas pretas sem eira nem beira. Gemia quando Sinfrônio cumpria suas obrigações matrimoniais. Cheguei, ai, meu Deus...

– Continue dona Mafalda. É importante que eu saiba. Deus misericordioso vai lhe perdoar.

– Padre, não! Por favor, seja condescendente comigo. Dispense-me da vergonha, não posso dizer...

– ORDENO-LHE QUE ME DIGA!!!

A voz de Frei Víctor ecoou como se fosse um trovão, fazendo tremer a Igreja e liquidando de vez a última resistência de Sinhá das Neves.

– Com o meu dedo, padre, com o meu dedo. Enfiei-o no anus do Sinfrônio. Ouvi seu gemido de prazer e, depois, ai meu Deus, danada pela tentação, fiz aquilo que os franceses fazem.

– O que dona Mafalda?

– Aquilo, padre.

– Aquilo o quê, dona Mafalda?

– A boca, padre. A boca, a língua, nas partes do Sinfrônio!

Quase um minuto de silêncio. Sinhá das Neves de cabeça baixa. Frei Victor de mãos postas, criando suspense até que falou:

– Dona Mafalda, isto é gravíssimo. A senhora esteve possuída pelo demônio, não tenho a menor dúvida. Como penitência, a senhora vai escolher uma obra de caridade que será uma obrigação até a consumação de seus dias.

Para se redimir daqueles maus pensamentos, Sinhá das Neves escolheu como tarefa criar em sua casa o fruto da trepada de Sinfrônio com Das Dores. Tirou João Pedro da tapera velha, infestada de barbeiros, onde vivia com sua mãe e foi criá-lo como gente, fazendo dele o protótipo do menino obediente, católico praticante, temente a Deus, nos moldes concebidos anos mais tarde pelo Padre Lacroix.

"João Pedro é minha redenção. Deus escrevendo certo com linhas tortas. Vou fazer dele um negro branco, gente. Sua negritude, na certa um castigo de Deus, vai lavar minha alma, livrar-me dos pensamentos espúrios. Sinfrônio nunca mais ouvirá um gemido meu, a não ser de dor".

– Minha filha merecia muito bem ter ganhado o troféu da baquice.

*

XI

Em briga de morto vivo não se mete

– Dona Gertrudes, a senhora me dá licença, mas eu vou interromper um pouco a história deste preto embasbacado com a bondade dos brancos. Estou me lembrando de algo muito interessante sobre o frei Victor. Uma passagem muito bem registrada no meu arquivo de acontecimentos anticlericais e que explica o porquê do radicalismo desmesurado desse laçao do Vaticano.

Incrível, quando vivo, Walter era aquele atrevimento todo. Depois de morto só fez piorar. Era preciso ter muita coragem para mandar minha bisavó calar a boca. Não agüentei e interferi.

– Walter, nem morto você tem respeito? Como se atreve a cortar a dona Gertrudes pelo meio.

– Cale você esta boca, Tarquínio Esperidião! Respeito é o cacete. Nada merece respeito. A dona Gertrudes, amarelada de tanto ficar dependurada na parede, concorda comigo, não concorda? Nada é sagrado, nada merece respeito, nem o sofrimento humano.

– Olhe seu moleque atrevido, não me meta nas suas histórias!

Demorou um pouco, mas até que enfim minha bisavó reagiu. Walter não se deu por vencido.

– Dona Gertrudes, admiro muito a senhora. Somos retratos falantes, sombras do passado, não precisamos dessas frescuras. A senhora tem tempo para contar a baboseira que foi a vida de João Pedro e da idiota de sua filha e seus gemidos de dor.

Depois do sopapo que dona Gertrudes deu na cara de Truman, pensei que ela fosse também partir para a agressão em cima de Walter. Mas não, atitude inédita, minha bisavó pôs a língua para

fora, fez uma careta moleque, seguida de um gesto obsceno com o dedo, antes de encolher-se em sua proporção de seis por seis.

– Meta-me no bolso, Esperidião, e deixe o cretino falar.

– Oh, Walter, eu estava tão interessado!

– Em briga de morto, vivo não se mete. Vamos ver a coisa do outro ângulo, garoto. Do homem de dentro do confessionário, ouvindo rosários de atrocidades e cretinices. Agora que já sou retrato tenho uma compreensão bem melhor das coisas que me contaram de frei Victor. Você sabe o que ele fazia em seus tempos de seminarista, quando era adolescente?

– Bolas, Walter, o que todo adolescente faz. Batia punheta e depois ia se confessar.

– Aí é que você se engana, Esperidião. Num mundo de probabilidades, de incertezas, generalizar nem sempre dá certo. Victor sempre foi um caso de fanatismo religioso nato. Aos cinco anos tinha visões de Cristo pregado na cruz, só brincava com imagem de santo. Aos sete, quando foi recrutado para ser coroinha, já sabia ler a missa toda em latim. Um gênio! Aos 12, foi internado no Seminário da Consolação, fez voto de pobreza por antecipação (distribuía a mesada com os colegas) na esperança de se tornar uma reprodução exata de São Francisco. Passou uma noite em claro, de joelhos em cima de dois bagos de milho, pedindo perdão para Juvenal. De sacanagem, o Juva, (assassinado pela polícia depois de expulso do seminário, conto isso depois), guardou a hóstia na língua, para, finda a missa, no pátio, mastigá-la na frente de Victor horrorizado. Lembra-se, eu também mastiguei e a dona Lalá quase teve um filho virgem.

Por volta dos 13, apesar do rigor imposto no seminário, no sentido de evitar comidas que faziam subir o pau (amendoim era proibidíssimo), Victor teve sua primeira poluição noturna. E como o desgraçado só tinha contato com coisas da Igreja, ele sonhou com Santa Teresinha. A poluição lhe veio quando deu um mero e simples

beijo no rosto da santa. Victor amanheceu queimando de febre, consumido pelo sentimento de culpa. Seu único desejo era cortar o mal pela raiz ou, para ser mais claro, arrancar aquela coisa imunda que tinha dependurada entre as pernas. Foi se confessar aos prantos. Não se convenceu quando o velho confessor, com a experiência de mil punhetas, lhe disse que era normal, coisas da idade...

– Isso passa, Victor, não se martirize tanto.

– Mas, padre, eu beijei a Santa Teresinha do Menino Jesus!

– Foi um beijo cândido. Um beijo no rosto, de afeição, um beijo de irmão.

– Não, padre. O calafrio que senti não era cândido. O excremento que deixei no lençol é a maior prova da imundície que está em minha mente corrompida, deturpada, enxovalhada pelas podridões do mundo. Prova de que não sou digno de me tornar um seguidor de São Francisco de Assis.

– Victor, Victor, você não deve se martirizar tanto. Você é um rapaz normal ("normal até demais", pensava frei Joseph). O que lhe aconteceu, acontece com todo mundo. Está perdoado, está perdoado. Nem preciso passar penitência. Você está perdoado. Saia deste martírio. Ninguém neste seminário merece receber a hóstia consagrada mais do que você. Vá em paz.

O cretino não se convenceu. Ele não queria ter se confessado com frei Joseph, que tinha a fama de ser muito condescendente, muito compreensivo. Uma vez ele perdoou — com um castigo de três ave-marias e um padre nosso — o acontecimento que escandalizou o seminário durante o ano inteiro. Juva foi pego em flagrante comendo a bunda de Tadeu, na privada. A porta estava fechada, mas a poça d'água no chão (ou de mijo) refletiu toda a transa. Por baixo da porta a garotada viu tudo.

Ele preferia ter se confessado com frei Irineu, holandês puro e duro, formado em Tilburg. Era o mais severo de todos. Punhetas

eram punidas com flagelos que iam de passar um dia a pão e água até varar a noite ajoelhado sobre bagos de milho. Se o menino chegava e dizia que estava limpo, sem pecado nenhum, frei Irineu não vacilava:

– Antes de dormir, dois rosários, de joelhos. É para o perdão dos pecados que você esqueceu de contar.

Victor ficou terrivelmente frustrado.

"Por que, meu Deus, por que hoje não era o dia de frei Irineu? Longe de mim qualquer crítica a frei Joseph, essa bondade em pessoa, mas ele não percebe o monstro que está dentro de mim".

Victor decidiu passar uma penitência a si mesmo, mais do que isto, uma prova de força contra aquele monstro que fazia seu pau ficar duro diante da imagem de uma pureza como era a de Santa Teresinha. Decidiu que não receberia a santa comunhão até que conseguisse destruir completamente o monstro, aniquilar os calafrios traiçoeiros e indecentes, fazer com que o nervo ficasse em repouso para sempre. Levou em conta a medida extrema: cortar o mal pela raiz, passar a navalha naquela imundície. Mas esse processo mecânico, ou cirúrgico, comportava muitos riscos. Pelo que tinha aprendido nas aulas de anatomia, sabia tratar-se de músculo esponjoso com milhares de vasos sanguíneos. Cortá-lo seria como abrir uma grande torneira para esvaziar todo o seu sangue.

"Talvez seja melhor assim. Mas, santo Deus, o suicídio é um pecado sem perdão. Será que estou mesmo danado, perdido, condenado para sempre? Jesus sacramentado, no altar purificado!"

Victor, temendo o fogo do inferno, excluiu o processo cirúrgico.

– Que fogo do inferno? Eu senti foi um frio danado quando saltei do décimo andar lá em Belo Horizonte.— Comentou Walter, interrompendo a narrativa.

O que fazer? Que medida tomar para deixar o monstro em repouso para sempre, impedir seu ataque traiçoeiro na calada da noite, deixando no lençol aquele líquido gosmento, cheirando a água sanitária? Era praticamente impossível fugir do sorriso cândido de Santa Teresinha nas noites quentes e úmidas. E ainda havia as mocinhas despudoradas com cochichos pecaminosos, mesmo durante a celebração da missa. Victor sentia-se encurralado pelas tentações. Se descuidava um pouquinho, lá vinha o maldito calafrio.

— Bate uma que é gostoso.— Gritava Juva, estendendo-lhe para ler JUSTINE do Marques de Sade, apanhado da biblioteca secretíssima de frei Estevão.

*

Aqui vale a pena um parêntese. Frei Estevão era o padre censor, encarregado da famosa lista de livros proibidos do Seminário. Sua vasta biblioteca continha volumes e mais volumes, de todos os tipos, sem faltar, é claro, as obras completas do Marquês de Sade no original e a tradução clandestina de Justine em Português. Nela, desde a capa até a última página, o carimbo em letras vermelhas: PROIBIDO PARA TODOS! *SACRÍLEGO!* Frei Estevão passava mais de oito horas trancado na biblioteca, lendo e relendo em seu difícil trabalho de classificação. As obras enfadonhas, ele apenas passava os olhos pela orelha (lia mais orelha do que crítico literário), ou dava uma lidinha no prefácio, antes de estampar seu carimbo definitivo. Mas as obras interessantes como as do Marquês de Sade, Frei Estevão lia do princípio ao fim, relendo partes para colocar com mais convicção o carimbo extra de *SACRÍLEGO* e estampar com fúria o PROIBIDO PARA TODOS. Os outros carimbos eram: PERMITIDO PARA O CORPO DOCENTE, PERMITIDO PARA MAIORES DE 21 ANOS, PERMITIDO PARA MAIORES DE 14 ANOS, LEITURA LIVRE.

*

Juva passou quase um ano estudando os hábitos de frei Estevão. Sabia que o gorducho acordava rigorosamente às cinco da manhã e, às seis, já estava entre seus livros. Almoçava ao meio dia

e descansava até as duas, roncando para ser ouvido a dois quilômetros de distância. Numa dessas sextas, o Juva assumiu o risco de tirar as chaves amarradas no cordão da cintura de metro e meio de diâmetro de frei Estevão e fazer dois moldes apressados na cera de duas velas. A operação foi um sucesso. Durante as férias, Juva conseguiu do chaveiro Alfredo duas cópias perfeitas: uma da porta e a outra do enorme cadeado prendendo a grade antes do acesso aos livros.

Juva tornou-se o mais aplicado dos alunos de Francês. Os padres não entendiam qual era aquela do moleque, pego três vezes fazendo desenhos obscenos durante a aula de Teologia e tão bom em Francês, Latim, Inglês e Português. Victor sabia o segredo, mas não tinha coragem de dizer, preferia passar algumas noites ajoelhado sobre bagos de milho, pedindo misericórdia para a alma de Juva que, aos 14, já tinha lido no original a obra completa do Marquês de Sade. A seu critério, todos os livros do Marques teria o seguinte carimbo: RECOMENDÁVEL PARA TODAS AS IDADES.

*

Tremeu nas bases, o Victor, diante de Justine.

– Maria Santíssima, não quero nem ver esta maldição em minha frente. Você não tem medo do inferno, Juvenal? É preciso ter temor a Deus. Ele é misericordioso, mas sua justiça tem a força de um raio.

– Oh Víctor, deixe de ficar repetindo a ladainha do frei Irineu. Se gozar é pecado por que então Deus colocou estes cacetões na gente? E essas garotas espevitadas saracoteando o bumbum? Sai dessa, Víctor, nem só de missa vive o homem. Leia o Sade, divirta-se com o Bocage. E Voltaire, você já leu? No fim do ano deixo a porra deste seminário.

Depois de ter passado uma noite de joelho sobre os bagos de milho, Víctor estava convencido de que não havia mais o que fazer para salvar a alma de Juvenal. Seria melhor mesmo que deixasse o

seminário, uma tentação a menos. Mas Víctor também estava convencido de que não poderia fugir das tentações. Era preciso mudar a estratégia de luta, era preciso enfrentar os arrepios traiçoeiros, de frente, neutralizá-los com a força de vontade. Talvez fosse interessante ler JUSTINE como uma prova definitiva de força, enfrentar o diabo como Jesus o enfrentou no deserto e vencê-lo, massacrar o desejo impuro com a ajuda de São Francisco que não lhe haveria de faltar.

*

XII

Caminhou com O Estado de Minas na mão até a janela e saltou

– Chegamos, amigo.

Avisou-me o motorista quando o táxi parou em frente à casa onde eu estava hospedado na Barra da Tijuca. Walter, furioso, meteu-se no meio do time do Avante e mandou que eu o enfiasse no bolso.

– Tá vendo, Esperidião, vivo também não tem educação. Pára a gente no melhor da história.

Não argumentei. Meti a foto do Avante no bolso esquerdo. No da direita estava minha bisavó e eu não queria saber mais de brigas.

– Quanto é, companheiro?

– 2 mil e 500 cruzados, amigo.

Esnobei. Tirei três notas de mil, imitando o Humphrey Bogart:

– Fique com o troco.

A inflação comia adoidada no Brasil. Para mim que vivia no exterior, pensando em dólares e nas antigas moedas européias do século passado, três mil cruzados não significavam absolutamente nada. O motorista partiu satisfeito e eu subi para o quarto, mas não consegui dormir. Victor, Sinhá das Neves, João Pedro, as histórias remoíam-se inconclusas em minha cabeça, misturadas com outros registros, outras incuções que sempre me grilaram a vida toda.

E o maio de 1968? Parece que Tarquínio se esqueceu, nem toca mais no assunto. Paciência, ainda tem muito papel pela frente. Pode ser que alguém tenha tirado da ordem.

Não me surpreendi quando soube que Walter tinha saltado do décimo andar. Acho que ele já nasceu destinado ao suicídio. Sua auto-agressão constante, seu sentimento de frustração sem limites definiam seu destino. O vivo de ontem retratava muito bem o morto atrevido que viria depois.

– Olhe aqui, meu chapa, – dizia Walter vivo, mais bêbado do que o general MacDonald – nasci sem querer. O cacete de meu pai estava meio mole, a boceta de minha mãe seca. Nem sei como entrou. Uma foda frustrada. Cumprimento das obrigações. Acho que só entrou porque meu pai pensou na Catarina, a puta mais famosa da porra desta cidade. Minha mãe era um saco de batatas, esparramada na cama, pernas abertas para facilitar a penetração, através do buraco da camisola, olhar de sofredora, rezando para que a gosma saísse o mais rápido possível.

– Oh, Walter, respeite pelo menos sua mãe. — Eltinho, o moralista, futuro esbofeteador de Elvira, saiu em sinal de protesto, deixando a cerveja pela metade.

– Vai se foder carola, massa de manobra do Vaticano. Respeitar o caralho. Não pedi para nascer. E muito menos de uma foda daquele jeito.

– Não converse pela bunda, Walter! Como é que você pode saber?

– Eu sei, Tarquínio. Lá num canto desta merda que eu tenho na cabeça está tudo registrado. Fui empurrado. O pau nem ficou duro direito, os espermias iam devagar, o projeto do que seria eu não queria ir. Torcia — como naquela piada imbecil — para que fosse uma punheta. De repente, a imagem da Catarina, com aquele

bocetão cabeludo, reluziu na cabeça de meu pai. Os espermatozoides aceleraram as braçadas. Fui atropelado, levado de roldão e metido à força no óvulo. Passei nove meses na expectativa de um aborto que não veio.

Era sempre assim. Toda vez que Walter enchia a cara, vinha ele com a história maluca de sua concepção. Para a família, era um louco de hospício, quiseram mesmo interná-lo. Sempre foi evitado pela maioria das pessoas da cidade, era uma espécie de figura maldita como as personagens de Sade.

– Com aquele safado eu não deixo meu filho conversar.

– Coitada da Matilde, que mal ela fez a Deus para ter um filho assim.

Entre os dois ou três amigos de Walter, eu era um deles, contra a vontade de minha mãe e de meus irmãos. Afinal, eu também tinha meus miolos soltos e estava destinado a ver os quadros movendo-se nas paredes.

Estava certo de que Walter tinha seus dias contados.

*

A tragédia aconteceu em Belo Horizonte, no mesmo prédio onde ele sofria trabalhando num banco. Deixou a enorme lista de cheques compensados que estava datilografando. Odiava o trabalho, odiava os colegas imbecis querendo fazer carreira. Odiava, particularmente, Eltinho — o homem que esbofeteou Elvira e sonhava ser gerente do Banco Nacional ou, então, passar no concurso do Banco do Brasil —, odiava Belo Horizonte, atraindo levas de matutos do interior — isto aqui é uma roça asfaltada —, odiava até as putas da rua Guaicurus que recebiam semanalmente, por uns meros cruzeiros, a descarga de sua porra.

Abriu o **Estado de Minas** que tinha comprado pela manhã e ficou lendo durante uns dez minutos.

O dedo duro do Eltinho não agüentou e foi denunciá-lo a Aparecido, chefe da seção de cheques compensados.

– Ei, Walter, você não é pago para ler jornal. Essa lista aí tem de estar pronta antes do meio dia.

Walter não respondeu ao chefe. Levantou-se com **O Estado de Minas** na mão e caminhou até sua mesa. Abriu o jornal em sua frente, expondo um artigo de Dídimo Paiva e disse:

– Olhe aí, cretino, puxa saco de banqueiros e de bandidos de cartola. Leia. Está tudo e todos contra mim. Até o Dídimo.

– Se você está louco vá para o hospício, que isto aqui é lugar de trabalho, de gente séria. Não é lugar para comunista ou coisa pior.

– Não, seu crápula. Hoje eu não estou louco. Estou são e lúcido como nunca estive antes.

Foram as últimas palavras de Walter vivo. Caminhou com **O Estado de Minas** na mão até a janela e saltou.

*

XIII

Felizmente foi suicídio

O enterro de Walter foi muito mais triste do que o de Brísio. Éramos, ao todo sete pessoas e talvez eu fosse ali o único amigo dele. Os outros estavam por obrigação. Uma irmã que já não falava com ele há anos, o cunhado barrigudo, fedendo a seu charuto no-jento e à cebola do armazém onde trabalhava e quatro funcionários da Casa Funerária Descanse em Paz. Nenhum colega do trabalho apareceu, nenhum de seus antigos companheiros da época em que ele era o centerfour do Avante e eu, o goleiro. Nenhuma flor, nenhuma lágrima. Senti um aperto na garganta, mas segurei firme para não me transformar na exceção. Pode parecer um trocadilho infame, mas era um silêncio de morte no cemitério, só quebrado pelos passos de nós sete. Foi enterrado numa ala isolada do cemitério do Bom Fim, longe de outros sepultamentos mais ruidosos – com choros, discursos e ladainhas. "Felizmente foi suicídio", pensei. A imbecil da Zilda – a irmã – bateu com os burros n'água, quando foi pedir a frei Damião, da Igreja de Santa Efigênia, para acompanhar o enterro.

– Não posso minha filha. Seu irmão suicidou-se. Não pode ser sepultado com as bênçãos da Igreja. Não posso!

Zilda não insistiu, mesmo porque o ponto de exclamação do sacerdote era definitivo. Cumprira a obrigação de fazer o pedido. Pronto. No fundo estava satisfeita de ter se livrado do irmão, a mancha negra da família.

– Mamãe morreu de desgosto por causa dele.

Zilda parecia uma vitrola estragada, repetindo sempre o mesmo comentário, seguindo-se uma ladainha de outras queixas contra o irmão, tudo com o balançar de cabeça de aprovação do marido barrigudo.

Teria sido o fim da picada um padre no enterro de Walter. Eu diria até uma falta de respeito. O pobre coitado, de pés e mãos atados com umas fitas das mais ridículas e ainda duas tochas de algodão tapando suas narinas, enquanto debruçava-se em cima dele, como um urubu do espírito, o laçao do Vaticano, fazendo cruces, encomendando-lhe o céu, onde deviam estar seus piores inimigos. Felizmente foi suicídio.

– Que nada, Esperidião! Teria sido até divertido.

Ele gostava de me surpreender. Walter saiu de meu bolso, mais moleque do que nunca, rindo daquela minha cara recordativa e triste.

– Insônia brava, ehn companheiro! Pois eu queria ver frei Damião lá. Ia fazer uma careta pra ele, obrigá-lo a sair correndo entre as sepulturas, mijando de medo. Morrer é a coisa mais natural do mundo. Eu também fiquei um pouco grilado, tive uma pequena vacilação no último passo, antes da janela. Mas depois foi ótimo, a força de gravidade encarregou-se de tudo. Sabe que, de sacanagem, pensei naquela piada do Santo Antônio. Valha-me Santo Antônio! E a voz cavernosa, vinda do alto, enquanto eu parava no ar:

– Qual deles?

– Escolhi o de Pádua, o casamenteiro, e o outro, meio esquecido, santificado por ter ensinado os escravos a reconhecer seu lugar, trovejou:

– Esborrache-se então, filho da puta.

– A primeira coisa a tocar foi minha nuca, na quina da calçada. Escureceu tudo, não vi mais nada.

O Walter de sempre, sem compaixão até de si mesmo, ridicularizando o seu famoso tresloucado ato, rindo da minha depressão, tentando tirar-me do atoleiro da autocomiseração. Mas não adiantou muito. Naquela noite só fui dormir muitas horas depois, revirando-me na cama, lembrando-me do enterro, sem choro, sem vela, sem amigos. O caixão baixando seco. Pam! A pancada definitiva.

– Deixe de frescura e vá dormir, Esperidião.

Walter nunca suportou lamentações.

*

XIV

Bem feito, assim ele aprende o seu lugar

João Pedro não conseguia livrar-se dos maus pensamentos. Nem das más companhias e muito menos dos parentes transviados e revoltados. Na juventude sempre teve o maior tesão por tudo que era loura que aparecia em sua frente. Mas sabia reprimir bem, era um artista neste metier, tão bom como sua madrinha que deixara de gemer até de dor, para evitar que fosse apanhada pela tentação do desejo, que, às vezes, vem camuflada no sofrimento. Em toda sua vida, João Pedro só foi quatro vezes ao cabaré, empurrado pelos amigos, e só trepou uma vez fora do bendito casamento, com uma puta, “branca” forçando a barra, mais puxada para morena. As lou-ras só ficaram em seus sonhos reprimidos em noites de poluições febris. Nem punheta o desgraçado batia.

Quando se casou, aos 19 anos, muita gente achava que João Pedro era virgem. As piadas corriam soltas pela cidade.

– Quem é que vai tirar o cabaço de quem?

– A Carolina eu não sei, mas que João Pedro é virgem, isto ele é.

Tiveram três filhos e duas filhas, que lhe deram muitos netos (não sei quantos) e muitíssimos aborrecimentos. O pior de todos foi Miguelito, o neto mais velho de João Pedro. Sua experiência de guia da carroça do avô durou muito pouco.

– Oh, vô, não agüento mais esta merda. O senhor não faz outra coisa senão trabalhar de graça para os filhos da puta desses brancos. Pra mim chega.

Aquilo era como uma punhalada no coração de João Pedro, classificado por Miguelito — com um misto de compaixão e ódio — de o mais servil dos mortais.

– Meu neto, não diga isto não. Pelo amor de Deus. Seu Sinfrônio e a madrinha Mafalda são tão bons pra gente.

– Bons? Só se for para os brancos lá deles. Nesta eu não entro, vô. Vou me mandar. Vou pra Belo Horizonte, sei lá.

Miguelito tinha um talento danado pra música. Aprendeu a tocar violão, cantava com todas as notas e tinha uma voz possante de dispensar amplificador. Isso lhe valeu ser contratado pela orquestra Os Boêmios da Noite, que animava os bailes de fim de semana do Clube dos Aristocratas. Mas foi por causa desse seu talento que Miguelito quase foi massacrado.

Aconteceu numa noite de junho, durante um animado ensaio de quadrilha de São João. Miguelito encostou seu violão, ajeitou a gravata, passou o pente no topete breado de Glostora (andava numa linha danada e isso só fazia irritar ainda mais os brancos, que não suportavam preto metido e xexelento), deu de ombros para ajeitar o caimento do terno, cuspiu o chiclete e atravessou o salão.

Todo mundo de olho nele.

Chegou em frente de Marta, curvou-se numa gozação e a convidou para dançar.

Marta estava entre as três moças mais bonitas e mais apetitosas da cidade. Apesar de um pouco mais velha, sempre foi na minha avaliação a concorrente número uma de Elvira. Loura, cabelos cacheados, bunda redondinha (sou vidrado em bunda e não nego), boca grande, coxas carnudas, olhar altivo e desafiador. E de todas as freqüentadoras do Clube dos Aristocratas era a mais sem vergonha, com a fama de ser a maior beijoqueira da Escola Normal Nossa Senhora de Fátima. Era irmã de Eltinho, o viúvo da suicida esbofetada. Os contrários sob o mesmo teto.

Marta aceitou e os dois saíram num bolero rasgado pelo salão.

Bonequinha Linda
De Olhos Tentadores...

Durou menos de um minuto.

Eltinho mandou a orquestra parar de tocar e caminhou em direção ao par, gritando:

– Preto filho da puta, tira a mão de cima de minha irmã. Está pensando que isto aqui é senzala?

Marta tentou deter o irmão.

– Eltinho, o quê é que você está fazendo? Calma por favor. Estamos apenas dançando.

– Sua atrevida. Saia da frente. Não tem vergonha de dançar com um preto que está aqui para trabalhar?

Miguelito não se conteve e deu um murro no nariz do Eltinho. Uns dez segundos depois estava sendo bombardeado de tapas e

chutes desferidos por um grupo de rapazes. Sangue pelo nariz, pela boca, um corte na orelha.

– Bem feito. Assim ele aprende o seu lugar.

– Como é que pode, João Pedro, um homem tão bom, ter um neto atrevido desse jeito.

Comentários, respectivamente, de Cidinha e Marivalda, duas veteranas damas da sociedade local.

O atrevido já estava desmaiado, quando a polícia chegou.

– Que houve? Perguntou o sargento.

Seu Fonseca, o diretor do Clube dos Aristocratas, explicou que Miguelito tinha desrespeitado a irmã de Eltinho, puxado ela a força pra dançar e que tinha, portanto, a devida culpa no cartório por ter levado as pancadas.

– Está fingindo de desmaiado, não foi nada de tão grave assim.

– Pode deixar doutor, lá na cadeia ele acorda com um banho de água fria.

Na cadeia, além da água fria, Miguelito levou mais uns tapas do delegado, primo de Eltinho, e passou a noite num catre sem colchão.

João Pedro não disse uma palavra quando soube o que tinha acontecido com o neto. Apenas balançou a cabeça, triste, submisso. Miguelito, remoendo vingança em seus miolos, foi para Belo Horizonte no dia seguinte.

Vou remexer a papelada pra ver se encontro que vingança foi essa e botar no próximo capítulo já que está tudo mesmo fora de ordem. Mas, espera aí. Parece que o Walter interrompeu de novo a Dona Gertrudes.

XV

Você se diverte e ainda estuda literatura, porra

Víctor tremia como uma vara verde. Sua penitência, seu auto-flagelo, ia começar naquela noite. Não podia mais adiar a luta contra o monstro. Ia ler JUSTINE!

Juva Ihe garantiu que não havia perigo. Frei Estevão estava muito envolvido com o Guerra Junqueira e outros autores portugueses que ele classificava de pornográficos. A tradução maldita de *Justine* já estava até empoeirada, metida atrás de uma pilha de livros que dormiam com o carimbo de sacrílegos.

– É capaz que o gorducho nem saiba que o livro exista. Pode ler com calma, sem medo.

Antes de iniciar a leitura, Victor ajoelhou-se sobre seus fiéis bagos de milho e rezou dois rosários seguidos. Era como se estivesse no umbral do inferno. O monstro tinha de ficar quieto durante todo o tempo. Como medida preventiva contra um calafrio traiçoeiro, Victor introduziu o método da navalha. Consistia no seguinte: pendurar a lamina num barbante amarrado acima da cama, de modo que pudesse ser vista de relance, enquanto lia. Em caso de calafrio, ele teria apenas de imaginar a navalha rasgando-lhe a carne, dilacerando seu membro, fazendo o sangue jorrar daquele nervo pútrido e pecaminoso, enquanto rolavam pelo chão seus dois bagos, de onde saía aquela gosma provocadora de calafrios e maus pensamentos. Logo nas primeiras páginas, Victor descobriu que com a leitura de Sade nem era preciso ter a navalha. É livro para tirar e não dar tesão. Mesmo assim, certo de que não é de bom aviso dar chances ao diabo, olhou para a dita navalha pelo menos umas 400

vezes durante a viagem pelas páginas de Justine. O Monstro nunca esteve tão quieto, murcho, num encolhimento de fazer dó. Nem mais a visão de Santa Teresinha conseguia despertar-lhe qualquer calafrio. Victor sentia apenas náuseas e dor. Deu-se por curado.

– Como é, malandro, gostou do Sade?

– Juva, pelo amor de Deus, fale baixo. Terminei este horror. Nenhum homem pode ter escrito tanto sacrilégio, tanta heresia, tanta falta de respeito, tanto des pudor, tanta coisa lasciva e impura. Deve ter sido o diabo em pessoa.

– Deixa de besteira, Victor. O Sade não é mesmo para dar tensão. Vou lhe trazer o Bocage. Você se diverte e ainda estuda literatura, porra!

– Não, para mim chega. Nunca mais vou ler um livro proibido. A não ser que eu venha a ser um censor.

– Te esconjuro! Chega de censor!

*

Acabou acontecendo o que era previsto. Pegaram Juvenal dentro da biblioteca de Frei Estevão, no momento em que retirava da estante, para uma segunda leitura, as Cartas Filosóficas de Voltaire. Fizeram um escarcéu. Frei Estevão quis obrigar o rapaz a lhe pedir perdão de joelhos.

– Não me ajoelho diante de nenhum porco censor.

Oh-oh. Os ohs ecoaram durante quase um minuto por todo o seminário. Foram necessários cinco padres e dois seminaristas do último ano para segura-lo. Juvenal só se conteve, entregando-se ao

castigo que prometia ser severo, quando o próprio Frei Estevão o prensou contra a parede com sua enorme barriga. Aí, Frei Irineu, também conhecido como a ira de Deus, sapecou-lhe 50 palmatórias, até suas mãos ficarem vermelhas como as do diabo. No dia seguinte foi expulso.

*

De nada adiantaram os rosários sobre bagos de milhos rezados por Victor em intenção de Juvenal. Muitos anos depois da expulsão, ele foi assassinado na Avenida São João, em São Paulo. Um tiro no ombro direito, três feridas de cassetetes na cabeça, pontapés no estômago. Só porque distribuía uns folhetos, que ele mesmo tinha traduzido, com frases de Bakunin, entre manifestantes a favor dos marinheiros que lutavam contra os castigos corporais na Marinha. Os tempos de seminário lhe serviram, pelo menos, para lhe dar um grande domínio lingüístico. Transformou-se no que classificavam de um intelectual maldito, um cérebro desperdiçado a serviço de Satanás.

Por essa época, Victor já era um confessor tão temido como Frei Irineu.

— A filha da dona Gertrudes que o diga.— Arrematou Walter.

*

XVI

Ponha pelo menos a mortalha

Tranquei Walter e dona Gertrudes na gaveta da escrivaninha e dei duas voltas na chave. Queria dormir com a cabeça vazia, sem João Pedro, sem Victor, sem histórias, sossegado.

Não adiantou. Esqueci em cima da mesa a foto de formatura da Escola Normal Nossa Senhora de Fátima e quem saltou de lá foi a sem vergonha da suicida esbofeteada que já me deixara tantas noites sem dormir. Confesso que estive apaixonado pela bandida que não me ligava a mínima. Parti logo para a agressão, estava com muito sono e não queria ser importunado.

– Volta pra sua cova de caralho, sua sem vergonha!

– Que é isso, Tarquínio? Ocê não precisa vir com esta agressão toda só porque não dei procê quando era viva. Está em tempo, rapaz, quer comer?

– Saí pra lá, trem. Credo, não tô nem vendo, – fechei os olhos – sai, sai pra lá.

– Deixa de bobagem, Tarquínio. Pra mim o tempo parou. Estou com os peitos durinhos, olha, bicho, olha aqui que coxas gostosas. E a bundinha do jeito que ocê gosta. Agora eu deixo você pegar. Não quer, seu bobo?

– Aproveita que pode ser a última oportunidade.— Berrou Walter, com a voz abafada, de dentro da gaveta. Impossível livrar-me dele.

– Sua desgraçada, por que você não se ofereceu quando era viva? Por que você só queria dar para o cretino do Artur, me deixando literalmente na mão? Não, morta eu não quero, sua danada. Vá foder com os vermes.

– Você não passa de um poço de preconceitos, cagador de regras, mas sempre mija no pinico na hora do pra valer. Não quer comer, não coma. Que morra afogado em sua frustração. Viva, eu não tinha um pingão de vontade de trepar com você e, portanto, não tinha nenhuma obrigação de lhe dar, seu machista enrustido!

– Desinfeta, sua desgraçada. Você é perigosa. Deve ainda estar cheirando a formicida Tatu, que ficou atravessada na garganta. Sai de perto de mim.

– Ora, Tarquínio Esperidião, pode ficar com seu desejo insatisfeito por sua suicida de estimação. Não precisa comer, vim só para lhe contar a história da vingança de Miguelito. Mas vou ficar assim, peladinha, não suporto uniforme, quanto mais o da escola normal. E sabe de uma coisa? Esta estória me dá o maior orgasmo da paróquia. É peladinha que eu fico inspirada.

– Ponha pelo menos a mortalha, despudorada. E não se meta na história de dona Gertrudes, é ela quem está contando. O Miguelito é um apêndice de João Pedro.

– Cale-se Tarquínio. Para começo de conversa, ninguém é apêndice de ninguém. Em segundo lugar, Miguelito não é contemporâneo de dona Gertrudes. Em terceiro lugar, a vingança dele é a minha vingança também. Você acha que eu perdoei a bofetada que recebi daquele filho de uma puta? Vou lhe contar tudo nos mínimos detalhes.

– Porra, esta noite não durmo. Cubra-se despudorada!

*

Em seus primeiros dias em Belo Horizonte, Miguelito comeu o pão que o diabo amassou. Quando tinha pão. Viajou com a roupa do corpo e dez mil réis, suficientes para um café da manhã e um almoço mixuruca. Como guia da carroça do avô, carregando cana e ajudando a encher o cofre de seu Sinfrônio, Miguelito não conseguiu fazer nenhum pé-de-meia. Dormiu três dias no chão da Rodoviária, no quarto já estava em cana na Delegacia da Lagoinha. A dupla de Cosme e Damião não teve a menor dúvida: preto dormindo na calçada era bandido.

– Documentos!

Miguelito só tinha a Certidão de Nascimento. Os guardas só queriam saber da Carteira Profissional assinada, prova de que tinha trabalho. A Carteira Profissional foi o grande presente que Getúlio Vargas deu aos trabalhadores do Brasil. E era um excelente guia para a polícia saber quem era malandro e quem não era. Se a bendita carteira estava assinada, o caboclo era trabalhador, se não estava assinada era malandro, porque só não trabalhava quem não queria e lugar de malandro era na cadeia. E Miguelito, para agravar a malandragem, nem a carteira tinha.

– Não lhe disse, o pilantra está na malandragem.— Gritou o Cosme, enquanto o Damião dava um ponta pé nas costas de Miguelito.

– Levanta crioulo.— Acrescentou ainda aos gritos o mulato do Cosme.

Miguelito ficou 20 dias no xilindró, sem processo, sem nada. Só foi solto porque o xadrez ficou tão cheio, que o delegado decidiu

abrir algumas vagas para outros malandros que não tinham a carteira assinada ou que tentavam redistribuir a renda por outros meios.

Na cela superapertada, onde dormiam 15, Miguelito teve a sorte de conhecer a fina flor da noite belorizontina: Tadeu das Cabrochas, o cafetão mais respeitado da rua Guaicurus. Ele ficou de queixo caído quando ouviu Miguelito cantar um bolero e esfregou as mãos de alegria, ciente de que descobrira uma mina de ouro, quando soube que tocava violão e acordeão.

— Tome meu cartão, garoto. Os malandros me trouxeram aqui só para que eu aumente o tutu que lhes dou. Saio hoje mesmo, já acertei com o delegado. Assim que você sair, me procure. Nada de dormir na calçada. Você é um artista, caramba!

Tadeu das Cabrochas introduziu Miguelito na zona. Apresentou-o para as putas mais badaladas e para os cafetões de respeito. Dentro de pouco tempo ficou conhecido como o violeiro mais famoso dos bares da Guaicurus, cantador de boleros e choros sem igual. E, ainda por cima, dançarino de mão cheia.

O idiota do Eltinho, que se casou novamente — desta vez com uma virgem babaca que nunca aprendeu a trepar — parece que era o único que não sabia que Miguelito tinha se transformado no Rei da Voz da Guaicurus.

— Com minha esposa é no respeito. Quando quero sacanagem vou à zona.— Costumava dizer, orgulhoso, o cretino, enquanto bebia cerveja e jogava sinuca no Bar do Vamberto, o ponto de encontro preferido da rapaziada que não tinha o que fazer e onde dupla de Cosme e Damião não entrava pedindo documentos; filho de boa família não precisava de Carteira Profissional para provar que era gente trabalhadora, ora essa!

Em suas escapadas a Belo Horizonte, Eltinho era freguês sagrado da Guaicurus. Mas nem lá sabia fazer sacanagem direito, trepada tradicional, continha o gemido, não tinha coragem nem de tocar na zona do agrião, com medo de melar os dedos na gosma lubrificante. Tinha nojo. Corria depois pra casa a fim de lavar o pau com muito sabão, antes de uma limpeza extra com álcool ou éter e ainda andava com um vidro de desinfetante com sabor de hortelã no bolso para gargarejar, muito embora procurasse manter a boca sempre fechada para não tocar naquelas peles vendidas, mesmo com a Margarida, puta afoita que gostava do métier, sempre cheirosa, perfeccionista de um mixê caprichado, e que sempre queria beijar por todos os meios aquele sujeito que trepava como se estivesse metendo um prego numa estaca a marteladas. Na noite da vingança, Eltinho estava dançando com Clotilde, uma morena cor de jambo, cabelos longos e negros, outra de quem era freguês. Dançar também ele não dançava direito, mas era a maneira que tinha de se exibir para os amigos e poder assim arrotar seu machismo no bar do Vamberto. Não havia completado a primeira volta no salão, quando identificou, num grito, uma voz conhecida:

– Branco filho da puta, tira a mão desta mulata.

Virou espantado e viu Miguelito caminhando em sua direção, acompanhado de Tadeu das Cabrochas e seu guarda-costas, o Geraldão, que gostava tanto de dar como de comer.

Geraldão segurou Eltinho pelo braço e lhe disse com uma voz cavernosa, quase num cochicho.

– Não dê um pio, senão lhe quebro o pescoço. Vem com a gente.

Levaram Eltinho para um quarto sujo e mandaram-no tirar a calça. Vacilou alguns segundos, mas acabou obedecendo ao receber um sopapo de Geraldão.

– Pelo amor de Deus, não façam isto comigo.

Não adiantou. Miguelito deu a lata de vaselina para Geraldão que lambuzou seu cacete duro de 22 centímetros. Amarraram Eltinho na cama, braços e pernas abertas. Geraldão ficou passeando em volta, vez por outra dando um tapinha na bunda do esbofeteador da suicida. Eltinho se sentiu penetrado, rasgado, as pregas arreben-tadas, o sangue jorrando. Geraldão continuava suas voltas de tortu-rador, balançando ameaçadoramente o pênis cada vez mais duro. Parou, bateu uma punheta e esporrou no rosto do Eltinho, que gritar não podia por ter uma tocha de algodão na boca. Tocha que ficou toda lambuzada de porra, que também escorria do nariz de quem tinha nojo de tudo que era gosmento. Seu único desejo era dar um mergulho numa piscina de desinfetante, morrer embriagado num banho de éter e hortelã. Vomitou quase as tripas quando retiraram a tocha que lhe entupia a boca.

– Não vou comer este merda, pode soltar.

Eltinho nunca mais voltou a rua Guaicurus. E suas idas a Belo Horizonte se tornaram cada vez mais raras. Arriou o topete, deixou de contar prosa, ficou doente, com uma depressão de dar pena. Não contou para ninguém o ocorrido, se soubessem na cidade ele não poderia viver com a vergonha. Escassearam suas idas ao bar do Vamberto, até espuma de cerveja lhe dava engulho, lembrava-lhe o algodão lambuzado com a porra do Geraldão. Quando se falava, por qualquer motivo, no nome Miguelito, Eltinho se afastava ou abaixava a cabeça, numa atitude meio suspeita. Ficou totalmente brocha. Mariazinha – que nunca aprendeu a trepar, nem gostava – achou muito bom. Melhor, vida mais sadia, sem a sujeira penetran-

do-lhe a carne. Podia agora comungar com mais tranqüilidade, mais limpa.

Eltinho não se recuperou mesmo da humilhação. Começou a emagrecer, a úlcera foi diagnosticada como câncer. Três anos depois morreu. Tinha uma aparência medonha. Pele em cima dos ossos, mau cheiro, seu cabelo, com o topete que era seu orgulho, caiu todo, o rosto murcho, os olhos esbugalhados. Ninguém entendeu o sorriso nos lábios, o primeiro em três anos e o último da vida. O motivo estava mais em baixo, bem palpável. No derradeiro minuto teve uma ereção, não se sabe como, nem pensando em quem.

*

Miguelito abandonou a zona para fazer parte do *Conjunto Serenata*, um dos mais requisitados para bailes em Belo Horizonte e no interior. Nunca mais ouviu falar de Eltinho e nem nunca mais quis saber dele. Só que apareceram muitos outros brancos do estilo, inconformados com aquele preto — neto de um homem tão bom como João Pedro — que não queria reconhecer o seu lugar. Mudou-se para São Paulo para ver se lá o preconceito era menor. Ledo engano.

*

XVII

Mascava fumo e cuspiu na comida

– Cretino!

Walter e dona Gertrudes gritaram em uníssonos, assim que abriu a gaveta. Não gostaram nada da história de terem ficado trancados, enquanto Elvira, despida de sua mortalha, tentara seduzir-me, antes de contar a vingança de Miguelito. Não discuti, aceitei calado a reclamação. Com os mortos não adiantava. Eles sempre tinham argumentos mais fortes. Dona Gertrudes disse que queria prosseguir com a história de João Pedro. Walter torceu o nariz:

– Para ouvir a baboseira de crioulo acomodado, eu prefiro continuar na gaveta.

– Pois que fique.— Respondeu dona Gertrudes, dando um salto para fora.

*

Quando João Pedro completou 20 anos, ainda recém casado, Sinhá das Neves mandou Sinfrônio comprar-lhe uma carroça. Queria que seu afilhado, agora que devia constituir sua própria família, ficasse independente, com um ofício, sem precisar trabalhar na lavoura de sol a sol.

A carroça foi feita com madeira da própria fazenda do Pau Oco, jatobá da melhor qualidade. Seu Quinzinho caprichou. Metucioso, óculos pregados na testa, o carpinteiro-artista passou um mês inteiro fazendo uma das rodas, tirando um calço aqui, colocando outro ali. Devia ser uma carroça para agüentar os baques das estra-

das, os buracos e os atoleiros. Quando ficou pronta, Sinfrônio entregou-a a João Pedro com uma junta de bois, Cara de Bravo e Chifrudo. João Pedro só faltou beijar os pés do pai enrustido.

– O senhor é bom demais, seu Sinfrônio. O senhor é bom demais. Eu não mereço...

A cena foi mais deprimente ainda, quando Mafalda apareceu.

– Madrinha, que coisa boa. O que fiz para merecer tanta bondade? Farei tudo, tudo que a madrinha pedir.

E teve de fazer mesmo. Durante a época da colheita, lá estava João Pedro com sua carroça de jatobá, de 6 às 6, transportando cana para o engenho. Em menos de um ano, fazendo as contas no papel, Sinfrônio recuperou até o último vintém os gastos com o feitiço da carroça. Não pagava um tostão a João Pedro, que recusava aceitar qualquer recompensa.

– Deus me livre, seu Sinfrônio. Pro senhor e para a madrinha eu não posso nem pensar em cobrar. Eu é que tenho muito pra pagar por tanta bondade recebida.

Os anos se passaram. A carroça de jatobá ficou velha, mas ainda resistente aos solavancos das estradas. Cara de Bravo morreu. Tempos depois foi a vez de Chifrudo. Vieram outras juntas, outras colheitas. Os cabelos de João Pedro começaram a ficar brancos no renovar das colheitas, a carroça sempre carregada de cana, seus eixos gemendo no sulco da estrada.

– Oi, oi, boi... Vamos com Deus.

E a cana moída, fermentada, transformada em açúcar e cachaça da boa. Dinheiro para o cofre do Sinfrônio, mais uma fazenda

para o filho que se casou, outra para o genro. E João Pedro, eternamente agradecido, recusando uma nova junta de bois:

– Não é preciso seu Sinfrônio. O Carrega Tudo e o Malhado ainda estão fortes. Vão dar conta do recado por muito tempo. Pode deixar, não carece.

A bondade de João Pedro não entrava na cabeça de Armin-da, sua irmã mais nova. Ela dizia que o irmão era um bobo de marca maior, que ele devia aceitar, sim senhor, a junta e pedir mais, porque os brancos estavam lá, cheios do bem bom, e eles na merda; João Pedro carregando o dia inteiro, cana pro engenho, dinheiro pro cofre de Sinfrônio, e ela na cozinha de uma patroa que não escondia seu desprezo por tudo que era preto.

– Oh, Mano. Pega os bois de seu Sinfrônio! O branco tá nadando no dinheiro e ocê a única coisa que tem é esta porcaria de carroça. Olha esta tapera onde mora!

A esposa concordava com a cunhada, balançando a cabeça, mas sem dizer nada, pois sabia que João Pedro era duro com os subalternos, especialmente com as mulheres que deviam ficar na cozinha e abanar a cabeça somente para concordar com os senhores maridos. João Pedro era duro com elas na mesma proporção que era servil e submisso aos brancos.

– Vocês duas se calem. A Arminda é uma má agradecida. Depois de tudo que a Madrinha fez por nós.

– Sai pra lá com esta conversa em cima de mim João Pedro. Sai pra lá. Passo o dia com o umbigo na beira do fogão, cozinhando para estes brancos desgraçados, tô com a mão ardida de tanto mexer com sabão... Eu não tenho madrinha nenhuma, Mano. Tenho é branca carrasca me fazendo trabalhar como burro. E você, seu bes-

ta, ganhou de sua querida madrinha e do miserável do Sinfrônio uma carroça para transportar cana de graça pro engenho deles, mais nada.

– Arminda, ocê cale a boca. Deus lhe perdoe.

João Pedro mal podia acreditar em seus ouvidos. Tinha vergonha de sua irmã, revoltada daquele jeito, justificando o mau conceito que se tinha dos pretos. Corria o boato que ela mascava fumo na cozinha e cuspiu na comida. E não era feia, apesar dos dentes encardidos. Muito ao contrário de João Pedro, Arminda gostava de trepar e de jeito nenhum podia ser satisfeita só pelo marido. Zé Carreiro, o nome já indicava, tinha um carro de boi, puxado por três juntas, especialista em transporte de mercadorias das fazendas para a cidade e que morreu sem dar um único beijo nos seios redondos e — apesar da vida ingrata na beira do fogão — durinhos de Arminda. Outros deram, outros deram. Foi fulminado por um ataque cardíaco, na estrada, consumido pela doença de Chagas. E ainda caiu por cima da vara de ferrão, que lhe varou o fígado. As más línguas diziam que morreu espetado em seus próprios chifres, milhares deles, que Arminda lhe colocou em 25 anos de casamento.

– Zé Carreiro tem mais chifres que todos os bois do município!

João Pedro morria de tristeza e de vergonha. Tinha vontade de renegá-la, queria proibir que ela fosse a sua casa corromper sua mulher e seus filhos. Mas não podia, era sua irmã. Deus misericordioso haveria de iluminar-lhe o caminho, rumo a uma vida mais decente. Se não fossem as tias e os tios, os filhos da Arminda viveriam jogados na rua, sujos, abandonados. Arminda não queria nem saber daquelas pestes que vinham ao mundo só para atrapalhar a vida da gente. Menino e cachorro ela colocava na mesma categoria; queria dos dois só distância.

– Como é que pode, o João Pedro, uma pessoa tão boa, ter uma irmã desse jeito.

– É, minha filha, preto é preto. Não tem jeito. Minha avó já dizia, quando não faz aquilo na entrada, faz na saída. João Pedro é a exceção que justifica a regra. E assim mesmo não boto a mão no fogo.

Mafalda sentia-se um pouco magoada com os comentários das amigas, mas no fundo concordava. Estava feliz por ter conseguido moldar João Pedro, um preto certinho, trabalhador. Tão bom que até parecia branco.

E a família lhe dando problemas. Em 1945, quando Miguelito era ainda guia da carroça e Truman explodia Hiroxima, aconteceu a tragédia com Arminda. Foi morta esfaqueada, 30 buracos pelo corpo inteiro, o último golpe no meio da vagina, onde a faca de cozinha ficou enterrada. Raimunda do Sebastião foi a autora do crime. Sebastião foi um dos muitos que caíram de amores por Arminda. Sol quente, ele deixou de lado a enxada e as roseiras do jardim de dona Carolina — a patroa de Arminda — e foi até a cozinha tomar um gole de café. Assim como quem não quer nada, comentou:

– Completo amanhã 51. Acho que vou morrer sem rosetar uma branca.

– Só se você quiser. Vem cá, seu bobo.— Arminda puxou Sebastião até a dispensa, fechou a porta, tirou a roupa rapidamente (não tinha tempo a perder) e rolou por cima dos sacos de farinha de trigo.

– Aqui tá sua branca, pode comer.

Raimunda encontrou os dois peladinhos da silva, brancos dos pés às cabeças. Tinham deitado e rolado em cima dos sacos de farinha guardados na dispensa. Não conseguiram conter o ardor da trepada e seus gemidos chegaram aos ouvidos suspeitos da Raimunda, também empregada, que varria os quartos. A vassoura voou pelos ares, substituída pela faca mais afiada da cozinha. Deu um pontapé na porta da dispensa. Sebastião pulou pela janela, espalhando farinha por todos os lados. Arminda não se moveu.

– Sai pra lá, sua besta. Tu não sabe rosetar e muito menos usar esta faca.

Raimunda nem respondeu. Agiu. A farinha branca ficou vermelha de sangue.

*

No julgamento, Raimunda do Sebastião teve menos sorte que a Marilda do Manfredo. Marilda, do mesmo modo que Raimunda, partira para a defesa da honra e liquidara, não só a sem vergonha da Mariazinha, mas também o traidor do marido. Doze tiros de revólver. Descarregou o primeiro tambor, carregou de novo e atirou. Vizinhos e parentes que correram ao local impediram a descarga de um terceiro tambor sobre os dois cadáveres abraçados.

Foi condenada a um ano de cadeia com sursis. Raimunda ganhou 30 no lombo e foi curtir o resto da vida na penitenciária Estevão Pinto.

Versão da acusação: Raimunda era um perigo para a sociedade, com a ruindade e o sadismo correndo em suas veias.

Versão da defesa da Marilda (aceita pelo júri): agiu em legítima defesa da honra. No momento do crime estava cega pela traição do marido.

Marilda era branca de nascença e Raimunda só teve uns minutos de brancura quando se esparramou no meio da farinha com a faca na mão.

*

João Pedro sentiu que a justiça tinha sido feita. E até repartiu suas rezas, entre a alma danada da irmã e a desgraçada da condenada da Raimunda.

*

XVIII

Paciência Deus amor

Nem jatobá resiste à batida do tempo. Buracos surgiram no fundo da carroça de João Pedro, o eixo afinou e partiu, num baque surdo em dia de sol quente. Foi deixada ali mesmo, numa vala perdida no meio do mundo. Não eram mais Carrega Tudo e Malhado que a puxavam, nem João Pedro que a comandava. A carne é mais fraca do que madeira de lei; João Pedro apodreceu primeiro. Cabelos encaracolados totalmente brancos, a barba, rarefeita como os cabelos, contrastando, com sua brancura, o negro daquele rosto enrugado. Ficou velho João Pedro, caduco a partir dos 75, sem nunca ter levantado a voz contra aqueles que considerava seus superiores.

– O João Pedro nem parece ser preto. Que homem bom!

– Ai. Quando me lembro dessas idiotices ditas com tanta convicção, tenho vontade de mijar na cova de quem as pronunciou.

– Não interrompa, Walter.

Morreu aos 85. Dez anos de caduquice. Vinte depois de Sinhá das Neves. Isolado na Vila Vicentina, paredes pintadas de branco, mas já amareladas pela poeira. A rua sem calçamento, durante os meses de inverno, quando não chovia, ficava coberta por dois palmos de poeira, fina, penetrando nas narinas, virando barro nos pulmões. Quando vinham as chuvas de verão — com raios e trovões — o barro invadia tudo. Não havia branco que resistisse o amarelo daquela terra, até os cabelos brancos de João Pedro esta-

vam encardidos. Era um amarelo democrático, tomando conta das casas de ricos e pobres, sem distinção.

*"Eta lugar de fama,
Quando não é poeira é lama.""*

Para a Vila, mantida com esmolas colhidas na igreja, a prestação que a burguesia cabocla e os fazendeiros matutos pagavam para ter seu lugar no céu, eram levados os velhos indigentes, muitos deles com longa experiência da vida de miséria, pois a tinham passado toda com os pés descalços atolados na poeira ou na lama, mendigando, já confundidos com o amarelão da terra, tão pisoteados como o próprio solo. O desespero, que na juventude chegou a circular em suas cabeças, transformara-se numa grande apatia, numa grande descrença, a lama humana. . .

– Uma esmolinha pelo amor de Deus.

João Pedro era diferente. Não conheceu o desespero da fome e da miséria, teve sua carroça de jatobá, sua madrinha branca, aceitou com resignação sua negritude. O preto que mais reconheceu o seu lugar. Dez anos de caduquice na Vila, balançando a cabeça e repetindo sem parar:

– Paciência Deus amor. Paciência Deus amor.

Foram suas últimas palavras, pouco antes de morrer sentado em sua cadeira no quintal da Vila, sem um gemido. Só foi encontrado ao anoitecer, parecia estar dormindo. No enterro, frei Firmino, três gerações depois de Victor, não poupou elogios àquela alma boa, aquela humildade exemplar que seguramente estaria gozando as delícias do Paraíso. Morreu pobre, sem carroça, abandonado pelos filhos e netos e sem ter satisfeito o grande desejo de sua vida. O

desejo secreto, reprimido, esconjurado, de trepar com uma branca de pentelhos louros e boca delgada.

– Deus me livre e guarde. Paciência Deus amor.— Benzia-se João Pedro, toda vez que o pensamento o assaltava na calada da noite.

*

Foi uma grande maldade da Ernestina ter dedurado a fraqueza do João Pedro. Foi aos 17 anos, nunca tinha batido uma punheta sequer. Foi convencido pelos amigos a ir ao Cabaré, onde a Maria dos Cabritos lhe arrancaria o cabaço por 5 mil réis. João Pedro foi empurrado, resistindo, com medo que a Madrinha Mafalda ficasse sabendo. E ficou. A sem vergonha da Ernestina, que vivia de esmola, batendo de porta em porta, alimentando-se de restos de comida a troco de fofocas, jornal da terra, contou ter visto João Pedro entrando e saindo do barracão da Maria dos Cabritos. Mafalda ficou muito triste, pois era capaz de botar a mão no fogo pelo afilhado. Matilda, a melhor amiga de Mafalda, veio consolá-la e adverti-la:

– O João Pedro pode ser muito bom, eu sei, mas não se esqueça que é preto.

*

Nem gozou direito.

– Enfia esta rola pretinha aqui dentro menino!

João Pedro enfiou. Maria dos Cabritos mexia como uma devairada, teatralizando com gemidos falsos e exagerados.

– Põe, põe, põe. Mete esta rolinha até o fundo!

Maria dos Cabritos, mulata prostituída desde os 13, não só foi a única experiência extraconjugal, mas também a coisa mais próxima de uma branca que trepou com João Pedro. Ele cresceu convencido que sua negritude era um castigo, que cor de gente era aquela da Madrinha Mafalda. Mas as brancas, mesmo as putas, para trepar permaneceram para sempre no terreno da utopia.

João Pedro prometeu a si mesmo que não daria nunca mais à Mafalda o desgosto de sabê-lo no cabaré. Teve de esperar mais dois anos para suas trepadas monótonas com a Carolina. E foi só com ela que trepou até aquele agosto de 1973, época do *milagre brasileiro* e das sessões de tortura nos porões do DOI-CODI.

*

Na época eu nem soube da morte de João Pedro. Estava longe, bem a salvo dos porões do DOI-CODI. A recordação de sua submissão irritante, por obra e graça de dona Gertrudes, confirmava apenas como sua personalidade tinha marcado minha infância e adolescência. A narrativa de sua morte só fazia aumentar minha irritação, meu desprezo por tamanho exemplo de submissão, promovida à virtude. Os argumentos de Walter tinham cada vez mais peso nas minhas decisões. A velhice já começava a provocar rugas em meu rosto e eu me perguntava, diante do espelho, até que ponto, no fundo, na essência, eu era diferente de João Pedro. A irritação talvez não fosse com o preto de alma branca, mas comigo mesmo, com a Jerusalém que eu tentava destruir e que persistia com seus muros.

No telão da parede de meu quarto, anunciava-se mais um discurso do W. B. Veio-me a memória o dia em que Truman quis me dizer, por antecipação, sobre esse presidente que inaugurou uma nova era, no dizer de sua propaganda, de paz e cooperação.

W. B. falava, em cadeia mundial, sobre o famoso *Tratado de Paz e Amizade*, assinado no ano anterior, evitando por um triz uma nova guerra mundial entre os três blocos dominantes, apelidados anos antes de comunidade internacional. Walter, sempre moleque — ele parou a velhice com o salto do décimo andar — veio sentar-se ao meu lado. !

– Truman tinha razão. Esse aí é o mais filho da puta de todos. Agora os impérios estão unidos, em comunhão de bens, para foder o resto. Não tenha dúvida, quando os poderosos não estão brigando entre si, utilizando a massa como bucha de canhão em suas guerras de conveniência, não é nenhuma prova de que o mundo está indo melhor. É paz entre eles e pau na bunda do resto. E você aí, Tarquínio, velho babaca, desmoralizado, sentado diante da televisão tão passivo como se fosse um João Pedro!

Olhei suplicante para Walter. Queria que se calasse.

– Sai pra lá com esta autocomiseração de merda. Você sabe muito bem que conosco não adianta.

Peguei o controle remoto e desliguei a televisão. Que me importava W. B. e seu tratado. Já estava com um pé na sepultura, convencido que iria morrer sem ver o último líder sentado no mastro da última bandeira nacional, conforme o desejo tantas vezes manifesto por Walter. Os patifes continuavam dando as bolas, vomitando regras pelas televisões do mundo inteiro, diante de milhões de Joões Pedros que aceitavam tudo e ainda batiam palmas. O meu aplauso, pelo menos, eles não teriam. Pronto, desliguei a porcaria, silencieei, com um toque de botão, o presidente dos Estados Unidos. Mas não convenci Walter, que balançava a cabeça em sinal de desaprovação.

– Essa não, virou avestruz depois de velho! Ou será que foi o santo do João Pedro que baixou?

*

XIX

Cala a boca, suicida desgraçada!

– Solta a franga, Tarquínio.

Faz algum tempo que Walter e dona Gertrudes estão quietos. Em compensação, Elvira tem aparecido quase toda noite, jogando pro alto seu uniforme da Escola Normal Nossa Senhora de Fátima, com seu strip-tease indecente, no frescor congelado de seus 19 anos, tentando ativar talvez o último fiapo de desejo sexual deste que está mais pra lá do que pra cá. Não adiantou todo o esforço que tive de fazer durante anos a fio para evitá-la, para riscá-la de minhas recordações. Lá estava, nua, com a beleza que atormentou minha juventude inteira.

– Despudorada, sem vergonha. Suicida desgraçada, fique na sua cova.— Gritei, mas não adiantou.

– Solta a franga, Tarquínio. Você fica aí ouvindo as histórias de Walter e de dona Gertrudes e não conta a sua. Conta! Eu quero saber o tamanho que era seu tesão por esta gostosinha.

– Vá encher a paciência do Artur, putinha suicida. Não foi por ele que você tomou formicida?

– Ora, ora. Ciumento? Depois de tão velho? Conta Tarquínio, conta a sua história, antes que surjam por aí outras versões que você não vai gostar.

– Estou me ralando. O que sai de boca de suicida não me afeta.

– É o que você pensa. Você não conta? Pois então eu conto.

*

Tarquínio tinha medo de mulher. Esta é a verdade, pura e simples. Ficava grudado, com aqueles olhões, em cima das meninas da Escola Normal, mas sem coragem de abrir a boca. Só de longe, quando estava com a patota, ousava dar assobios quase imperceptíveis, sumidos. Nem assobiar sabia direito, a boca seca não permitia a saída do som, fiu-fiu, não passava disso. Diferente de Artur, que sabia assobiar até o hino nacional, provocador de suspiros e ais nos corredores da Escola Normal. Tarquínio — não quis contar, agora ouça calado — era o objeto predileto de gozação das meninas.

– Tá lá o Tarquínio. Vamos passar perto dele, piscar o olho, só pra ver como vai ficar vermelho como um pimentão.

A gordinha da Veralúcia até que tinha um caimento por ele. Mandou recado dizendo que gostava, mas não adiantou. Nem pra tirar um sarro, sem compromisso, o bobo se aventurava a conversar com as moças. E Veralúcia ele não queria. Queria era a suicida de seu coração, com as melhores intenções. Aquelas babaquices: casar, ter filhos, unidos pra sempre até que a morte, até que a formicida tatu com suco de laranja, ou o tédio, ou a encheção de saco mútua, ou alguém mais apetitoso/a os separe.

– Olha a sopa que a Veralúcia tá dando. Vá lá, Tarquínio. Chame a moça pra dançar seu merda. Encoste a sua na dela.

Acossado ele ia. Um vexame. O diálogo não passava de algo assim:

– Quer dançar?

– Sim, com prazer...

Um minuto de bolero. Nem uma palavra, um palmo de distância entre os seios enormes de Veralúcia e os peitos raquíticos de Tarquínio. Mais abaixo — na zona que o Frei Bartolomeu decretara proibidíssima — a distância era ainda maior.

– Muita gente no baile, né?

– É.

Mais uns três minutos de bolerom, o tempo ampliado pelo silêncio. O palmo intransponível, alargando-se. A boca seca de Tarquínio incapaz de balbuciar uma palavra. O magricela e a gordinha, arrastando-se pesadamente pelo salão, sem bossa, sem charme. Veralúcia avançava os peitos, Tarquínio recuava, o palmo era sagrado, além dele seria o escândalo. Fim da música. Tarquínio com cara de tacho.

– Muito obrigado.

Veralúcia retirando-se, com a dúvida martelando-lhe a cabeça:

"Será que ele é veado?"

Não era. Nem dar Tarquínio tinha coragem. Veralúcia desistiu. Frouxo de uma figa! Vermelho quando Elvira passava, rebolando a bundinha, os peitinhos espetados na blusa branca do uniforme. O tesão descarregado na putaria, no foque-foque mecânico, sem língua, sem beijo. Só foque-foque. Quase igual a Eltinho. E muita punheta.

– Cale a boca suicida desgraçada!

*

Mas ela não se calava. Os retratos só se calam quando querem.

*

Intimidado pela mãe. Beijo e intimidades só depois do casamento e com muito respeito. Pelo Dr. Irineu, em moça de família não se toca e em puta só em último caso e como muita higiene. Por Frei Bartolomeu, que via pornografia até num aperto de mão, até numa dança com um palmo de distância. Intimidado pelas moças que riam dele, de sua timidez sem limites. Gozado pelos amigos.

– Pega a gordinha, Tarquínio. Coma antes de ser comido.

Tarquínio não pegou. Mas Artur sim. Descabçou primeiro Elvira numa noite de São João. Os babacas dentro do Clube dançando quadrilha de mãos dadas e Artur no terreno baldio, detrás de uma moita de piteira, fazendo aquilo que Tarquínio mal ousava sonhar. As mãos passeando pelas coxas redondinhas, a boca sugando aqueles bicos que quase furavam a blusa do uniforme. Depois foi a vez da gordinha e muitas outras que caíram nas malhas de Artur. Ele traçava tudo, o descabaçador-mor da cidade.

Bem falante, glostora no cabelo, sapato sempre engraxado, trejeitos. Feitas as contas, um nojo de sujeito. Não sei o que as moças viam nele. A mãe era professora da Escola Normal, metida a erudita, e o pai, imaginem, o Juiz de Direito, crente que era o sabe tudo, com ares de ser a autoridade suprema daquela merda de cidade.

*

– E por que você deu para ele?

*

Tarquínio tinha por Artur uma mistura de inveja, ódio e desprezo. O rapaz lia literatura clássica por imposição do pai, mas nem Machado de Assis conseguiu dar-lhe jeito. De seus inúmeros defeitos, avolumou-se o pedantismo. Tarquínio preferia o Capitão Marvel, o Batman e o filho da puta do Capitão América. Mandão, Artur queria ser o líder da patota. Queria imitar o pai, ser chamado um dia de doutor Cássio. Era Cássio, o idiota do juiz.

*

– Cale-se! Agora quem conta sou eu.

*

Mais ou menos na época em que Artur descabou Elvira, eu descobri o materialismo dialético através de Plekanov. Joguei fora o catecismo de dona Lalá, rasguei o Salmo 90 que minha mãe copiou para proteger-me de todos os males e abracei o comunismo na versão estalinista.

– Xiii, mas quem é que está interessado nesta merda. Não vem com essa de pousar de revolucionário que não cola. Nós mortos queremos a verdade, ah, ah, ah, como o Dr. Cássio nos julgamentos, a verdade, nada mais que a verdade.

– Putinha escrota, cadáver fedorento!

– Cale-se e ouça!

*

O materialismo dialético não fez Tarquínio vencer a timidez diante das mulheres. O menino que jogava no Avante e fazia gracinhas para os adultos ("como ele é inteligente, que belezinha", essas babaquices) transformou-se num adolescente minguido pela timidez, abobalhado, punheteiro.

– Paciência Deus amor!

Santa Misericórdia, esse João Pedro sempre perseguindo sua vítima preferida.

*

Suicida desgraçada. O materialismo dialético foi muito importante na minha vida. Eu não tinha paciência, há muito tempo a idéia de Deus me cheirava absurda. Não tinha paciência comigo mesmo. Queria mudar, operar dentro de mim o processo dialético, explodir o tímido para dar origem ao novo Tarquínio. Aplicar ao pé da letra a cartilha de Politzer, o ovo explodindo para dar origem ao pinto, a eletricidade positiva e a negativa sintetizando-se na luz. A violência é a essência do Universo, também apelidada pelos companheiros do partido, que conheci mais tarde em Belo Horizonte, de a parteira da História. Perdão pela recaída. Que História? Que amontoado de asneiras, que ilusão, a espera do passe de mágica que me transformasse no sujeito capaz de atravessar o salão do Clube dos Aristocratas e gritar para todo mundo ouvir:

– Elvira, como você é bonita. Eu quero você só pra mim. Eu amo você.

O mais provável é que não a conquistaria. Elvira já estava bestificada pelas cretinices de Artur. Entretanto, eu poderia ter con-

quistado a mim mesmo, ganho aquilo que se chama de auto-respeito.

– Puta que o pariu. Velho idiota, muita água correu por baixo da ponte. Você está aí querendo provocar compaixão. Para nós retratos —Walter já lhe falou, até Castelo Branco o advertiu — não pode existir um sentimento mais desprezível. A autocompaixão é o excremento produzido pelo cérebro, o mijo saindo pelos olhos. Para mim, nem o mais sujo dos cus é tão feio como dois olhos lacrimejando autocompaixão.

A suicida tinha razão. Mas era a desgraçada que estava forçando que eu rodasse o filme de minha vida, que esmiuçasse passagens que melhor ficariam esquecidas para sempre.

– Tarquínio Esperidião, não confunda alhos com bugalhos. Quero que você rode o filme, desnude-se completamente pra gente saber ao certo como você era mesmo, mas dispenso os comentários, as lamentações, as masturbações. Quem tomou formicida Tatu não agüenta isso.

– Muito bem Elvira, muito bem.

Walter gritando de dentro de meu bolso.

– Não vamos deixar este velho morrer acomodado. Se continuar com esta frescura vai acabar é num repeteco do maio de 1968. Já o adverti mil vezes, mas não adianta. Sua Jerusalém continua intacta. Medo, cagaço, continua mijando no pinico, esporrando lamentações com esta irritante punheta mental. PARE COM ISTO TARQUINIO!

SEGUNDO TEMPO

O EDIFÍCIO

XX

Alô suicidas, o que faço agora?

– O senhor quer ser cremado ou desintegrado?

A princípio irritei-me. Não era pergunta para se fazer a um estranho no meio da rua. Mas a voz era tão viva, tão sonora, tão sexual que a curiosidade venceu a irritação. Pensei que fosse a própria suicida. Mas não. Elvira nem depois de morta falou holandês e a pergunta vinha na língua materna de frei Bartolomeu:

– Wilt U gecremeerd of gedesintegreerd worden?

E que me importava ser cremado, desintegrado numa dessas naves fúnebres lá pelos lados da órbita de Urano ou dissecado por esses tecnocratas da morte, conforme o Walter gostava de classificar os médicos. Não estava nem aí para me preocupar com uma besteira dessa. Estou me lichando. Het kan me niet shelen. Mas respondi à moça com delicadeza, com outra pergunta.

– Por que você quer saber?

– Por nada. Há mais de um mês que o senhor vem aqui, todos os dias, sentar-se neste banco frio e ficar namorando o Edifício.

HET GEBOUW, o nome simples, sem adjetivo, o substantivo bastando: O Edifício. Assim tornou-se conhecido em Amsterdã O Centro de Eutanásia Voluntária, um prédio moderno, contrastando com seu azul claro o marrom das outras casas datando do século XVII. Foi construído na Oudezijds Voorburgwal, no lugar de algumas casas demolidas que faziam parte do Bairro da Luz Vermelha. As

coisas estavam mesmo mudando. Vejam só, a putaria cedendo lugar a um centro de morte moderno, limpo e cheiroso.

*

O Edifício era único em todo o mundo. Nos Estados Unidos a idéia da eutanásia voluntária fora totalmente descartada. Mais ou menos desde as últimas décadas do século passado, nada que tivesse o menor cheiro de progresso passava pelo Congresso estadunidense, mergulhado numa profunda crise de conservadorismo, uma terrível rebordosa de fim de milênio, só superada, em parte, ao fim da primeira década do século XXI. Um senador republicano saiu do sério e ameaçou queimar-se vivo, com as vestes embebidas em gasolina à moda budista, se o projeto a favor de eutanásia fosse aprovado. No Brasil, o catolicismo resistiu com unhas e dentes, rejeitando até mesmo a eutanásia passiva. "A morte é uma prerrogativa de Deus, está nos mandamentos". A nota da Conferência Nacional dos Bispos não deixava brecha para discussão. Era contra. Como representantes de Deus neste vale de lágrimas, a igreja católica não podia admitir que ninguém interferisse nos desígnios do Criador. Fim de papo. Na Holanda, o debate também não foi fácil, mas acabou sendo aprovada a construção, em caráter experimental, do Centro de Eutanásia Voluntária de Amsterdã. Foi inaugurado com protestos nas ruas e o grotesco espetáculo, exibido pela televisão, de uma cancerosa morrendo consumida pela dor, mas com forças para balbuciar ao microfone: *o sofrimento é melhor do que desobedecer a uma lei de Deus*. Uma nota do Vaticano, assinada pelo papa, excomungava os promotores do CENTRO e advertia seus usuários que os suicidas não tinham perdão. O CENTRO era uma espécie de cooperativa, visto que os democratas cristãos conseguiram vetar qualquer ajuda governamental. Seus estatutos eram claros e precisos, começando com a declaração:

Todo individuo tem o direito de escolher, caso queira, o momento de sua morte.

Claro que existiram sérias complicações no início. Os desesperados que queriam, momentaneamente, morrer, mas que podiam mudar de idéia passada a crise, jovens encucados com probleminhas da idade, mazelas de amor não correspondido facilmente curadas sem necessidade de formicida ou outros expedientes contra o mal de viver.

No Edifício, tendo em conta todos estes problemas, existia uma comissão de conselheiros, eleita pelos sócios. Os integrantes dessa comissão, coitados, tinham de descascar um abacaxi dos mais espinhentos. Seu papel não devia ser, pelo próprio estatuto do centro, convencer o pretendente a não dar cabo de sua vida. O papel da Comissão era fazer com que o candidato se mostrasse seguro do que realmente queria. Antes de poder utilizar as instalações do Centro, discutia com os diferentes membros da comissão durante o prazo mínimo de 15 dias, mas a decisão final, sempre, era sua. Pretendeu-se, no início, criar uma comissão de médicos e psicólogos que pudesse comprovar se o estado mental do candidato lhe permitia tomar a decisão. Descartou-se a idéia. Seria dar um poder excessivo a uma categoria, rompendo o preceito fundamental da instituição de que todo individuo tem o direito de escolher, caso queira, o momento de sua morte.

O CENTRO estava aberto a todos os maiores de 18 anos. Alguns membros mais radicais do Edifício já reivindicavam a extensão deste direito às crianças. Mas a oposição era, na época, muito grande.

*

Minhas visitas diárias ao banco em frente do Edifício estavam irritando Walter.

– Pode tirar o cavalo da chuva, Tarquínio. Nós não vamos deixar você utilizar esta porcaria de CENTRO. A morte é uma coisa

muito importante para ser concretizada na frescura desse edifício. Injeção que lhe faz ir adormecendo lentamente, gases cheirosos que o apagam sem que você dê conta, ao som de música (harpa de anjo, caralho!); não dá, não combina. Pular pela janela, tomar formicida, dar um tiro na cabeça, saltar debaixo de um trem, amarrar o pescoço numa corda. Tudo bem. Fica registrado o protesto. Desaparecer por obra e graça de uma injeção indolor me parece uma padronização inadmissível. A liberdade de morrer comporta, também, a liberdade de escolher como morrer. Sou pela eutanásia, sim senhor, mas a eutanásia diversificada, sem centros, sem comissões cagadoras de regras. Eutanásia praticada quando der na telha do indivíduo, da maneira que quiser. Eu não trocaria meu salto do décimo andar, a sensação de um vôo primeiro e último, por injeção nenhuma. Pode tirar o cavalo da chuva, não vamos deixar você entrar naquele centro. Se você quiser, o ajudo. Por ali passa um bonde, dou-lhe um empurrão e pronto.

*

— Realmente eu não me importo.— Respondi à moça.

Ela se chamava Tineke. Tinha seus 24 anos, alta, rosto grande, corpo bem torneado, cabelos louros descendo um pouco encacolados quase até os ombros. Pediu para sentar-se a meu lado no banco. Eu disse que podia.

— Por que você quer morrer?

— Quem lhe disse que eu quero?

— Minha experiência. Já vi muita gente ficar namorando o Edifício, tentando tomar coragem para entrar por aquele portão e nunca mais voltar.

– Você, uma moça tão bonita, não tem nada melhor pra fazer? Ficar vendo velhos e desesperados nesta praça, com os olhos grudados no Edifício?

Ela me contou que desde a inauguração do CENTRO, há quatro anos, ela vinha ali. Não era compaixão, nada disso, era uma compulsão irresistível para compartilhar a experiência suprema daqueles que queriam morrer. Nos momentos de desespero supremo, na ante-sala da morte, as pessoas costumam ser um livro aberto, é o momento certo de conversar com franqueza absoluta.

– É psicóloga ou, pior ainda, psiquiatra ou coisa que o valha?

– Não, nada disso. Faço-o por mim mesma, para satisfazer a curiosidade de entender por que diabo continuamos querendo viver. Levei muitos pretendentes para minha casa. Eu moro aqui perto. O senhor quer vir?

Olhei-a desconfiado. Eu não estava nem sequer certo se desejaria mesmo utilizar os serviços do Edifício. Já me bastavam os retratos, remexendo minhas recordações, propondo-me até saltar de baixo de um bonde de Amsterdã. Eu não necessitava de uma xereta holandesa, querendo sugar o último hálito dos que vão morrer. Mas sua boca era tão úmida e vermelha, erguendo-se imponente como o último desejo de um velho moribundo. Senti não ser possível resistir. Pela primeira vez não esperei que Walter e Elvira viessem me dar conselhos. Fui eu mesmo que gritei por socorro.

– Alô suicidas, que faço agora?

– Vá firme, Tarquínio. É agora ou nunca. Desde quando uma trepadinha faz mal? A moça não vai comê-lo assado.

XXI

Papai viajou hoje pra China

Tineke segurou minha mão e disse:

– Vamos!

Seu apartamento era no terceiro andar de uma velha casa no Rokin, não longe da Estação Central. O apartamento pertencera a sua avó, uma das primeiras a utilizar o Centro de Eutanásia. Quis mostrar-me uma fotografia da velha. Pedi-lhe que não, argumentando que já tinha fotografias o suficiente para não me deixar em paz o resto dos meus dias. Ela fez um muxoxo tipo cada louco com sua mania, mas ficou séria logo em seguida. Contou-me que, no momento, vivia só, brigara nos últimos anos com uns três ou quatro namorados, todos eles vítimas da crise de moralismo de fim de século, incapazes de aceitar as pessoas como elas são; viviam cagando regras de comportamento. O último deles a condenou violentamente por não ter impedido que sua avó entrasse no Centro. O babaca queria fazer de Tineke uma mulher-caranguejo, que andasse para trás sem criar caso. Exigia a monogamia.

– Não sei o que vi nesse sujeito, ornamentado com todos os preconceitos que eu julgava sepultados num velho baú.

Estávamos sentados num confortável sofá na sala discretamente decorada, algumas reproduções de Van Gogh contrastando com as paredes totalmente brancas. Tineke perguntou-me se eu queria chá ou café.

– Chá.

Ela desapareceu na cozinha, enquanto eu me afundei no sofá, olhando, pela porta entreaberta, a cama, redonda, majestosa, colocada no meio do quarto. Equipada com colchão d'água. Um frio percorreu-me a espinha, um frio gostoso, de antecipação.

Uns cinco minutos depois, Tineke voltou da cozinha com duas xícaras na mão.

– E, então, meneer Esperidião, a vida não lhe dá mais prazer? O senhor quer mesmo entrar pelo portão sem saída?

– Devagar, moça. Você sabe o que é viver assediado por fotografias atrevidas por mais de meio século?

– Fotografias?

Tineke inspirou-me uma confiança sem limite, não sei porque, desde o instante em que a conheci. Estava ali alguém em carne e osso a quem eu poderia confiar meus fantasmas de estimação. Conte-lhe a respeito de Walter, da suicida, de dona Gertrudes, do bando inteiro. Ela não se espantou, nem tão pouco me olhou como quem diz "este aí é louco de pedra". Ouviu com atenção, interrompendo-me várias vezes para pedir esclarecimentos e mais detalhes. O brilho de seus olhos mostrava muito bem o quanto estava interessada. No fim me perguntou:

– O senhor vive só?

– Vivo.

– Nunca se casou, nunca teve uma companheira ou companheiro?

Será que me enganara? A holandêsinha estava se saindo pior que as fotografias. Queria saber de tudo. Companheira ou companheiro? Essa mania holandesa de sempre deixar claro que não interessa que você seja hetero, bi ou homo. Casar? Não. Nunca. Era contra meus princípios (ainda que ter princípios parecia ser uma coisa tão fora de moda). Mas, para ser sincero, foi a suicida quem sempre impediu que eu consumasse o ato. Ela, a miserável que nunca me deu bola em vida, morta vinha intransigente, ditadora, gritando com sua nudez de cadáver congelado pelo tempo:

– Não casou comigo, não casa com mais ninguém.

Com a Tatiana por pouco eu não me casei. Devo a ela a proeza de ter-me ensinado que as mulheres não mordem, que é uma grande bobagem ter medo delas. Tatiana nasceu em berço comunista, amamentada, desde criancinha, com o materialismo dialético. Sua canção de ninar, cantava-lhe o pai, quase todas as noites:

Viva Stalino
Viva Stalino
A Mezza Notte
Cielo Strelatto
Il Santo Padre
Sará Inforcato.

O nome também foi escolhido pelo pai, por motivos óbvios. Arrependeu-se depois, sentiu-se traído pelo revisionismo, Lin Chu seria mais adequado. Mas o nome ficou: Tatiana, lembrando os velhos tempos da revolução de Outubro, o heroísmo proletário, a época que ele julgava tão boa do pão-pão queijo-queijo, revolucionário-revolucionário reacionário-reacionário. A mãe, costureira de mão cheia, conhecida em todo o bairro de São Cristóvão onde sempre viveu, também militava na ala feminina do partido. O primeiro arranca-rabo de Tatiana com o pai e os camaradas foi por causa dessa ala.

– Que negócio é este de ala feminina? Tem, por acaso, alguma ala masculina no Partido? Tem? Estão pensando que Partido é escola de samba? Não dou para passista nem para porta-estandarte. Ou me aceitam como militante integral ou saio. Achem que vou passar minha vida como a boboca de minha mãe, sempre a sombra do Zé Praxedes? A gente vai fazer a revolução pra quê, camaradas?

"Será que esta menina está lendo a Rosa Luxemburgo?"

Um pensamento apreensivo que muitas vezes perturbava o sono de Zé Praxedes.

Militávamos juntos, comendo muito pão e pouco queijo que a clandestinidade nos permitia no Rio de Janeiro. Um dia, de supetão, ela me disse:

– Papai viajou para a China. Você vai comigo pra casa, hoje.

Tremi.

– Pra quê?

– Ora, seu merda, pra quê? — E apertou-me a mão.

– Não acho correto.

– Você é veado, Tarquínio? Comunista também trepa. E eu quero trepar com você. Vamos pra casa!

Sua determinação, sua convicção, intimidou-me mais que o complexo de culpa, resquício do catecismo sincretizado com os ensinamentos do livro vermelho do Mao-Tse-Tung. Ir pra cama com a Tatiana era trair o partido e os camaradas, trair a confiança de José Praxedes, um exemplo de militância que colocava a revolução acima de todas as coisas. Sim, Tatiana não existia. O que existia era a filha de Zé Praxedes, um revolucionário impecável. Tatiana, portanto, era intocável. O fruto proibido, que poderia abrir uma fenda no rochedo ideológico que me sustentava. A negação da negação, a destruição do revolucionário que havia dentro de mim. Tentei ainda argumentar.

– Não, não. Continuo achando não ser correto. Não é apenas por seu pai. E se os companheiros descobrirem? Onde fica a disciplina?

– Fica na bunda, a disciplina fica na sua bunda. Moralista, machista, ir trepar com as putas não fere os princípios do partido? Você acha que não sabemos de suas idas à zona? Sair por aí, cantando as empregadinhas domésticas não afeta a disciplina? Não me venha com esta conversa. Você quer casar primeiro, é? E depois ter

suas amantes burguesas? Babaca! Idiota!—Puxou-me com força.—
Vamos pra casa!

Lancei o último argumento.

– E sua mãe?

– Aquela coitada não existe. Está costurando no quartinho ou reunida com as idiotas da ala feminina.

Sem argumentos, fui praticamente arrastado. Entrei no ônibus apreensivo, temeroso de ser visto por algum camarada. Mas fui, Tatiana com as mãos grudadas na minha. Possessiva. Segura do que queria, determinada a chegar a seu objetivo, sem complexos, sem encucação, sem frescura, deixando que o tesão falasse mais alto que qualquer materialismo dialético temperado com estalinismo e salpicos de complexo de culpa cristão.

*

XXII

Teve o desplante de falar mal do Lênin

Tineke notou que eu não conseguia tirar o olho do colchão d'água. Não disse nada. Apenas sorriu, exibindo uma gostosa malícia, que só fez aumentar o calafrio descendo pela espinha. Não sei se já lhes contei. Sempre tive uma teoria sobre os calafrios. O que desce pela espinha sempre é bom, dando-nos a sensação de uma cócega interna, às vezes em redemoinho, que nos deixa, em estado de pré-orgasmo. O calafrio que sobe pela espinha sempre acaba mal. Aloja-se na garganta, atravessado, apertando, sufocando, provocando uma sensação de angústia sem remédio. Os calafrios reprimidos podem não chegar à garganta, mas ficam paralisados em algum lugar da espinha, onde se intensificam em forma de dor. Mais cedo ou mais tarde acabam é na garganta mesmo e atravessados. Esbofeteada pelo Eltinho, desprezada pelo Artur (bem feito!) Elvira me contou que teve desses calafrios ascendentes, contendo-lhe a respiração, na manhã que tomou laranjada com formicida. Eu mesmo descobri, por experiência, que é muito perigoso reprimir os calafrios. É melhor deixá-los subir ou descer. Ou ir para o lado que quiserem. Reprimi-los não é boa política, principalmente um calafrio descendente gostoso como o que sentia diante do colchão d'água da holandesa.

Vejam vocês, Tarquínio, depois de velho, só não descambou para a sacanagem que reprimiu na juventude, mas, também, virou teórico de calafrios. Se ele não conseguir contribuir com nada para a Literatura, quem sabe se para a Ciência. O pessoal do Clube da Nostalgia anda precisando de calafrios espinha abaixo. Mas o calafrio é do Tarquínio, vamos ver onde ele vai chegar.

Tineke queria mais detalhes. A moça era de muita conversa, de muito blá-blá-blá, queria sugar minha vida antes de satisfazer o calafrio espinha abaixo. Sentou-se ao meu lado no sofá, beijou-me a

testa com carinho. Tive vontade de chorar, senti-me envergonhado, o calafrio quis fazer meia volta, atraído pela garganta seca. Eu disse com voz quase sumida (uma provocação para Walter e Elvira):

– Você podia ser minha neta.

– Meneer Tarquínio, qual é? Podia mas não sou. Para um sujeito que pensa em entrar no portão sem saída estas frescuras ficam ridículas. Que importa a idade. Somos dois seres humanos com vontade de satisfazer um ao outro. O resto é masturbação, preconceito.

Vi o Walter fazendo top-top e a Elvira um gesto obsceno com seu delgado dedo médio. Mesmo assim respondi:

– Desculpe.

Walter soltou um puta-que-pariu de desânimo. Elvira trincou os dentes e olhou-me com raiva com sua clássica pose de mão na cintura. Tineke socorreu-me dos dois, evitando por pouco que o calafrio descendente ascendesse.

– Nada de desculpa. O que aconteceu depois?

– Depois?

– Sim, depois. Com Tatiana? Vocês ficaram juntos por muito tempo?

Decidi resumir. Conteí que passamos a nos encontrar regularmente fora das reuniões do partido, durante uns seis meses. Tatiana teve uma briga ideológica tremenda com o pai recém-chegado da China. Foi expulsa de casa antes de ser, dias depois, expulsa do partido, taxada com a pecha de "luxemburguista". Desapareceu. Foi embora pra Paris. Nunca mais soube dela.

Nunca tinha visto Elvira tão furiosa. Pensei que ela fosse fazer comigo o que dona Gertrudes fizera com Truman. Desta vez ela

nem tirou o uniforme da Escola Normal Nossa Senhora de Fátima. Caminhou para o meu lado de dedo em riste.

– Seu safado!

– Quem é? É ela, a Elvira?

– Em carne e osso.— Respondi sem nenhuma ironia.

De pé em minha frente, pernas fazendo angulo de 30 graus, mãos na cintura, desafiadora:

– Tarquínio, seu sem vergonha, isto é resumo que se faça? Conte a história direito, se não eu não deixo você ir para a cama d'água com a holandesa.

– O que está acontecendo?

Fiz um sinal com a mão para Tineke não se meter e lhe disse:

– Há mais alguns detalhes da minha relação com a Tatiana. Você quer ouvir? Quer que eu lhe conte?

– Faça o favor! Conte safado, sem vergonha! — Elvira antecipou-a na resposta.

– Quero.

*

No dia em que Tatiana foi expulsa de casa eu a vi chorar pela primeira vez. Foi uma cena patética. A mãe, costurando, não levantou a cabeça, enquanto Zé Praxedes explodia. A filha era uma traidora, o pai encontrara um caderno de notas, onde ela se queixava do autoritarismo reinante no partido. Levantava dúvidas sacrílegas, não escondia ser simpática a idéias de Bukunin e Kropotkin e, pior, muito pior, manifestava abertamente admiração por Rosa Luxemburgo.

– Ela teve o desprazimento de falar mal do Lénin. Do Lénin! Isto é um absurdo. De minha filha não posso admitir uma coisa dessa. Filha do José Praxedes não pode escrever uma barbaridade deste tamanho. Seguidora da puta renegada da revolução!

Era o nome que ele dava à Rosa.

Leu com voz afeminada:

– *"Desconfio que o centralismo democrático leninista tem muito de centralismo e muito pouco de democrático".*

Jogou o caderno no chão, sapateou por cima. Cuspiu e gritou:

– Fora, fora desta casa, sua depravada, luxemburguista de uma figa, excremento da burguesia.

A mãe, que tinha até nome — chamava-se Gracinda, apesar de todo mundo conhecê-la como a mulher do Praxedes — não disse uma palavra. Continuou costurando de cabeça baixa, enquanto a porta batia com Tatiana já do lado de fora.

*

Tatiana queria quebrar o pau na reunião do Comitê Estadual e pedia meu apoio. O encontro seria observado por um integrante do Comitê Central e teria a função de um tribunal para julgar e condenar a renegada luxemburguista. Tatiana não estava muito interessada em se defender. Queria era levantar a questão do autoritarismo, discutir a discriminação contra as mulheres por parte dos camaradas. Expressar suas dúvidas a respeito do centralismo democrático. Em resumo, partir para o ataque.

– Precisamos desde agora lutar contra a estratificação do poder. Criar mecanismos democráticos dentro da própria estrutura

partidária. As massas não podem, jamais, dar cheque em branco a seus líderes.

Eu lhe disse que não devia exagerar, que as questões de princípio não deviam ser tocadas, que ela devia aceitar com mais humildade seus erros.

– Não me venha com este papo cretino; questão de princípio! "Submissão implacável de tudo que existe à crítica", companheiro. Esqueceu-se? Foi o barbudo que vocês querem transformar em profeta que o disse. Está esquecido? No livrão que vocês querem transformar em Bíblia, porra!

– Acalme-se Tatiana...

– Você está é com cagaço, Tarquínio. Sabe muito bem que estou com a razão.

Diacho, pensei, a agitação que fervilhava na Europa e que desembocou no maio de 68 na França já estava também criando grilos na cabeça da Tatiana. Para que complicar se o Potizer explicava tão direitinho. E, se não bastasse a Rosa, havia agora os Marcuses da vida, querendo, como Wilhelm Reich tentara fazer, conspurcar o marxismo com o excremento fétido do freudianismo, transformar a revolução em putaria, a ideologia proletária em pornografia. Essa Rosa, recatada ela não foi.

– Palmas do Zé Praxedes que o Tarquínio merece.

Para salvar a face, contra-ataquei à Tatiana com raiva:

– Você está partindo para a agressão.

– Agressão o caralho. Vamos lá, Tarquínio. Você não vai se transformar num burocrata de viseira como o meu pai. Vai? Por favor!

Na verdade eu tinha era medo mesmo. Cagaço, confesso, já que o negócio da Elvira é me humilhar. Gostava da Tatiana, queria viver no seu estilo, até casar se fosse preciso, mas o medo era muito grande, maior que a vontade. Não queria ser expulso do partido, a probabilidade de ser acusado de traidor me dava calafrio espinha acima. Meu nome numa notinha da CLASSE OPERÁRIA, seca, definitiva, irreversível...

COMUNICADO

Comunicamos a todos os camaradas que o individuo Tarquínio Esperidião não pertence mais aos quadros do Partido. É um traidor que renegou a causa marxista-leninista, enveredando-se pelos desvios dos piores inimigos da CLASSE OPERÁRIA.

– Levante a mão quem for pela expulsão da renegada luxemburguista.

Eu não tive coragem de dar o apoio que Tatiana necessitava. Na reunião do Comitê Estadual, transformada em tribunal revolucionário, eu me comportei pior que a mãe, a mulher de Praxedes, deixando a filha ser escorraçada sem dar um pio. Tatiana foi expulsa por unanimidade. Por unanimidade. Com a cabeça baixa, eu levantei a mão, carneiro! Como todos os outros.

Tatiana cuspiu em meu rosto e saiu da sala de cabeça erguida, altiva. Viajou para Paris e eu não quis mais saber notícias dela. Por vergonha. Meses depois, aconteceu aquela coisa horrível, que mudou o curso de minha vida. Se tivesse acontecido antes, talvez eu não tivesse levantado a mão.

*

– Safado! Vai, vai afogar seu complexo de culpa no colchão d'água da holandesa.

Não era Elvira. Era Walter em tom amistoso, moleque, sacana, reacendendo o tesão que a suicida tentara apagar, salpicando outra vez em meu rosto o cuspe da Tatiana. Com seu sorriso de capeta,

Walter me indicava que nos momentos de calafrio, Reich é muito melhor do que Marx. O calafrio que subia, desceu gostosamente.

*

XXIII

Afogue suas recordações no colchão d' água da holandesa

Se não tivesse sido por Walter o complexo de culpa, para não dizer pura e simplesmente o remorso, teria me destruído. Eu ainda estaria sentindo o cuspe de Tatiana escorrendo por meu rosto e o sangue de Orlando nas minhas mãos. Walter sempre apareceu em boa hora, no momento certo, mesmo quando estava vivo.

– Orlando?

Era o melhor jogador do time do Avante. Só jogava porque era mesmo bom, um artista com a bola, driblava o time inteiro antes de fazer o gol. Tinha o inconveniente de ser preto e pobre, um Garrinha do cerrado, mas, sobretudo, "gentinha", roupas rasgadas, pés achatados que nunca conheceram um par de sapatos.

– Você não tem gente melhor para brincar? Só essa gentinha? Um preto e um moleque?

O preto a que se referia minha irmã, está claro, era Orlando e o moleque era Walter.

Um dia Orlando me humilhou demais. Driblou-me três vezes, passou a bola por baixo de minhas pernas, deu-me uma gaúcha, voltou, driblou-me de novo, soltou uma gargalhada de quem está com tudo e gritou:

– Tarquínio, perna de pau, vai brincar de boneca com suas irmãs. Isto aqui é pra homem, seu veado.

Apanhei no chão um caco de telha e o atirei em sua cabeça. Abriu-se um talho acima dos olhos, o sangue jorrou feio, interrompeu-se o jogo. Corre-corre. Orlando esparramado no chão, gemendo de dor. Lágrimas e sangue se misturando. Eu histérico.

- Ele me provocou, ele me provocou!
- Oh, Tarquínio, você cegou o Orlando.
- Se não estancar o sangue, ele morre.

Orlando, com o rosto todo ensangüentado, ainda deitado no chão, limpou minha barra. Disse que não tinha sido eu, que ele tinha caído em cima de um pedra.

- Mas eu vi que foi o Tarquínio. — Insistiu um dos meninos.
- Cê tá enganado. Eu caí. Fique calmo Tarquínio, não foi nada.

Um alvoroço danado. Correria. O sangue não parava de sair. A notícia se espalhou. Em casa minha mãe me esperava de chinela na mão. Depois da surra, lavrou a sentença:

- Você está proibido de brincar com aquele negrinho. Essa gente não presta.

Eu que nunca gostei de obedecer minha mãe, achei boa a idéia de obedecê-la aquela vez. A humilhação agora era dupla: o drible e o tapa de luva, a defesa inesperada, a esnobação por parte de um preto pobre, pé chato que nunca conheceu um sapato, esfomeado de uma figa. "Caí em cima de uma pedra". Mentiroso. Fazendo o gênero do bom às minhas custas. Aumentou-se a raiva. Fiz frente única com o famigerado Eltinho e outros filhinhos da mamãe da rua para expulsar Orlando do time. Obedeci minha mãe, curvei-me diante de sua autoridade. A ordem era conveniente para ser acatada.

- Você está proibido de brincar com esse negrinho

Walter fez o que pôde para me chamar aos eixos:

– Tarquínio, seu filho da puta, é assim que você paga o favor que o Orlando lhe fez.

Não ouvi Walter. Coloquei Orlando na lista de meus inimigos. Preto de pé chato, sujo, gentinha. Vá driblar a puta que o pariu. Nunca mais quis falar nem brincar com ele. Eu não podia perdoá-lo ter me perdoado o caco de telha na testa. Tineke olhou-me fundo nos olhos, ferindo-me mais que as chineladas de minha mãe. E deu por encerrado o capítulo do Orlando.

– E depois da Tatiana?

A holandesa queria saber era das minhas trepadas. Depois da Tatiana? Muitas putas, algumas trepadinhas sem compromisso com colegas do trabalho. Nada de muito importante. Apenas o tédio do cotidiano, em cima do muro, vendo as coisas acontecerem. Estava lá a Elvira para não me deixar mentir.

– Não me meta nas suas enganações, Tarquínio.

Só me restava a solidão, compartilhada com as fotografias inquisidoras, as recordações que eu queria deixar arquivadas para sempre. Tive vontade de fazer uma imensa fogueira, queimar tudo, as fotografias e com elas todas as lembranças.

– Ai, ai, ai... Coitadinho! Estou morrendo de pena de você. Qual é a sua, Tarquínio, por acaso quer sentar numa pica para redimir-se de seus pecados? Quer uma penitência? Quer sofrer? Quer que frei Bartolomeu lhe passe um padre-nosso e 10 ave-marias? Vá logo trepar com a holandesa e esqueça a eutanásia. Não encha o saco!

Esquecer a eutanásia. Para Walter, que já dera seu pulo, era muito fácil dizer. Devia esperar o quê? Que o câncer na próstata me matasse ou que o catarro entupisse minhas vias respiratórias? Nem era certo que teria uma ereção, que pudesse satisfazer o calafrio e a holandesa. Nem sabia mais se estava subindo ou descendo. Os muros de Jerusalém comprimiam como nunca minha massa craniana.

Tineke não permitiu que eu me afogasse na angústia. Puxou-me para a cama e mergulhei com minhas recordações no colchão d'água, seguindo à risca o conselho de Walter. No dia seguinte, sentei-me no banco em frente do Centro de Eutanásia Voluntária, namorando o portão do não-retorno, mas na verdade ansioso para que Tineke aparecesse.

*

XXIV

Não vá desenterrá-la de novo, seu bunda mole

Meus encontros com Tineke tornaram-se freqüentes. Poderíamos ser colocados na categoria de amantes, etiquetados de o velho e a bela, uma relação que aos olhos de muitos, especialmente dos moradores do prédio de Tineke, parecia uma aberração, uma tara de lado a lado. Mas a afeição que nos uniu, desde o primeiro encontro, cresceu apesar de todos os obstáculos criados por vivos, mortos e as encucações ditadas pela Jerusalém de muros indestrutíveis. E os espelhos, os maldito espelhos.

Talvez a pior coisa para um velho seja enfrentar um espelho côncavo. No quarto de Tineke havia um espelho côncavo, enorme, redondo, maximizando a figura da gente. À distância, tudo disforme, indefinido. Nas proximidades, os detalhes ressaltados, o rosto em close up, as rugas descendo pelo pescoço como sulcos de terra arada depois da chuva, erosão da carne, pelancas, peito caído, barriga enrugada, escroto-escroto, murcho, quase inútil.

O espelho côncavo destoava completamente do resto do mobiliário discreto e sóbrio do apartamento de Tineke, que agora eu visitava regularmente. A cama com o colchão d'água, redonda no meio do quarto, poderia ser considerada por alguns como sendo algo insólito. Mas não me incomodava. Se era insólito, era um insólito delicioso, favorável aos calafrios descendentes. O espelho côncavo não. Ele estava ali como se fosse a própria Jerusalém. Impossível livrar-me dele. Pior ainda agora, quando a imagem movia-se fora de sincronia. Parecia um daqueles espetáculos manjados de circo. O palhaço olhando num suposto espelho e recebendo uma bofetada de sua suposta imagem. Cretinice, besteira. Meu reflexo falou:

– Nojento!

Virei o rosto para longe do espelho côncavo. Pouco adiantou.

– Nojento!

Dessa vez foi um grito, estridente, metálico, muito diferente de minha voz. Minha própria imagem, azucrinando-me mais que as fotografias. Tineke tomava uma ducha, cantarolando em holandês longe daquela imagem decrépita. Estava realmente passando do tempo de entrar no portão sem retorno. Olhe lá, do umbigo saía um verme, navegando no emaranhado das pelancas, na decadência total, cabal e definitiva. Tineke talvez fosse uma sádica. O espelho ela o tinha para martirizar suas vítimas, possivelmente ela trabalhava para o Centro de Eutanásia Voluntária. Trazia a seu quarto os indecisos como eu para que se defrontassem com o espelho côncavo, depois de uma trepada suada, difícil, com o gosto de ser a última. Outro verme saindo do umbigo, pegajoso, infiltrando-se nos sulcos de carne podre, corroendo as pelancas. Melhor os gases do sono eterno e o fogo do forno crematório? Credo, que espelho desgraçado.

– Nojento! Você me obriga a ser sua imagem, o retrato de sua superficialidade. Rebelo-me. De hoje em diante você sempre vai me encontrar transfigurada na crítica feroz, total e definitiva. Você vai ter inveja do Drácula que nunca teve sua imagem refletida. Vou dissecá-lo, dar som aos seus pensamentos espúrios, descobrir seu medo e sua covardia, desmascarar suas mentiras, desnudar seu mau-caratismo.

– Manda esta idiota calar a boca, Tarquínio.

Como sempre Walter apareceu em boa hora. Mas não vi sua imagem no espelho côncavo. Estranhei.

– E como é que você quer me ver. Quem pulou há mais de 40 anos do décimo andar não tem imagem. É a vantagem que temos. Manda a cretina calar a boca!

Falar é fácil, fazer é que é difícil. Lá de dentro do espelho côncavo, maximizada, ela era mais forte do que eu. Ainda bem que

Walter tomou minhas dores, entrou no espelho e esbofeteou a desgraçada. Ela reagiu com um pontapé. Walter retrucou. Uma briga de foice. Mas Walter era forte, sempre foi. Estrangulou a desgraçada. Roxa, língua pra fora.

– Espatifa esta filha da puta, Tarquínio!

A coisa pesada mais próxima era um ferro de engomar. Atirei-o com toda força contra o espelho côncavo, que se quebrou em mil pedaços. Walter e a já quase estrangulada autodenominada crítica total cabal e definitiva pularam para a água represada da pia semi-entupida.

– É agora ou nunca, desentupa a pia. Acabe de vez com a cretina. Você ainda não percebeu? Ela é a Jerusalém construída na sua cabeça. Está feroz, pior que cachorro doido, só porque você deu uma trepadinha gostosa com a holandesa. Trepar é bom, Tarquínio, não é pecado, mesmo com este cacete que custa a endurecer. Desentupa a pia!

A água correu, a desgraçada sumiu ainda se debatendo, tentando livrar-se das mãos do Walter.

– Meneer Esperidião.

A sádica! Gostosamente enrolada na toalha. Cheirosa, beijando-me a nuca.

– O que aconteceu? — Perguntou-me, olhando para o espelho espatifado.

Pedi mil desculpas. Foi um acidente. Esbarrei sem querer no ferro de engomar. — Uma mentira a mais, uma mentira a menos. Que importava. Ela sorriu. Já estava com o saco cheio do espelho côncavo, cafona, peça desgarrada de outros tempos, acelerador dos calafrios que sobem, freio dos que descem. Beijou-me novamente, na face. Um calafrio gostoso me invadiu. A cretina tinha descido para a merda, devidamente estrangulada. Mas, e o Walter, será que

ele não ficara também definitivamente sepultado por lá? Não ficou. Subiu triunfante com aquele mesmo rosto de juventude congelada.

– Enterrei a filha da puta na merda. Não vá desenterrá-la de novo, seu bunda mole. Esqueça o Orlando, esqueça a Tatiana, o passado não tem remédio. Se repetisse, seria exatamente a mesma coisa. Aproveite este calafrio que daqui a pouco não tem mais. Esta holandesa é a sorte grande de sua vida. Aproveite!

*

XXV

Ela era uma linda Colombina e eu, um pobre Pierrô

Fazia muito calor naquele verão abafado em Amsterdã. Tineke ainda respingando pela sala a água de seu banho apertou no tocador de CD uma velha canção de Michael Jackson. E eu a vi dançar, nua, com a elegância de uma cobra deslizando nas areias do deserto. Paralisei-me. Tesão e angústia, alternando-se. Quando meus olhos se encheram d'água, fazendo o calafrio subir, ao invés de descer, lamentando a velhice que dominava meu corpo, levei um violento pé na bunda que me fez catar cavaco sala a fora...

– Que passo é este, meneer Esperidião? Você disse que não sabia dançar. — Disse-me Tineke no meio de seu rebolado como se estivesse numa passarela.

A autora do pé na bunda, também nua, a suicida, na outra extremidade da sala, gritava:

– Seu borra bosta. Enfia esta sua compaixão no cu, que coisa nojenta. Preferível o Truman que explodiu Hiroxima e não se corroeu com nenhum complexo de culpa. Teve até coragem de iniciar a guerra fria.

Era de estranhar Elvira metendo-se em política. De Walter e de dona Gertrudes eu poderia esperar comentários do gênero. Mas de Elvira, que tomou formicida por causa do babaca do Artur? Mais uma prova de que das fotografias se pode esperar tudo.

Tineke socorreu-me da suicida despudorada. Puxou-me pelo braço para juntar-me à sua dança de invertebrado. Mas eu não conseguia deslizar como cobra, meus pés estavam pesados, as juntas endurecidas não tinham como entrar no ritmo do corpo maleável de Tineke. .

Quem Não Gosta de Samba
Bom Sujeito Não é
É Ruim da Cabeça
Ou Doente do Pé

Elvira devia ter tido lições de sacanagem com Walter, cantarolando Dorival Caymmi para um velho como eu, a procura de coragem para entrar no Edifício, provavelmente doente dos dois. Tineke continuava sorrindo, roçando-me com seu corpo molhado, os bicos intumescidos de seus seios róseos provocando-me para que eu acompanhasse suas evoluções harmoniosas na cadência frenética de Michael Jackson em descompasso com Caymmi. No outro extremo, a sádica, às gargalhadas, exalando formicida com suco de laranja e cantarolando já em outro ritmo só para me sacanear.

Ela era uma Linda Colombina
E Eu, um Pobre Pierrô...

Não estava a fim de ouvir velhas canções de carnaval. Minha vida não era uma folia. Nunca foi. Nunca gostei da confusão, gente massificada, berrando e dançando. Batucada sempre me irritou, cúica feria meus neurônios. Mas tinha de tirar o chapéu para Tineke. A holandesa desmentia, com seu gingado, o mito de que as brancas não sabem mexer com o corpo, dobrar as juntas, contorcer os quadris, em harmonia, com suplesse de passista de escola de samba ou cobra deslizando na areia.

– Leva ela pra cama enquanto está molhadinha.

Ora, pois, o Walter dando uma de machista. Eu não levava ninguém pra cama. Era ela quem estava me levando, era ela quem comandava o espetáculo, a dança era dela, a alegria que existia no apartamento era dela. Eu era um espectador em compasso de espera em ritmo de marcha fúnebre. A suicida atacou-me de Caetano:

Eu Sou da Bahia
De São Salvador

– Elvira, borrifa formicida neste cretino. Ele quer um repeteco de maio de 68, ele quer que a gente fique com pena dele. Tadinho! Assim vai brochar, deixando a holandesa no dedo.

Não brochei não. Deixei Walter e Elvira falando para as paredes. Deitamos ali mesmo, no sofá . Tineke ainda molhada, sem parar de dançar, desabotoando lentamente minha camisa. Tirando-a enquanto massageava meu peito já coberto de pelos brancos. Depois, na mesma lentidão, na mesma harmonia, na mesma suplesse de um invertebrado, passeou com suas mãos entre minhas pernas, tocando de leve meu pênis que se intumescia, sugando para si quase todo o sangue de minhas artérias. Nada melhor que um corpo de mulher para afogar todas as angústias. Afoguei as minhas, tapei meus ouvidos para Walter e Elvira que recitavam Bocage aos berros:

"Dizem que o rei cruel de Averno imundo
Tem entre as pernas caralhoz lanceta,
Para meter no cu na aberta greta
A quem não foder bem cá neste mundo.

Tremei, humanos, deste mal profundo,
Deixai essas lições, sabida peta.
Foda-se a salvo, coma-se a punheta:
Este o prazer da vida mais jocundo.

Se pois guardar devemos castidade,
Para que nos deu Deus porras leiteiras,
Senão para foder com liberdade?

Fodam-se pois, casadas e solteiras,
E seja isto já ; que é curta a idade,
E as horas do prazer voam ligeiras. "

*

XXVI

Aproveite o cafuné, seu cretino

Minha cabeça descansando em seu colo era alisada com tanto carinho que eu desconfieei ser aquele um cafuné de despedida. Passaram alguns minutos sem que nenhum de nós déssemos uma palavra. Janelas fechadas, mal ouvindo o ruído abafado que vinha da rua, era como se tivéssemos sido transportados para um outro mundo, outra dimensão em que o tempo tivesse parado. Olhei de relance para a parede e tive a sensação de que os ponteiros do relógio estavam realmente paralisados, como se o tempo fosse uma mera ilusão, revelando-me que era de um ridículo atroz o mal-estar que a diferença de nossas idades vinha provocando. Nem Walter, nem Elvira, nem Dona Gertrudes, ninguém se manifestava. Havia o silêncio e as mãos de Tineke passeando suavemente por minha cabeça. Entretanto, os ponteiros parados é que eram a ilusão. O instante de liberdade, de distensão, escapava-me. Senti-me na fronteira do sono. A boca da holandesa ampliou-se, tomou proporções gigantescas e seus contornos suaves, feitos para beijar, ficaram mais ríspidos, mais duros. Transformaram-se num imenso portão, sugando para dentro de si tudo em sua volta. O portão do Edifício. O vermelho tornou-se cinza, como a imagem desregulada da televisão. Por mais que eu debatesse não consegui conter a sucção. Fui engolido, levado num redemoinho. Acordei-me num campo nevado, o sol batendo com força nos cristais da neve, fazendo-os brilhar como se fossem milhões de diamantes, como o Chão de Estrelas que Sílvia Caldas de peito aberto cantava com seu vozeirão. À medida que andava, ampliava-se o horizonte daquele campo sem fim, e os diamantes se multiplicavam. Senti-me um ponto perdido naquela imensidão branca até perceber que os pontos reluzentes não eram os cristais de neve, nem estrelas no chão, nem diamantes. Eram os

olhos enraivecidos de milhares de lobos famintos que se atiraram sobre mim, estraçalhando-me, arrancando minhas vísceras, meu sexo, cuspidando sangue, o meu sangue, que escorria aos borbotões pela vagina de Tineke. Eu estava sendo expelido triturado, tal qual Juca e Chico moídos e jogados para os gansos. Pior, um óvulo que venceu seu ciclo sem ser fecundado, menstruação cósmica.

Acordei com um berro do Walter. Nunca me senti tão feliz em ouvir sua voz, seguro de estar retomando a normalidade que parecia escapar-me.

– Tregar é bom, Tarquínio. Tregar é bom, não é pecado. Deixe de besteira!

A boca de Tineke continuava vermelha e úmida e suas mãos não tinham parado de alisar minha cabeça. E havia tristeza em seus olhos. Ela parecia querer dizer-me alguma coisa, revelar-me, talvez, o porquê daquela súbita depressão, não sei.

– Alguma coisa errada, Tineke?

– Tudo bem, meneer Esperidião.

Ela teimava em chamar-me de meneer. Os europeus fazem questão de ser formais, de dizer meneer, mister, monsieur, senhor, para marcar a distância entre aqueles que não são ainda íntimos. Mas não era o caso. O "meneer" de Tineke tinha um charme especial, ela o dizia para reforçar ainda mais os laços, a afeição mútua que nos unia. Mas naquele dia havia tristeza também em sua voz, reticências, como se ela quisesse me dizer alguma coisa terrível, revelar-me um segredo que não suportava mais guardar. Um pressentimento mau me invadiu e meus olhos procuraram por Walter, em busca de socorro. Queria ouvi-lo dizer que era com masturbação mental minha, deixando ser corroído pela autocompaixão, a Jerusalém indestrutível, incrustada na minha cabeça. "Aproveite o cafuné,

seu cretino". Mas Walter havia sumido. Nem ele, nem a suicida, nem Dona Gertrudes. Ninguém apareceu em meu socorro.

– Está tudo bem mesmo, Tineke?

– Claro, meneer Esperidião. Claro que está.

Não me convenceu. Sua voz e seus olhos traíam as palavras. À porta, o beijo que ela me deu com sua boca vermelha e úmida teve um amargo sabor de despedida.

*

Durante três longos dias não tive a menor notícia de Tineke, amarguei longas esperas inúteis em nosso ponto de encontro preferido, o banco em frente ao Edifício. Eu sabia que ela costumava desconectar seu telefone quando tinha muito trabalho (ela desenhava para uma agência de publicidade), ou simplesmente quando não queria ser importunada. Tineke não sofria, como eu, do complexo de telefone e da ilusão de estar em permanente conexão com o mundo através da internet. Para mim, o telefone em particular, era um aparelho sagrado. Tocou, tinha de ser atendido, não importava o que você estivesse fazendo. Tineke não ligava. Para ela um cafuné, um momento de descanso sempre foi mais importante que atender ao telefone ou jogar conversa fora nos chats entre computadores.

– Deixa tocar, não tem importância, o mundo não vai acabar se a gente não atender. Deixa tocar.

Insisti. Liguei de novo. E de novo. E de novo. Pior que o tom, tom, tom do telefone ocupado era a calma das fotografias. E a mesma cantilena da mensagem gravada.

“Não estou disponível, deixe o seu recado.”

E as fotografias no mais absoluto silêncio. Depois do grito com que me acordou, o saltador de janela desapareceu, emudeceu.

– Walter, seu filho da puta, o que está acontecendo?

Não houve resposta. Mas notei que, dentro da foto do Avante, o moleque deu de ombros, menosprezando minha aflição... "te vire, Tarquínio" .

Decidi ir a casa de Tineke.

*

XXVII

Vá chupar prego, sua mal-amada!

Talvez eu estivesse encucado, mas notei que as pessoas me olhavam de modo diferente no prédio onde Tineke morava. O velho do segundo andar, saindo para um de seus três passeios obrigatórios com o pastor alemão que não suportava viver naquele cubículo, secou-me com seus olhos amarelos, sem esconder um leve sorriso de deboche, e virou o rosto sem uma palavra. Acho que uma vez ele me cumprimentara. Não sei. E não tinha a menor importância. Sei é que o pastor alemão, não poucas vezes, mostrara-me seus dentes e rosnara como se eu fosse seu inimigo nato. Duas crianças que brincavam nas escadas pareciam fazer careta endereçadas a mim, rindo como se eu fosse o Zé da Chiquita. Explico-me: o Zé da Chiquita era a alegria da meninada, aquele bando de pequenos sádicos de que eu fazia parte. Débil mental de nascimento, foi criado por dona Chiquita. Desconfio que movida mais pelo interesse de ter uma mão-de-obra barata do que pela piedade cristã tanto apregoada. Zé da Chiquita cortava lenha — era um ás do machado —, alimentava os porcos da patroa, limpava o chiqueiro, varria a casa. Era pau para toda obra, levantando às cinco da manhã e trabalhando até à noite. E tinha de agüentar os sádicos gritando, sempre que passava pela rua:

– Zé Cara de Bunda! Zé Cara de Bunda!

O coitado tinha, realmente, um rosto que mais parecia uma bunda, mas bunda de velho, bochechas proeminentes, zarolho, beijo caído, bunda de dar asco.

Morreu de ataque do coração no meio dos porcos, com seu rosto atolado na lama. Só foi encontrado uma semana depois, o Cara de Bunda, comido pelos porcos.

Mas que me importava agora Zé da Chiquita, que nem sobre-nome nunca teve. Foi e morreu da Chiquita. Eu queria saber era onde andava Tineke, eu não queria que ela se transformasse numa recordação. Isso eu já tinha de sobra.

O diabo de minhas pernas tremiam naquelas escadarias que me pareciam intermináveis até o quinto andar. Toquei a campainha. Uma, duas, três, varias vezes. Nenhuma resposta. Bati na porta, mas quem abriu foi a vizinha torcendo o rosto como se quisesse dizer: "Velho safado, não te enxerga no espelho?" Olhei de volta para a vizinha antipática e lhe disse com meus olhos: "Vá chupar prego, sua mal-amada!". E bati com mais força na porta, gritando:

– Tineke, Tineke!

A decisão mais óbvia – mas eu temia tomá-la – era utilizar a chave do apartamento que eu tinha comigo. Ondas de calafrios ascendentes tomaram conta de meu corpo, angústia diante de uma revelação terrível, a hora de colocar os pontos nos ii. Enfiei, trêmulo, a chave na fechadura, abri a porta e dei o primeiro passo de olhos fechados. Não havia nada de anormal. Tudo no lugar e limpo na sala. Fui ao quarto, onde a cama redonda jazia bem arrumada com um lençol de seda. No banheiro, na cozinha, nada que justificasse meus temores. Tineke simplesmente não estava em casa. Mas, por tanto tempo? Por quê?

Desci as escadarias mais trêmulo ainda. Entrei numa cabine telefônica e liguei para a agência de publicidade. Perguntei pela senhorita Cornelissen. O seletor automático de ramais desviou a liga-

ção para outro setor da memória do computador, que me respondeu de modo impessoal e categórico:

– Tineke Cornelissen não trabalha mais na empresa desde o dia 15 de julho de 2010.

O dia de nossa grande trepada. O dia do cafuné de despedida. Minhas pernas tremeram mais ainda. Soltei o telefone e vaguei pelas ruas de Amsterdã, como um zumbi. Tineke tinha me deixado, devia ter superado sua fase de velhos, mudado de cidade à procura de companhias de gente de sua idade, reconquistado o direito de ser classificada no rol dos que são carimbados de normais. Não me importei com as buzinas e os gritos dirigidos ao velho sonâmbulo que atravessava as ruas nos sinais vermelhos, indiferente se chegaria ao outro lado, ou se teria a cabeça esmagada como a do dono do coração que parou de bater no peito do João Boiadeiro por obra e graça de uma punheta.

*

Quando me dei conta estava sentado no banco — no banco de nosso primeiro encontro — em frente ao Edifício. Walter, Elvira e dona Gertrudes sentaram-se ao meu lado.

– Agüente as pontas, Tarquínio. — Disse-me Walter menos moleque do que costumava ser.

– O que aconteceu com ela? Onde está Tineke? Você sabe, diga-me Walter! Como é que eu vou viver sem ela? Digam-me, seus filhos da puta!

Dona Gertrudes explicou que não era obrigação dos mortos sair à procura de vivos perdidos. O problema era meu, que me virasse.

– Vou entrar no Edifício, seus fantasmas ambulantes, caveiras apodrecidas. — Gritei, enquanto Elvira dava um pulo do banco, mãos na cintura, desafiadora.

– Não vai entrar porra nenhuma, velho babaca. Não aprendeu ainda, nesta vida tudo é passageiro. Nem o presente nem o futuro existem. É o passado que domina, ele engole tudo, não tarda muito, com Edifício ou sem Edifício, você vai ser uma caveira mais apodrecida do que a nossa. E sua Tineke de merda já foi engolida por este turbilhão sem volta, passado. Já era.

– Sai pra lá com esta filosofia barata, suicida desgraçada! Onde está minha Tineke?

Falou, então, com sua categoria de fotografia amarelada pelo tempo, Dona Gertrudes:

– Elvira tem razão. Você não é do tipo que entra no Edifício. Nós o conhecemos de longa data. Você é do tipo que precisa ser empurrado e nós não vamos empurrá-lo. Você não tem a determinação daquele ali.

"Aquele ali" era um velho carcomido pelo tempo, as mãos cobertas pelas manchas negras dos anos, o rosto murcho, cadavérico, pedalando lentamente sua bicicleta — mais degenerada ainda do que ele, caindo aos pedaços — rumo ao Edifício.

– Observe com atenção — continuou dona Gertrudes — seu objetivo é o Edifício. Ele não vai parar para se sentar em banco nenhum, ele já decidiu. Nada, nenhuma Tineke, nenhum babaca do Grupo de Voluntários pela Vida pode detê-lo.

O velho da bicicleta caindo aos pedaços atravessou a praça com suas pedaladas lentas e determinadas e parou em frente ao Edifício. Encostou a bicicleta calmamente no meio-fio e nem ligou para o guarda que lhe dizia não ser permitido estacioná-la ali. Lentamente, sem um só olhar para o que deixava atrás de si, o velho da bicicleta caindo aos pedaços entrou pelo portão do Edifício.

*

XXVIII

Você é um cara de bunda

Fazia uma semana que Tineke desaparecera sem deixar nenhuma pista. Regularmente sentava-me em nosso banco, todos os dias, depois de passar por seu apartamento, apertando inutilmente a campainha. Não me atrevia a abrir a porta novamente e ser consumido pelo silêncio e a ausência. Lá estava eu, mais uma vez, sentado no banco da praça em frente ao Edifício, esperando que ela chegasse de mansinho por trás, tapasse meus olhos com suas mãos delgadas e perguntasse:

– Advinha quem é?

Ela não precisava falar. Podia reconhecê-la pelo toque das mãos, pelo cheiro da pele, pelos fluidos que a acompanhavam. Ainda sentia seus dedos passeando por minha cabeça naquele cafuné de despedida.

Mas quem veio sentar-se a meu lado, sem dizer uma palavra, cumprimentando-me com um leve aceno de cabeça, foi um velho tão carcomido como eu, um pouquinho melhor que o da bicicleta caindo aos pedaços, "oitenta e lá vai pedrada", pensei.

O velho continuou calado, desafiando minha curiosidade com seu silêncio. Associei-o ao Cara de Bunda, não sei por que. Imaginem, ele que devia querer uma morte limpa no Edifício, sendo comido pelos porcos, o rosto atolado na lama.

– Meu nome é Tarquínio Esperidião. — Disse, mas resguardando-me de estender-lhe a mão. Temia que não respondesse ao gesto, que deixasse minha mão estendida, sentindo-se rejeitada. No

estado em que me encontrava, eu lhe teria dado uma bofetada se isso acontecesse.

Ele me olhou, sem nenhuma resposta. Apenas balançou sua cabeça branca, seus olhos parados, de um azul sem brilho, quase morto.

– Primeira vez que vem aqui sentar-se neste banco?

Não era mudo. Respondeu-me com o equivalente a uma seco "é".

– Vem aqui por quê?

Não respondeu.

– Quer entrar no Edifício?

– Quero.

Odiava os lacônicos, do mesmo modo que não suportava os excessivamente tagarelas. Tineke falava na medida certa. "Falava não, fala", corrija-me. Não podia colocá-la no passado, não podia e não queria acreditar na tomadora de formicida, tinha de encontrá-la. O velho estava me irritando além do suportável. Decidi agredi-lo.

– Você é um Cara de Bunda. Não vai entrar porra nenhuma. Sentou-se aqui é porque está com cagaço. Quem quer entrar mesmo vai direto. Não se senta aqui nesta indecisão. Cara de Bunda!

Possivelmente não havia fotografias atrevidas e ditadoras impedindo-o de entrar. Portanto, se não entrava, era um Cara de Bunda mesmo. Eu não estava precisando de mau exemplo de indeci-

são. Ele não tinha o direito de se sentar em meu banco. Era a Tineke que eu estava esperando, não ele.

– Cara de Bunda!

O velho olhou-me a princípio espantado, depois com desprezo e se levantou. Foi embora dando-me as costas. Gritei quando ele desaparecia na esquina:

– Cara de Bunda. Cara de Bunda. Vai morrer fedendo numa cama. Canceroso!

Esperei as mãos de Tineke tapando meus olhos para me acalmar. Mas foi a chuva que começou a cair, fria, espantando as pessoas da praça, deixando-me só diante do portão do Edifício.

*

XXIX

A suicida estirou-me a língua

Nunca pensei que Walter, o meu melhor amigo, pudesse fazer uma coisa dessa comigo. Passei a noite acordado, olhando para seu retrato no meio da molecada do Avante, implorando, pior que uma beata na igreja, para que ele me desse uma pista, uma indicação, uma luz naquela busca desesperada. Nada. Ele continuou imóvel. Calado. Apelei para Elvira e o que obtive foi um estirão de língua da suicida. Dona Gertrudes, como Walter e a tomadora de formicida, não se moveu. Eu estava diante de uma greve das fotografias, um complô do silêncio. Três horas da manhã. Abri a janela e gritei a plenos pulmões.

– TINEKE!

Minha voz fez eco no paredão dos edifícios interligados e desapareceu sem resposta nos canais de Amsterdã.

Fui à agência de publicidade para tentar obter detalhes da demissão de Tineke. O burocrata apertou uma tecla do painel que tinha em frente de si e disse o que eu já sabia:

– A senhorita Tineke Cornellissen demitiu-se no dia 15 de julho de 2010.

– Isto eu já sei. Quero saber o motivo. Se vocês sabem para onde ela foi.

O burocrata disse que isso era informação sigilosa. Que não sabia e se soubesse não poderia me dizer. Pensei em mandá-lo à puta que o pariu, mas simplesmente virei as costas e parti.

Tomei coragem e fui à polícia.

– É parente da desaparecida?

– Não.

O policial olhou-me desconfiado, enquanto anotava os dados da minha Tineke. "Imbecil" — pensei — ela não é parente. E muito mais do que isto, burocrata!". O computador engoliu os dados de Tineke e o policial me disse que a queixa estava feita.

Coloquei pequenos anúncios no *Volkskrant* e em dezenas de outros jornais, utilizei todos os sites de busca da internet para pessoas desaparecidas.

TINEKE, VOLTE!

Não voltou. Os anúncios ficaram sem resposta. Durante dias e dias minha rotina era ir ao apartamento de Tineke, apertar a campainha inutilmente e seguir para o banco em frente ao Edifício.

*

Dormi no banco no calor agradável daquela tarde de julho. E qual não foi minha surpresa — alegria! — quando abri os olhos e deparei com Walter (sorridente), Elvira (mão na cintura) e Dona Gertrudes (a de sempre, séria, categórica).

– Temos uma surpresa para você. — Disse Walter, com voz zombeteira, podia ser bom sinal.

A surpresa era Tineke saindo pelo portão do Edifício e juntando-se aos três. A tristeza de seus olhos tinha desaparecido. Elvira disse em meus ouvidos, roçando-me com seus lábios gelados:

– Ela também congelou sua beleza.

Senti um calafrio desconhecido. Não subia, nem descia. Estava parado em algum ponto que eu não podia identificar. A idéia era absurda, mas as evidências estavam claras. Tineke tinha entrado no Edifício!

Ela se aproximou e cumprimentou os três na maior intimidade.

– Alô, gente!

– Desde quando você conversa com estes três fantasmas?

O sorriso de Tineke, respondendo minha aflição, só fez aumentar o calafrio desconhecido.

– Conte pra ele o que aconteceu.

Era a Elvira, sem esconder seu sarcasmo de suicida. Tineke sentou-se a meu lado naquele nosso conhecido banco de espera, tomou-me as mãos — as suas estavam geladas —, beijou-me a testa — seus lábios também estavam gélidos — e começou a falar.

TERCEIRO TEMPO

O CERCO

XXX

Este foi o último foguete de sua vida

Sentia-me tão vazio como o corredor por onde passava a esteira rolante, levando-me para a plataforma de embarque. A esteira rolava, deixando para trás boa parte de minha vida. Decidi voltar. Rever os lugares onde meus fantasmas foram amamentados e criados, terminar meus dias longe daquele banco de recordações, daquele Edifício do não retorno que não teve coragem de me levar. Esquecer para sempre a traidora da Tineke. Seria um voo de 45 minutos, o foguete disparando em direção à estratosfera, antes de pousar suave na Plataforma Intercontinental do Rio, construída ao lado do antigo Aeroporto do Galeão. Quarenta e cinco minutos e o banco de espera estaria a mais de 10 mil quilômetros de distância e eu bem perto da rua empoeirada, onde tudo começou. Um voo de 45 minutos, ou um disparo, para tentar resgatar o quê? Quando cheguei ao país de Tineke pela primeira vez – já fazia tanto tempo! –, tive de amargar 12 horas de avião, impossível estirar as pernas, poltronas estreitas, o ronco monótono dos motores impedindo-me de dormir, a comida descongelada servida no desconforto das turbulências, a toalete sempre cheia. Doze horas! Um tempo razoável para fazer planos, sonhar uma nova vida, deliciar a mudança ou, no caso de uma volta já classificada de definitiva, antecipar a chegada, o abraço dos amigos, o burburinho frenético daqueles que esperam. Esses 45 minutos eram como um tiro no passado. Um disparo na estratosfera, a Terra lá em baixo, expondo seu contorno, despindo-se de toda a grandeza, perdida neste mundo de espaço sem fim. Os navegadores pré-colombianos imaginavam que o mar terminava num abismo. Mas não tinham nenhuma idéia de que o abismo era tão grande.

– Cria jeito, Tarquínio. Quem está interessado em comparar essas porcarias de foguetes com aviões. E não me venha com masturbação cósmica. Pára com isso, sô. Você vai mesmo quebrar a cara com esta volta, mas, por favor, não encha o saco!

Walter, filho da puta, estava com a razão. Voltar pra quê? A maior parte das pessoas conhecidas já tinham ido para o beleléu há muito tempo, os que sobraram estavam mais pra lá do que pra cá, os novos provavelmente nem sabiam que eu existia. Nunca ouviram falar de Walter, nem da Elvira e de sua laranjada com formicida. Estavam, com todo o direito, noutra. As gerações só deixam os traços em linhas gerais, os detalhes que nós constituímos, indivíduos comuns, vão se perdendo sem deixar vestígio, até as fotografias no desbotar do tempo acabam no lixo ou no tubo de incineração. E as fotos digitais? Ah, as digitais evaporam-se muito mais rapidamente. E eu ia fazer o que naquela cidade que só tinha poeira? Não encontraria nem mais um fiapo podre da carroça de jatobá do João Pedro, a antiga casa onde nasci — me escreveram contando — foi pra baixo, construíram no lugar um edifício e eu não tinha a mínima idéia do que fizeram com o retrato da Dona Gertrudes, o grande que ficava pendurado na parede da sala. Devia também ter se desbotado completamente e ido parar num baú qualquer e, depois, numa dessas limpezas, atirado no lixo. O seis por seis que por teimosia ainda conservava em meu bolso talvez fosse tudo o que restava de minha austera bisavó.

– Que retrato feio. Vamos jogar isto fora.

Dona Gertrudes no lixo! E Walter. E Elvira. As recordações se apagam na medida em que se limpam os baús, quando as fotografias se degradam, esvanecem sem terem a oportunidade de fazer parte dos livros bem encadernados da história dos poderosos. Será, pensava naquela angústia da volta, que alguém guardava ainda uma fotografia minha? Seria a foto do time do Avante, desbotada

em meu bolso, a única que sobrara? E Tatiana? Teria morrido? Melhor, ninguém para recordar a vergonha, o cuspe escorrendo por meu rosto.

– Tarquínio Esperidião você tem exatamente dez segundos para terminar esta masturbação mental, senão passo-lhe uma rasteira e você vai beijar esta esteira antes de entrar no foguete que o conduzirá ao fosso cheio de merda que é o seu passado. Enquanto Jerusalém estiver de pé você não tem remédio mesmo.

Não ligava mais para as ameaças e provocações de Walter. Só me restava esperar a partida. Ninguém para me acolher, o burburinho da espera seria para outros babacas embarcados nesse foguete de merda. Para o sujeito que parecia estar cagando de medo, suando frio, já imaginando que iria explodir na estratosfera. Se a geringonça explodisse não sobraria nem a alma, choveríamos em pedacinhos em cima do Oceano Atlântico. Ou entraríamos em órbita. Seria até bom, excitante, sei lá.

Partiu. Nem frio na barriga eu sinto mais.

– Parem que eu quero descer!

– O senhor deseja alguma coisa?

– Desejo sim, descer. Estou arrependido de passar para o lado de lá do Equador. Não tenho absolutamente nada o que fazer no lugar para onde estou indo. Se a senhorita tem este poder, mande parar o foguete ou pergunte se alguém tem uma dinamite no bolso pra gente fazer um espetáculo pirotécnico agora mesmo. A senhorita já ouviu falar do Truman?

O sujeito do cagaço vomitou na poltrona, sujou o vestido da vizinha do assento e a aeromoça, ou foguetemoça, mostrava-se tão

apavorada quanto ele. Foi chamar o comandante, para lhe dizer que tinha um louco no foguete.

– Se você fosse realmente louco já teria explodido Jerusalém há muito tempo, seu merda. Você está igual àquele sujeito ali, cagando de medo. Igual, não. Ele leva vantagem. Quando descer do foguete, vai recuperar as forças e você estará apenas chegando em seu último atoleiro.

Eu não devia ter levado o Walter para dentro do foguete. Tinha era que ter rasgado a foto do Avante e atirado os pedaços num canal qualquer de Amsterdã.

– Parem que eu quero descer!

O comandante do foguete, imbecilmente fardado, veio dizer que eu estava prejudicando os outros passageiros. Lembrei-me de uma velha expressão e mandei o comandante ir tomar no olho do cu. Ele disse que não estava ali para ser desacatado, que eu me comportasse, senão teria de tomar uma providência drástica. Estirei-lhe a língua com a explícita aprovação do Walter e sugeri-lhe que tirasse aquela farda ridícula, sentasse no dedo e rodasse. Ora pombas, perturbando os outros passageiros! Estava apenas pedindo para descer. Não queria ir mais.

Acordei na hora do desembarque. O comandante e tudo mais desapareceram de minha vista, depois que o filho da puta do comissário, ou coisa parecida, borrifou-me com o jato de dormir.

– Bem feito, enquanto essas Jerusaléns todas não forem destruídas a tecnologia da repressão só terá mesmo de se desenvolver. Antes era cassetete na cabeça, agora é jato de fazer dormir!

Atordado e ainda tendo de ouvir carão de Walter. Eta anarquista autoritário! Devia estar uns 40 graus lá fora e o comandante de merda estava falando qualquer coisa com o pessoal do controle de passaporte. Se quisessem me mandar de volta, ótimo, perfeito.

– Você é um idiota que não tem mais controle de si mesmo e não terá esta sorte, burocratas tomando para você uma decisão que deve ser sua. Esse foi o último foguete de sua vida, você vai morrer asfixiado na poeira de seu passado.

De fato, o funcionário alfandegário apenas olhou-me atravessado, meteu o passaporte no scanner do computador e fez sinal para que eu passasse, devolvendo-me o documento. Abri a porta, deixando a sala refrigerada para sentir o impacto dos 40 graus à sombra e caminhei temendo que Walter tivesse toda a razão: eu pegara o último foguete de minha vida.

*

XXXI

Gozei as delicias do Nirvana

Foi ciumeira pura. Ciumeira Pura.

Devia estar mesmo ficando maluco. Viajar de ônibus na altura dos acontecimentos. Mas decidi assim. Estava cansado de foguetes varando a estratosfera e de aviões roncando seus motores em meus ouvidos. Peguei o ônibus Rio-Belo Horizonte. Já que o negócio era ir atrás de meus fantasmas, melhor mesmo o ônibus, nostálgico de outros tempos, serpenteando a Serra do Mar, parando nas cidades da beira da estrada, que a gente chamava de pontos de mijo. Não tinha intenção de ficar muito tempo em Belo Horizonte, congestionada, cercada de cascas de montanhas. O miolo talvez estivesse ali mesmo, na ferraria daquele ônibus. Escavaram as montanhas, abriram o peito de aço das Minas Gerais, levaram tudo para o outro lado do Atlântico, dilaceraram seu coração de ouro e o arrancaram aos pedacinhos até o último fiapo: um transplante que durou séculos de exploração. Não sobrou nada, a não ser as cascas de montanhas e os buracos quilométricos chão a dentro. Dona Olga, minha primeira professora, dizia orgulhosa:

– A mina de Morro Velho é a mais profunda do mundo.

E se fosse? Os desgraçados lá em baixo, asfixiados com suas picaretas, escavando ouro para o conforto de alguns filhos da puta instalados no luxo de suas mansões.

– Revolucionário frustrado é um saco!

Já não agüento mandar o Walter calar a boca. Que me importava a mina de Morro Velho! Que é que eu viera fazer?

– Taí, bem feito, bem feito. Eu lhe avisei que acabaria asfixiado na poeira do passado. Ela é tóxica e corrosiva. Você está num buraco mais profundo que a mina de Morro Velho.

*

O ônibus parou na rodoviária inteiramente renovada que não reconheci. O movimento era relativamente grande. Os mineiros, sempre ressabiados, ainda preferiam viajar de ônibus, embora mais para o interior do estado. Viajar de ônibus para o Rio, ou vice-versa, só os fanáticos e os loucos. Subi a escada rolante confundido-me com a multidão, embora ela me parecesse estranha, irreconhecível, muito diferente daquela que fervilhava na Belo Horizonte de meus tempos de estudante. Não telefonei para ninguém. Na verdade, não tinha a quem telefonar. Não sei se meus parentes se lembrariam de mim. Eu mesmo não recordava mais o nome dos que sobraram. Os antigos colegas de estudo e trabalho estavam espalhados pelo mundo ou mortos e devidamente sepultados. Como o time do Avante, estavam irremediavelmente dispersos, desconectados, sobrando uns gatos pingados como eu, curvados e acovardados, sem coragem de apressar a última experiência a que todos nós estamos condenados.

– Ai, ai, ai. Que é que você quer? Que a gente chore? Não foda a paciência da gente, Tarquínio. Sua autocomiseração dá vontade de vomitar.

*

Fui para um hotel na Avenida Afonso Pena, não longe da Praça Sete. No centrão agora decadente. Tranquei todos na gaveta de uma pequena cômoda, para ver se conseguia descansar sossegado. Todos: Walter, Dona Gertrudes, Elvira e Tineke, a traidora. Todos. Passei a chave duas vezes. Coloquei fita durex em volta das frestas. Os retratos são piores do que os ratos. Conseguem se esgueirar nas mínimas frestas para se alimentar das porcarias perdi-

das no lixo da memória. Precisava mantê-los sob controle. Walter deixara de ser meu melhor amigo para se transformar em meu maior crítico. Tinha de lhe ensinar que eram os vivos os senhores que davam as cartas.

Deitei de papo pro ar. Tentei esvaziar minha mente com os olhos fixos no teto branco do quarto do hotel. Por alguns instantes, gozei as delícias do Nirvana. Mas não durou muito tempo. Fui transportado numa fração de segundos para o banco de espera em frente ao portão da entrada sem saída. E ao meu lado, ainda com as mãos frias, Tineke me explicava por que tinha entrado no Edifício.

*

Tineke se roia de ciúmes de Elvira. Estava aí o x do problema. Contou-me que tinha tomado a decisão duas semanas antes do cafuné de despedida. Simplesmente não queria envelhecer, sentir seu lindo corpo desfigurar-se em rugas e pelancas. Queria, como a Elvira fizera, congelar sua beleza.

– Eu quis me transformar para você, tal qual a Elvira, numa bela foto de recordações.

No dia do cafuné, Tineke teve vontade de me convidar para que entrássemos juntos, de mãos dadas, no portão do Edifício e ir caminhando pelo corredor cheio de flores em direção ao quartinho do sono eterno. As flores do corredor exalavam um doce perfume misturado com os gases letais que iam entorpecendo, devagarinho, quem por ali passava. Uns, como Tineke, preferiam caminhar lentamente, ir sentindo as pernas ficarem cada vez mais bambas, um gostoso suor frio escorrendo pelas têmporas, até desfalecer totalmente ao chegar ao quartinho. Outros preferiam sentar-se em confortáveis cadeiras instaladas numa esteira rolante que percorria o corredor das flores do último perfume. E havia também aqueles já

carcomidos por doenças incuráveis, deslizando inconscientes em suas macas, sem sequer poder sentir a atmosfera perfumada.

O quartinho tinha um solo giratório. Transportava os corpos que ali iam caindo para uma portinhola conectada a outra esteira rolante, parecida com aquelas dos aeroportos destinadas ao transporte de bagagem. Funcionários do Centro recolhiam os corpos, identificados por uma pulseira, com as necessárias informações: nome, se devia ser sepultado, cremado ou desintegrado no espaço, indicação das pessoas que deviam ser avisadas. Numa outra entrada do edifício, dobrando a esquina, havia uma sala de visita para parentes, amigos e curiosos, que podiam presenciar num circuito fechado de TV a última jornada daqueles que tinham escolhido o corredor de flores.

Havia também aqueles que dispensavam a pulseira de identificação. Queriam entrar ali nus como nasceram, desprovidos de tudo. Tineke entrou sem a pulseira. Só pediu para ser fotografada nua, caminhando pelo corredor de flores, com a recomendação de que a foto me fosse enviada. Maldita burocracia, a fotografia só chegou as minhas mãos meses depois, sem nenhuma explicação, naquele dia em que me sentei pela última vez no banco em frente ao Edifício do não-retorno e decidi pegar o foguete de volta.

*

Ciumeira besta. Gostava de Tineke em carne e osso, suas mãos macias, hábeis no cafuné, capazes de deslizar suaves por todo meu corpo, fazer-me gemer de puro prazer, sentir o calafrio gostoso sem culpas e grilos. Ciúmes daquela suicida desgraçada que me olhava com desprezo e ia dar para o Artur!

– Considero uma traição, Tineke. Você não tinha o direito de ter entrado no Edifício. Não tinha!

Tentei livrar-me de suas mãos frias. Ela não deixava. Sorria de minha indignação com os aplausos de Walter e o olhar sádico de Elvira. No dia do cafuné de despedida — confessou-me — foi Walter em pessoa quem a proibiu de levar-me para dentro do Edifício.

– Corredor de flores uma ova. Entre se quiser, sua holandesa branquela, mas deixe o Tarquínio. Não se meta, o rapaz é crescendo para saber o que tem de fazer da vida!

Tineke tremeu nos alicerces. Foi a primeira e a última vez que enfrentou uma fotografia em vida. E logo quem? Walter! Decidiu entrar sozinha e deixar pra mim – sem uniformes de escolas normais, sem nada – a foto de sua beleza congelada no corredor das flores da morte.

*

XXXII

Pelancas sacudindo no vai-e-vem do balanço

Poeira não tinha mais, a não ser em algumas estradas periféricas. A rua onde eu brincava, atolado quase até os joelhos na poeira, estava asfaltada. A grota onde me escondia, fugindo do castigo materno quase diário, foi aterrada e as casas brotaram aqui e ali em ruas simetricamente planejadas. Aquela não era mais, definitivamente, a cidade onde nascera. A paisagem mudara, não menos que as pessoas que nela habitavam. Cheguei e ninguém deu conta de minha chegada, a não ser umas crianças que me olharam desconfiadas, matutando que velho era aquele. Atravessei a rua e entrei no hotel defronte a rodoviária. Atendeu-me um senhor gordo e negro que parecia ser o dono. Pedi-lhe o quarto mais confortável e ele foi fazendo perguntas sobre meus dados pessoais, enquanto anotava na memória de um velho PC. Dei-lhe meu nome, endereço ainda no exterior, data de nascimento e, como não tinha a carteira de identidade, o número do meu passaporte. O preto gordo estranhou um pouco e me perguntou, enquanto me estendia a chave, de onde eu era.

– Daqui mesmo. – Respondi-lhe secamente.

– O senhor é da família dos Esperidião?

Confirmei que era, mas que tinha me desligado de tudo e de todos. Que nem sabia o que estava fazendo ali, que ficaria uns dois ou três dias, não mais. Surpreendentemente, disse-me que já tinha ouvido falar de mim. Seu pai... E quem era seu pai? Quis saber.

– Miguel Silveira. Morreu já faz 15 anos.

Havia constrangimento na sua voz, os olhos baixos sem querer confrontar-me, deixando entender que a recordação do pai dava-lhe vergonha ou algo parecido. Não lhe perguntei mais nada. Fiquei matutando.

Miguel Silveira? O nome não me era estranho. Ora bolas, o Miguelito. As coisas mudaram mesmo na cidade. Asfalto nas ruas e o bisneto de João Pedro anotando o nome dos hóspedes de seu hotel num computador.

Banho morno, uma soneca na cama do quarto do hotel do bisneto de João Pedro e depois uma explorada no centro da cidade. Quem sabe eu veria um rosto conhecido. A larga avenida pela qual passei tantas vezes indo para a escola também estava agora bem pavimentada e quase todas as casas eram novas, irreconhecíveis. A maioria muito bem cuidada, com alpendres e varandas. Há muito tempo que os fazendeiros do município, e os "doutores" bem-sucedidos da cidade, competiam entre si cada qual querendo construir a casa mais chique. Na varanda de uma dessas casas, que parecia razoavelmente confortável, havia uma velha gorducha (parece que todo mundo engordou na cidade) sentada numa cadeira de balanço, tremulando suas banhas num vai-e-vem monótono e irritante. Olhei e senti um déjà vu naquele rosto. Ela retribuiu o olhar e parecia também ter reconhecido em mim alguém daquelas épocas de muita poeira e boleros água com açúcar executados pela orquestra Os Boêmios da Noite nos bailes de fim de semana no Clube dos Aristocratas. Perguntei a um menino que passava quem era a dona da cadeira de balanço.

– É a dona Verusca.

Dona Verusca? Dona Verusca? Que merda era a dona Verusca? A sensação do déjà vu permanecia obscura, não se estabe-

lecia a conexão entre a velha da cadeira de balanço e a outra de uns 60 anos atrás.

A gargalhada de Elvira, fedendo a sua maldita formicida, quebrou o silêncio da manhã que prometia ser tranqüila. Fazia par com Tineke, que marotamente lhe perguntava ao ouvido, baixinho, mas suficiente para eu ouvir, com o intuito de irritar-me.

– É ela?

– Ela, quem, suas suicidas de uma figa?

– Ora, Tarquínio, veja só. Então não reconhece a dona Verusca? Ah, ah, ah... é a versão, 60 anos depois, da gordinha da Vera Lúcia que tremia a bocetinha quando você passava e o perseguia com seus seios enormes como os das vacas da terra da Tineke. Então não se lembra mais, seu safado?

– Suicida imoral, sádica, fecha esta boca fedorenta.

A revelação de Elvira embrulhou-me o estômago e fez subir aquele calafrio que afoga qualquer vontade de viver. Ainda martelavam em minha cabeça a gargalhada de Elvira e o riso sarcástico de Tineke, quando voltei a encarar a gorda da cadeira de balanço, vestida de cinza, papadas caindo, olhar de quem não procura mais nada, o sexo encafifado na rouparia, possivelmente há muitos anos totalmente fechado para o prazer. A gordinha da Vera Lúcia estava ali sem o pouco do charme de seus enormes seios de 60 anos atrás, sem as coxas roliças que levantavam o pau da meninada, as pelancas dominando tudo, desfigurando as bochechas rosadas e lisas de antigamente. Tentei imaginar como seria agora sua boceta, mas não consegui formar nenhuma imagem. Essas roupas pesadonas que os velhos costumavam usar pareciam ter a função bem determinada de eliminar-lhes o sexo, de castrá-los, de sepultar antes

da hora o pouco de vida que lhes restava. Uma coisa que sempre me impressionou nas praias de nudismo foi descobrir que as velhas continuavam tendo realmente boceta e que estavam, portanto, abertas ao prazer. Talvez seja mesmo no nudismo que os velhos possam melhor afirmar que continuam sendo seres humanos. Não era o caso da Vera Lúcia, transformada na Verusca de vestido cinza, gola alta para tapar um pouco das papadas. Não, Verusca não tinha mais boceta e estava condenada a morrer naquela cadeira de balanço sem dar mais nunca um gemido de prazer. Era a Mafalda do século XXI. As gerações passavam e os preconceitos permaneciam. Eram as modas que se modificavam no ritmo frenético dos anos, a maquiagem, o verniz, a capa externa das pessoas, os alpendres e as varandas, as ruas, os edifícios, os computadores velozes e até a gramática se simplificava, dando-nos a falsa sensação de grandes mudanças. Ilusão. Há gente até hoje que não pára de reconstruir os muros de Jerusalém que Walter e uns gatos pingados teimam em demolir. Não agüentei. Caminhei até a varanda e disse à Vera Lúcia de 60 anos depois, sem me dar ao trabalho de cumprimentá-la ou mesmo de informar-lhe quem eu era.

– Suicide-se que ainda está em tempo.

XXXIII

Vá firme de mãos abanando!

Se tivesse sido alguns anos antes eu teria morrido de vergonha, mas já era um tempo em que nem liguei.

Dona Verusca, a princípio, ficou de boca aberta, abobalhada, sem saber como reagir. Depois, deu um grito rouco:

– Atrevido! Velho safado!

Ponderei que ela não precisava ficar zangada, que era um conselho de amigo, que eu mesmo já tinha pensado naquilo, mas que me faltara a coragem. Ela não parecia convencida de jeito nenhum. Fuzilava-me com o olhar. Dei-lhe nova sugestão...

– Ok. Esqueça o suicídio. Mas tire pelo menos esta roupa pesadona, este cinza de defunto que não quer ser enterrado. Sabe, eu tentei imaginar como é a boceta da senhora e não consegui fazer nenhuma imagem. A senhora ainda tem vagina?

Pra que fui dizer isso. A indignação de Dona Verusca, com seu olhar que passou de surpresa a cólera, transformou-se numa histeria cabal, total e definitiva. Já não gritava, urrava, gesticulando seus braços sebentos, tingindo de raiva vermelha suas papadas flácidas. Todo o tesão que um dia ela teve por mim virou ódio, um ódio que talvez já existisse dentro dela há muito tempo, a frustração fermentada e destilada em rancor no entediante balanço da cadeira, mas que só agora vinha à tona, ao descobrir que não tinha mais vagina, que estava aleijada de corpo e alma.

Embora sabendo que era o momento de tirar o time de campo, não resisti e fiz mais uma pequena provocação:

– Olha aqui, Veralúcia, eu sou o Tarquínio. Não se lembra? Pense bem em meus conselhos.

Desta vez ela estrebuchou. Encarou-me com o ódio concentrado, despejou sobre mim a frustração dos anos de juventude em que imaginava como seria meu cacete e passava noites sem dormir no calor da vontade que eu sugasse seus enormes seios, com a boceta que então existia molhadinha. "Sebento desgraçado – devia ter pensado – pedindo-me agora para lhe mostrar o que teria tido a maior satisfação de lhe exhibir há 60 anos." Desmaiou, seus braços caíram, seus olhos reviraram, acrescentando um pouco mais de patético a sua figura grotesca. Fui andando pela avenida, a passos largos na esperança de encontrar o velho Grupo Escolar e com ele recordações mais agradáveis. Não encontrei. Fora demolido para a construção de um prédio de apartamentos. Nem mais um traço do pátio do recreio, onde Walter se divertia com aquela idiotice de colocar a mão nas costas das meninas e perguntar:

– Qual é o plural de decimal?

O centro, então, não dava para reconhecer nada; a pracinha estava inteiramente remodelada com uma fonte luminosa no meio, rodeada de bancos de plásticos, no lugar onde existia um coreto. Enteaba tinha outro verniz, outra capa, mas nada disso conseguiu afastar de meus olhos Dona Verusca com seu vestido cinza-mortalha, amarrada na cadeira de balanço, pêndulo do marcapasso de uma vida que acabara antes do tempo. Voltei para o hotel.

Pensei que a porta ia ser derrubada, tamanha era a força dos murros e pontapés. E a voz, do outro lado, não era nada amiga:

– Abra, seu velho filho da puta. Abra, senão eu arrebento!

Abri e me deparei com um sujeito troncudo, halterofilista na certa. Agarrou-me pelo colarinho e esbofeteou-me a face, enquanto despejava um xingatório infernal. Coisa ainda do século XX. O bisneto de João Pedro veio ver o que estava acontecendo, mas recebeu ordens de se afastar.

– Não se meta, seu Jerônimo. Este filho da puta desrespeitou minha avó. Está no hospital, em estado de choque.

O neto de Vera Lúcia arrastou-me escada abaixo, como se eu fosse um saco de batatas. Meteu-me dentro de seu automóvel, onde estavam dois nutridos atletas da patota da vingança. Fiquei calado, porque já tinha levado um sopapo na boca, quando tentei o parlamentarismo que não passou de um simples mas interrompido. O neto estava furibundo.

Levaram-me para a pracinha onde eu fazia voltas com os amigos, no sentido dos ponteiros, enquanto Vera Lúcia e outras vinham no contra-relógio. Arrancaram-me do automóvel e levaram-me para junto da fonte. Um dos amigos do neto disse:

– Será que este velho filho da puta tem pau?

Temi que fossem cortar minha única razão de viver. Felizmente, a vingança projetada foi menos radical.

Despiram-me, atiraram-me nu na fonte e foram embora levando minhas roupas. Nu e abandonado bem no centro de minha cidade! Afinal – consolo – eu não estava passando despercebido.

Deu notícia até num jornal de Belô, **A Voz de Minas**, numa nota na quarta página:

NU NO MEIO DA PRAÇA

O jornalista aposentado Tarquínio Esperidião, que viveu muitos anos no exterior, foi deixado nu no meio da praça do centro de Enteaba, sua cidade natal, depois de ter sido barbaramente espancado por três indignados moradores. Um dos atacantes, Expedito Bezerra, é neto de Dona Vera Lúcia Sampaio, uma das senhoras mais respeitadas da sociedade local e que fora, momentos antes, molestada pelo velho jornalista. Segundo o relato de várias testemunhas, Tarquínio Esperidião tentou arrancar dona Vera Lúcia de sua cadeira de balanço e despi-la no meio da rua, enquanto gritava todo tipo de impropérios, como que possuído pelo demônio.

Em **A Tribuna de Enteaba** Tarquínio foi parar na primeira página. Seu Camilo Fonseca, o dono do jornal, desceu o cacete:

DECRÉPITO E SEM VERGONHA

O Sr. Tarquínio Esperidião, se é que podemos chamar este sujeito de senhor, perdeu uma boa ocasião de não ter voltado a colocar os pés nesta cidade que nunca sentiu sua falta. Ele não veio para rever os amigos, mas para insultar; não veio para matar saudades, mas para pisotear na honra de pessoas que deram suor e dedicação por Enteaba. Expedito Bezerra fez muito bem. Dona Verusca não merecia ter passado pelo vexame a que foi submetida por este velho decrépito e sem vergonha. Por favor, verme, não volte mais!

*

Só não fui notícia na televisão porque Chico TV, correspondente local do Canal 3, só conseguiu filmar depois que o delegado cobriu-me com sua capa. O editor do Jornal das 7 ficou furioso e por

pouco não despediu o Chico TV, dizendo-lhe aos berros pelo telefone que a notícia só tinha valor com o saco do velho balançando.

Um frege danado, gente se ajuntando como mosquito em rapadura. Não sei quem gritava mais para atrair todos os curiosos do mundo: as crianças ou Walter. O saltador de janela foi tomado de uma euforia que nunca tinha visto.

– Venham ver o velho nu. Venham ver o velho nu! Olha o saco murcho dele!

Pensei em utilizar aquela pose ridícula de tapar os genitais com as mãos. Walter interferiu prontamente.

– Nada disso. Vá firme de mãos abanando. Não me deixe perder o maior espetáculo desde que saltei do edifício.

Achei melhor mesmo, não queria parecer mais ridículo do que estava. Fui andando para o hotel puxando uma procissão de curiosos metidos entre eles a quadrilha toda, Elvira e Tineke, nuas como eu, dona Gertrudes no seu vestido austero, mas com um olhar matreiro de contentamento. De repente, num relance, ela levantou a saia e me mostrou o que a Vera Lúcia não quis mostrar. Gelei-me ao ver aqueles pentelhos amarelecidos pelo tempo, mas logo fiquei contente em saber que a Dona Gertrudes morrera com vagina sem ter apodrecido numa cadeira de balanço.

Walter se esbaldava, gritando para que os meninos fizessem coro:

– Olha o velho nu!

Antes que eu alcançasse o hotel na frente de uma passeata de mais de 100, apareceu o carro da polícia com o delegado e dois

guardas. O delegado cobriu-me com uma capa e mandou-me entrar no automóvel, com uma delicadeza que estranhei. Chamou-me pelo nome:

– Entre por favor, senhor Tarquínio Esperidião.

Ah, agora já sabiam quem eu era. Refeita do estado de choque, Vera Lúcia deu todo o serviço. Walter, quando viu o delegado, ficou meio pasmo e gritou no meio da confusão:

– Que vergonha para a família!

O delegado, apurei, era sobrinho neto do anarquista suicida. Chamava-se Juvenal, nada a ver com aquele outro que obrigava o pobre Victor a passar horas e horas ajoelhado sobre bagos de milho.

Juvenal, usando um chapéu fora de moda, fez a ladainha de que conhecia muito minha família e que não tinha nenhuma intenção de manter-me preso. Tinha ouvido os rumores do acontecido na varanda de dona Verusca, mas que não ia levar em conta e nem queria saber a minha versão.

– O senhor é idoso. E minha filosofia é respeitar os mais velhos, sempre.

– Este cretino não pode ser meu sobrinho neto. Devia ter sido abortado. Vá ser príncipeiro na puta que o pariu!

Não estava interessado nos protestos de Walter. Mais prático, no momento, era ouvir o Dr. Juvenal.

– Agora, seu Esperidião, conselho de amigo, é melhor deixar a cidade. É triste ter de falar uma coisa dessas para um filho daqui.

(–Saco!, interferência do Tio Avô)... mas não posso garantir sua integridade física. Expedito, o neto de Dona Verusca, diz que não quer vê-lo mais nos limites do município, que o negócio agora não será mais apenas tirar a roupa. O moço e muito esquentado.

Tranquilei o delegado. Prometi que iria embora naquele dia mesmo, no primeiro ônibus que pintasse. Não era preciso esperar não, foi me informando o sobrinho neto, enquanto um guarda entrava trazendo minha mala.

– Nós vamos levá-lo agora de carro para Belo Horizonte.

Era a expulsão sumária. A segunda! Na primeira vez fui expulso pelo tédio, pelo sol quente do meio-dia que deixava a cidade morta, fazendo imperar um silêncio de cemitério. Sonhava com a agitação que poderia ter o mundo exterior, além dos limites daquela cidade que parecia uma grande família, com toda a opressão que isso comporta. Agora estava sendo enxotado pelo neto da dona Verusca, a mesma que morria de amores por mim, que tentava roçar-me seus enormes seios nas contravoltas da pracinha em noites enluaradas. Que suspirava quando eu me aproximava para aquelas danças monótonas no Clube dos Aristocratas, quando eu só tinha olhos para a danada da Elvira. Expulso! E a expulsão executada pelo sobrinho neto de quem queria banir todas as autoridades, rasgar todas as bandeiras e deixar os mastros para serem enfiados nos devidos cus das ditas cujas.

*

Fui embora, no carro da polícia, frustrado, sem conseguir fazer a mínima idéia de como estariam aqueles enormes seios que, às vezes, até davam tesão, como seria a boceta da Vera Lúcia 60 anos depois, sem ligar para a Elvira que me mostrava a sua vagina, às gargalhadas.

*

XXXIV

Expulsão sumária

Avanços e recuos. Avanços e recuos.

Eu não consegui disfarçar meu medo, desde o momento do embarque. Quando o táxi parou na porta da casa de minha tia, eu tremia como vara verde, mais que Victor diante de **Justine** do Marquês de Sade. O motorista percebeu, riu gozativamente e cobrou uns extras, tantos cruzeiros pelo excesso de peso da mala, outros pelo espaço ocupado pelo saco de milho verde que trazia, uns trocados para eu deixar de ser besta. Estava ali o matuto perfeito, fascinado pelas luzes da capital. Belo Horizonte era, então, uma cidade extremamente arborizada, os enormes fícus formavam duas fileiras compactas ao longo da Avenida Afonso Pena, a artéria central da velha Belô. No início da década de 60 do século passado, os fícus foram cortados para ceder espaço aos automóveis. Outras árvores que, no dizer de um prefeito, enfeavam o ambiente, sofreram a mesma sorte. Belo Horizonte fora planejada na época de ouro da carroça de jatobá de João Pedro, antes da invasão dos fuscas, tomando de assalto ruas e estradas no frenesi desenvolvimentista da era JK. Águas passadas como os automóveis a gasolina. O fato, entretanto, é que eu tremia e não havia nenhum motivo. Belo Horizonte estava apinhada de milhares de matutos como eu, jovens do interior que vinham estudar, outros para trabalhar. O próprio motorista do táxi, na certa, não era de Belo Horizonte, devia ter nascido numa biboca qualquer do interior e tinha tremido como eu tremi diante da fileira de fícus da Afonso Pena, boquiaberto ao ver o Pirulito da Praça Sete rodeado de prédios, fascinado, com a vista pregada no Acaiaca, o Empire States da Belô de então. Eu não estava sequer rompendo o cordão umbilical com a família; os parentes estavam por todos os lados, os amigos — inclusive Walter — também já faziam parte da fauna de Belo Horizonte. Enteaba, como milhares

de outras cidades do interior, tinha as veias abertas, uma sangria de jovens varões, com suas varas sempre eretas, deixando para trás uma infinidade de filhas de família, condenadas às escolas normais e aos suspiros por aqueles cacetes emigrados que afogavam seu tesão entre as pernas das putas da rua Guaicurus.

*

– Vamos parar com esta nostalgia. Vamos parar!

– Vai à merda! Você e toda esta cambada de cadáveres ambulantes.

*

O carro da polícia chegou na periferia da Grande Belo Horizonte, que já tinha engolido Pedro Leopoldo e outras cidades. Parou, numa estação de trem, conectada com a rede de metrô. O delegado se despediu, dizendo que lamentava profundamente o incidente, que estava muito triste em ter de fazer aquilo com um filho da terra, que eu me cuidasse e não voltasse mais lá, a fim de evitar futuros aborrecimentos. O termo estava muito bem colocado: aborrecimentos. Eu lhe disse para não se preocupar, que não tinha a menor intenção de voltar. Walter sugeriu que eu mandasse seu sobrinho neto ir plantar batata e colher cará ou simplesmente tomar no cu, mas, ao invés disso, eu lhe disse que tinha ficado muito triste por não ter sabido o que acontecera com Miguelito, que fim levava. O Dr. Juvenal olhou-me surpreendido com cara de quem pergunta quem.

– O pai do seu Jerônimo, do Hotel.

– Ah... O Miguel Silveira. Triste, muito triste. Morreu de velhice na cadeia, na Casa de Detenção de São Paulo. Amargou 30 anos atrás das grades, depois de ter cometido aquele ato de loucura, que foi notícia até no exterior. O senhor não leu? Muito triste... muito triste...

E o carro se foi, sem que o sobrinho-neto do filho da puta do Walter me explicasse que ato de loucura fora aquele, para a felicidade de Elvira. A suicida olhava para mim com seu sorriso desafiador na nudez congelada de seus 23 anos.

– Seu bunda mole, desde quando vivo sabe contar história de morto? Não confia mais na gente, é? Agora você vai ter de se reboilar para saber.

*

Avanços e recuos. Avanços e recuos. Belo Horizonte crescera muito, mudara muito na sua superfície envernizada. Não encontrei mais, na Rua da Bahia, o Cu Sujo, um boteco fedorento onde a patota de jornalistas se encontrava para comer caol, uma mistura, como o nome indica, de carne, arroz, ovo e lingüiça.¹ A rua Guaicurus, velha de guerra, não guardava nem mais um traço do que fora. Nem mais um fiapo da putaria do tempo em que eu me fascinei tanto com a imponência da Avenida Afonso Pena arborizada. Cedeu lugar a uma putaria muito melhor comercializada, invisível na superfície, sem estar confinada a guetos, mas sempre presente. As moças podiam ser escolhidas em vistosas fotos nos sites da internet, ou em filmes de TV por cabo. O progresso a serviço da putaria. A tecnologia avançava a passos adoidados, mas as estruturas sociais permaneciam firmes, andavam a passos de tartaruga e, às vezes, até voltavam atrás. Os trens estavam lá, desenvolvendo 300 ou mais quilômetros por hora, os foguetes varando a estratosfera, ligando o Brasil à Europa em 45 minutos, mas os sistemas opressores continuavam firmes. Jerusalém indestrutível em nossas cabeças! Belo Horizonte crescendo com suas pistas elevadas, seu metrô que se tornava um polvo com muitos tentáculos e seus catálogos de putas na internet.

¹ . Caol era, também, a marca de um detergente poderosíssimo.

A putaria, (retomando em outro nível a tese do Dr. Irineu), era para mim o termômetro do grau de libertação sexual da sociedade. Quanto maior a opressão, maior a putaria semi-oficializada e segregada. Houve um tempo em que se pensou que ela estaria condenada, senão ao desaparecimento, pelo menos a uma grande diminuição. Verdade que não tínhamos putaria como antigamente. As mulheres batendo bolsinhas na esquina, perseguidas pela polícia que vinha tomar-lhes a grana. Agora elas estavam na maioria dos casos sindicalizadas e os cafetões já não podiam fazer o que bem quisessem com elas. Também pudera, um avancinho muito do mixuruca. A prostituição continuava aí, porque a maioria das pessoas estava ainda na trilha da monogamia forçada, o prazer reprimido precisava ser descarregado no esgoto da sociedade. Eram os homens que continuavam dando as cartas, ocupando os postos-chaves no sistema de dominação que teimava em não acompanhar o progresso tecnológico. Podia-se destruir o mundo com um aperto de botão, mas a força física do homem, que em última análise criou as bases da submissão da mulher, era ainda um argumento como se as relações de poder se disputassem num ringue.

Tarquínio emprega sempre o tempo passado como se agora as coisas tivessem mudado substancialmente. Ilusão gramatical ou o quê?

Nos anos 60 do século passado, (– Não me venha encher o saco, Walter, deixe-me falar!), as mulheres botaram pra quebrar, o movimento feminista cresceu adoidado, queimaram-se soutiens, quebraram-se carrinhos de bebês, gritou-se pelo aborto a céu aberto, fodeu-se com a imagem de que a mulher era um objeto sexual a serviço do homem. Mas depois veio a rebordosa, o recuo, o passo atrás que se acelerou muito nas últimas duas décadas do século

XX. Na loteria do imponderável, que não raras vezes determina nossos destinos, o Vaticano e os demais defensores de Jerusalém intacta e dominante foram premiados com o vírus da AIDS. A linguagem do papa, que se tornara ridícula em defesa da castidade e outras barbaridades, começou a ser novamente acatada pela multidão dividida entre ele e a fúria de evangélicos brandindo a Bíblia com suas pragas divinas. A ideologia se transformando em força material ao penetrar a consciência das massas, como diria o velho Marx. Livros com filosofia de boteco vendendo aos milhões e tome lá programas de televisão reforçando na cabeça dos incautos as estruturas de Jerusalém. Recuo no atoleiro da opressão. A juventude retraída. Punheta no lugar da trepada sem culpa. A putaria de vanguarda da velha Europa e dos Estados Unidos modificou sua ação. Multiplicaram-se os serviços telefônicos, já com imagem, onde o sujeito ligava o aparelho e ouvia do outro lado uma vozinha sacana dizendo que gostava de tomar na xoxotinha, no cuzinho e que adorava chupar um cacete intumescido como o seu. Explosão dos peeps shows, ela lá, despida, mostrando a anatomia de sua vagina, e você aqui, protegido atrás do vidro. A AIDS significou o maior boom da história para a putaria platônica, criando um exército de voyeurs punheteiros. Para os mais afoitos – que só se contentavam com the real thing – condons reforçados foram colocados à venda para a felicidade geral dos fabricantes, enquanto os puteiros de alta categoria (Call Girls para executivos etc) adotaram o sistema do atestado médico que prevaleceu por muito tempo, novo verniz, a nova maquiagem da putaria:

NOSSAS GAROTAS SÃO MARAVILHOSAMENTE LINDAS E
ESTUPENDAMENTE SADIAS.

EXIBEM SEMPRE ATESTADO DE SAÚDE EMITIDO NOS ÚLTIMOS TRÊS DIAS

Triste fim de século na rebordosa da AIDS. Esses malditos vírus não só ceifaram muitas vidas, mas também, e principalmente,

aceleraram o refluxo social, deram ganho de causa, vamos ver se temporário, à monogamia e ajudaram a manter, no frígir dos ovos, a putaria em suas diversas formas. A rua Guaicurus estava limpa, edifício de apartamentos no lugar do Dancing onde Miguelito exibia seus dotes de músico, nada que lembrasse os armazéns de secos e molhados, que fervilhavam durante o dia, antes que a putaria se implantasse à noite. Mas a nova Guaicurus era uma ilusão, uma fachada com ares de progresso, encobrindo a opressão que se mantinha, não nos deixando ver as Veruscas que perderam a boceta, mascarando a Jerusalém que era muito mais difícil de ser destruída do que pensava o Walter.

*

A turma toda, Walter na frente, batia palmas com aqueles sorrisos sarcásticos e zombeteiros.

*

XXXV

O desejo de vingança trovejava em sua cabeça

Quando eu acordei, Elvira e Tineke – gostosamente nuas para me provocar – estavam sentadas na beira da cama do Hotel da Afonso Pena. Elvira falou:

– Walter tem razão. Você fica aí se masturbando com seu passado, como se fosse o grande sofredor da paróquia. Pare com isso, Tarquínio. Você é até branco!

– Arreda pra lá, suicida racista de uma figa. Recolha-se na sua cova de caralho.

Ela disse que racista era a vovozinha e continuou.

– Isto mesmo. Você é até branco. Não é discriminado como era Miguelito, não tem de suportar o paternalismo de nenhum cretino batendo em suas costas e dizendo "preto bom está aqui". Você não é neto, como foi Miguelito, do pai Tomás brasileiro!

– E daí?

– E daí? Ora! Estamos amarelados de tanto ouvir suas reclamações, a autocomiseração de quem não teve coragem de entrar no Edifício. Segure as pontas, vou satisfazer sua curiosidade, vou lhe contar como foi o tresloucado ato de Miguelito para ver se você cria vergonha e pára de reclamar. Quando a loucura é de branco, tem delegado babaca todo condescendente igual ao cretino do sobrinho neto de Walter. Mas quando o louco é preto, o buraco é mais embaixo. Cura-se com cadeia, porrada ou bala.

*

Miguelito, depois da vingança contra o Eltinho, instalou-se em São Paulo, ingressou no Conjunto Pandeiro de Ouro e, para a inveja de muitos, juntou seus trapos com uma cabrocha de parar o trânsito. Chamava-se Cininha, alagoana que trocou a semi-escravidão de empregada doméstica pela vida artística na Rua Augusta. Fazia de tudo, strip tease, dançava, cantava e até trepava com clientes selecionados. Conheceram-se num forró no Brás. Amor à primeira vista. Tesão incontida de ambos os lados. Treparam como doidos a noite inteira num motel e no dia seguinte foram viver juntos. Alugaram, de um amigo (branco) de Miguelito, um apartamento na esquina da Brigadeiro Luiz Antônio com a Avenida Paulista. Graças à voz e a habilidade no violão de Miguelito, aliadas ao charme sempre presente de Cininha, o Conjunto Pandeiro de Ouro tornou-se famoso, requisitado por tudo que era baile e forró. Miguelito sentia-se quase feliz, colocando no passado a discriminação de que fora vítima em Minas Gerais. Claro, o porteiro do edifício olhava de banda o casal de crioulos e muitos moradores não escondiam seu mal-estar em ter como vizinhos uns pretos xexelentos que não reconheciam o seu lugar. Mas ninguém lhes dizia nada, era uma discriminação passiva, calada, para a qual Miguelito não ligava.

Numa bela noite – estrelada e fria, num junho invernal mais para romance do que para tragédia – Miguelito chegou em casa às 3 horas da manhã um pouco mais pra lá do que pra cá. Tentou várias vezes abrir a porta de entrada do prédio, mas sempre errava de chave. Dois policiais que passavam pela Avenida Paulista num carro da Rádio Patrulha cismaram com o preto tentando entrar pela madrugada em prédio de branco.

– É ladrão na certa!

Primeiro na Rodoviária de Belo Horizonte e agora a cena se repetindo.

Os policiais desceram do carro e baixaram o cacete em Miguelito sem se darem ao trabalho de pedir os documentos. Um sopapo no pé do ouvido. Um murro no nariz. Um chute no saco. Depois de algemado, os dois guardas arrastaram Miguelito para dentro da Rádio Patrulha e o levaram em cana. Ficou preso uma semana inteira até que seu amigo, felizmente branco, a pedido da desesperada Cininha, que amamentava seu segundo filho, o descobriu na Casa de Detenção, onde já tinha sido devidamente enrabado na sela coletiva onde estavam 23 presos. Crioulo com pinta de bacana tinha mesmo era que levar ferro no código dos fregueses costumários da Casa de Detenção. Ferrabrases puros e duros, mal sabiam que, inocentemente, absorviam e colocavam em prática a ideologia racista daqueles que os metiam em cana. Até que tentavam, na medida do possível, redistribuir a renda assaltando a burguesia bem nutrida, mas quase sempre – podemos até tirar este quase – acabavam novamente nas garras dos que dão as cartas, apodrecendo nas cadeias, jogados nos cemitérios improvisados ou, simplesmente, repetindo o jogo de dominação de seus algozes, torturando e enrabando seus próprios companheiros.

Miguelito abandonou o Conjunto Pandeiro de Ouro, mandou Cininha e os filhos para a casa de amigos e comprou no Brás uma lurdinha dos tempos da Segunda Guerra Mundial. O desejo de vingança trovejava em sua cabeça. Mas vingança contra quem? Ele teria de sair matando um punhado de brancos filhos da puta e as balas de sua lurdinha não eram de jeito nenhum suficientes. Era necessário selecionar o alvo de sua revolta. Saiu do elevador e disparou uma rajada na cabeça do porteiro que o olhava de banda. Foi correndo pela Paulista, entre os automóveis, disparando aqui e ali contra quem, pela aparência, lhe parecia merecedor de bala na testa. Invadiu a delegacia da Rua da Consolação, onde estavam lota-

dos os dois guardas que o prenderam. E entrou cuspidando fogo por todos os lados. Matou o delegado de plantão, feriu o escrivão com 5 balaços, abateu um detetive que tentava sacar sua 45. Foi rendido por trás com um tremendo cassetete na cabeça. Não teve apelação. Quase morreu de apanhar na delegacia, todo mundo queria lhe dar um sopapo para vingar os dois policiais mortos. Foi condenado a 100 anos de prisão, 30 para o delegado, 30 para o detetive, 30 para os três civis abatidos: o porteiro que o olhava de banda, um gerente de banco e um engenheiro eletrônico que exibiam seus luxos, carrinhos zero quilômetro, anéis de doutor e relógios de ouro pela Paulista afora em dia de vingança de crioulo doido. E mais dez anos de quebra para os 25 feridos que deixou ao longo da Avenida, transformada numa passarela de sangue. Recebeu a paga por querer ser o exato contrário de seu avô e resumir num só ato o desejo de vingança que trovejava em sua cabeça. Trancafiado ficou, na ala dos perigosos, dos ferrabrases da Casa de Detenção sempre prontos a descarregar suas revoltas e seus ódios nos novatos que chegavam, fazendo de graça o trabalho de quem os mantinham presos. Miguelito se isolou. Não tinha mais sua lurdirinha e não quis entrar na patota dos ferrabrases. Cininha não agüentou o tranco e deu um tiro na cabeça. Seus filhos — Jerônimo que virou dono de Hotel e Gilda que se tornou cantora e dançarina, concentrando os dotes do pai e da mãe — livraram-se por pouco da Febem por obra e graça de uma tia que se dispôs a criá-los.

*

– Decidimos, por unanimidade: você está proibido de lamentar, de chorar sobre seu passado de merda. Conosco é no pau, fez, fez, não fez fizesse.

– Seus ditadores. Eu faço o que quiser da minha vida. Se me apetecer lamentar, eu lamento nem que eu tenha de metê-los num baú trancado a sete chaves. Até você, Walter, enturmado para dar ordens?

O suicida fez top-top com as mãos, enquanto a Elvira, com sua baba de formicida, gritava possessa:

– Está é na hora de repetirmos o maio de 68, seu velho babaca!

*

XXXVI

Cara de espanta hóspede

O dono do hotel, imbecilmente engravatado como todos os donos de hotéis, polidez falsa, exalando hipocrisia por todos os poros, veio me dizer que eu tinha de entregar o quarto. Que havia uma antiga reserva, clientes que não podiam deixar de ser atendidos. Era uma desculpa esfarrapada. Minha presença incomodava os outros hóspedes. A vizinha do quarto defronte tinha se queixado de eu estar mijando com a porta aberta. Gostou de ver, mas tinha de reclamar. Uma menina enredou para a mãe, e a mãe para o dono do hotel, que eu a encarava com olhos de demônio. Tentei, sem sucesso, diante do espelho, reproduzir uma cara de diabo e isso aumentou a sensação de que eu estava sendo acusado injustamente. A mulher do dono me observava com antipatia manifesta e dizia num cochiço de araque, bem alto para que eu ouvisse:

– Não podemos permitir esse velho nojento com cara de espanta hóspede, conversando sozinho feito maluco. Isto aqui é hotel e não hospício.

Fechava-se o círculo. Recusavam-me o direito de viver como me desse na telha. Era um complô de vivos e mortos para não me deixar em paz. Uma conspiração onde todos se julgavam no direito de controlar meu comportamento, dar pitaco na minha vida, até proibir-me de mijar sossegado, inclusive a idiota que ainda fazia permanente e que se contentava, com uma pontinha de orgulho, em ser simplesmente a mulher do dono da espelunca daquele hotel em meados da segunda década do novo século em que sonhávamos enterrar todos os preconceitos, abolindo de vez a função de donas-de-casa e toda babaquice do gênero, amamentada em cursos de noivos onde se ensina que "a mulher necessita se apoiar em um carvalho e não em um caniço", como escrevia o Padre Ernesto Ro-

man em seu "Encontro de Duas Vidas".² Bolas, somos mais complicados que os carvalhos e os caniços; eles se contentam com água, solo e um pouco de bosta na terra para viverem felizes séculos e séculos, com suas raízes fincadas até a morte num único lugar. Estou satisfeito em não ser caniço nem carvalho. Sei lá o que sou?! Talvez, para satisfazer nosso ego, admitamos, sejamos a matéria no mais alto grau de organização conhecido, a matéria tomando consciência de si mesma, atormentada por mil questões, que nenhum curso de noivos, nenhum livro sagrado, nenhum visionário, nem a dita ciência que navega num mar de incertezas conseguiu responder satisfatoriamente. Preconceitos e grades, e frutos proibidos, viseiras coletivas, sagradas e profanas, Jerusalens de todo tipo, mulheres de donos de hotéis batendo em número, de longe, as poucas Tatianas inconformadas. Na altura dos acontecimentos meu desejo era arrancar tudo que fosse raiz, própria dos vegetais, voar, nem que fosse, como Walter, do décimo andar à calçada. O problema é que Walter nunca quis nem isso. Seguidores, carneiros imbecis correndo atrás do que vai à frente, o ser humano massificado berrando porque os outros estão berrando, marchando em ordem unida porque lhe ensinaram que assim deve ser e matando sem saber por que, porque um general de merda qualquer, ou coisa que o valha, assim o decidiu.

– Palmas para Tarquínio, o filósofo retardatário. Pra mim que saltei do décimo andar certo apenas de que a força de gravidade me lavaria pra baixo, isto é conversa fiada.

Deviam estar loucos, pensando que eu, Tarquínio Esperidião, depois de tantos anos de convívio com o desbocado do Walter, iria curvar-se a seus preconceitos, deixar de peidar quando desse vontade, de mijar na calçada se fosse preciso. Os cachorros mijam — e até cagam — e ninguém se scandaliza. E que diabo estava eu fazendo naquele hotel, numa Belo Horizonte totalmente estranha. Tive vontade de tomar um foguete de volta para Amsterdã e ir direto para o Edifício, entrar por seu portão de cabeça erguida, sem pestanejar, como o velho da bicicleta caindo aos pedaços, sem me preocupar

² Edições Paulinas, 1979.

com o estacionamento da bicicleta, as perguntas sem respostas, sem me importar com Walter, que gritava como um endemoniado, batendo com uma mão aberta na outra fechada, num top-top frenético.

– Sifu, companheiro. Sifu. Vem cá, Tineke, resolver pelo menos um probleminha do velhinho de seu coração.

Da boca de Walter os diminutivos saíam como flechas envenenadas.

Ela veio, ao chamado do suicida, com a mesma nudez do dia do cafuné de despedida, e começou a me acariciar, ali mesmo, no saguão do Hotel, onde muitos hóspedes estavam entretidos com um filme de 1943, exibido para encher buraco na televisão, A Canção de Bernadette, em que a Jennifer Jones, pousando de Santa, arrebatou mais lágrimas que toda a água produzida pela fonte de Lourdes.

Elvira, desbocada e histérica, com a gargalhada de suicida pornográfica, gritava a plenos pulmões:

– No sofá não, vão trepar na cama, seus depravados!

– Chamem a polícia! — Exclamou a mulher do dono do Hotel, mais histérica do que Elvira, deixando cair uma bandeja com copos, surpreendida por uma cena nunca antes vista em seu estabelecimento estritamente familiar.

Um alvoroço medonho. Walter, no meio daquela multidão de hóspedes indignados com o pudor ferido, botava lenha na fogueira.

– Manda brasa na holandesa.

Do sofá rolamos para o chão, alheios à multidão que se multiplicou de uns poucos hóspedes a algumas dezenas de curiosos, atraídos por gemidos, gritos, de vivos e mortos, e ohs de indignação, e aplausos dos que foram surpreendidos por um espetáculo gratuito. E que me importava. Talvez estivesse ali a oportunidade tantas vezes perdida de destruir Jerusalém, de romper todas as barreiras que tolheram minha vida no correr da monotonia dos anos. Tineke estava em meus braços nua, com sua beleza congelada e eu me sentia feliz e liberto como talvez nunca tivesse experimentado antes em toda minha vida. A gargalhada de Elvira, de repente, mudou para uma tonalidade expressando o ciúme que a suicida não conseguia mais esconder, enquanto Walter continuava histérico de contentamento, incentivando-me aos gritos:

– Mande brasa. Mande brasa. Já que você não conseguiu destruir Jerusalém, pelo menos arrebite com esta Belô fodendo a holandesa de seu coração.

Contra a mulher do dono do Hotel, contra tudo e contra todos que queriam me manter numa camisa de força, eu estava ali, em público, sem constrangimento, amando Tineke apesar de suas mãos frias, mas sempre hábeis no cafuné. Elvira não agüentou. Emudeceu sua gargalhada, empurrou Tineke, e agarrou-me num desespero de fêmea.

– Eu também quero! Eu também quero!

– Mande brasa, Tarquínio. Mande brasa. Este é o maior espetáculo da história de Belo Horizonte!

Elvira! Até que enfim. As noites sem dormir de adolescente, queimando-me de ciúme e insatisfação, estavam sendo recompensadas. Uma recompensa em dose dupla. As duas mulheres responsáveis pelos calafrios mais gostosos que desceram por minha espi-

nha agarravam-me com os dentes cerrados de desejo incontido. Elvira, mais possessiva, querendo tudo para ela. Tineke, segura de si, acariciando-me, fazendo-me um gostoso cafuné, enquanto eu penetrava a suicida de beleza congelada, numa foda com um atraso de 60 anos. Gritei:

– Estou livre!

Meus olhos, ainda tortos pelo orgasmo, encontraram-se com os olhos críticos de Dona Gertrudes. A velha, como se fosse a encarnação da crítica feroz e destrutiva, balançava a cabeça numa reprovação sarcástica:

– Esperidião, Esperidião, não é com uma simples trepada que se liberta de tanta merda acumulada na cabeça. Você agora está na camisa de força da ilusão.

*

Fui preso sem saber por que. O delegado, cercado de detetives sorridentes e de três escrivões que se apresentaram voluntariamente para fazer o prontuário — e com o olhar tão sem vergonha como o do Walter — examinava alternativamente minha ficha na tela do computador e eu mesmo, dos pés à cabeça. A voz do delegado estava carregada de deboche:

– Seu Esperidião, na sua idade, fazendo uma coisa dessas em público!

*

Desapareceram. Elvira e Tineke envolvidas pela multidão quando a polícia chegou. Dona Gertrudes simplesmente voltou a sua dimensão de seis por seis e Walter, de fininho, encolheu-se no meio dos companheiros do time do Avante, naquela atitude sacana do "se vire Esperidião". Estava abandonado, diante de um delegado filho da puta, de guardas que riam pelos corredores apontando-me o

dedo e de dois troncados senhores que me levaram para uma sala isolada, onde fui bombardeado de perguntas por um sujeito de óculos grossos, possivelmente um psiquiatra ou coisa parecida. Pedi socorro a Walter e não fui atendido, enquanto os dois troncados me metiam, a um sinal do senhor de óculos, numa camisa de força. Real. E eu pressentia o repeteco, inexorável, do maio de 68.

*

XXXVII

Eu não sou daqui

Estavam todos sentados, num semicírculo, à minha espera. Em foco perfeito, com luz de holofote jorrando sobre seus rostos, sem a bruma que em maio de 1968 não me permitiu identificá-los. No centro do semicírculo — na posição de quem parecia estar comandando o grupo — estava nada mais nada menos que João Pedro, semblante sereno, mas sem a atitude nojenta de submissão de "paciência deus amor". Miguelito estava lá também, e Elvira, Dona Gertrudes, Sinhá das Neves e o sem vergonha de seu marido. Era uma multidão. Minha mãe, velhos conhecidos dos tempos dos passeios pela pracinha, o Cara de Bunda e alguns dos meninos que se divertiam jogando-lhe pedras, Frei Bartolomeu, Victor ainda ajoelhado sobre bagos de milho — mas não Juvenal, nem Arminda que preferia ficar rolando sobre a farinha de trigo numa trepada eterna —, Etelvina esparramada na cama, esgoto à espera de minha porra, também estava lá. Nas filas mais atrás havia rostos que eu podia identificar, mas sem me lembrar dos nomes. Acima do semicírculo, como se estivessem numa tribuna de honra, assistindo o espetáculo, estavam Stalin ao lado de Truman fogueteiro e o velho Mao com seu livrinho vermelho. Havia também muita gente na galeria. Não vi Walter nem Tineke em nenhum dos grupos. A holandesa estava num canto, olhando admirada a concentração. Perguntei-lhe por que não estava com os outros.

— Não tem lugar pra mim no semicírculo, meneer Esperidião. Eu não sou daqui.

— E você, Walter? — Perguntei ao centerfour do Avante, que também se recusava a entrar no semicírculo, com expressão de deboche, isolado em outro canto.

– Ora, Tarquínio, desde quando eu vou entrar em ordem unida, enturmar com esta cambada de idiotas. Você não percebe, eles são suas raízes, aquelas que você recusou explodir junto a Jerusalém e tudo o mais. Veja se arruma uma boa dinamite e faça voar pelos ares este hospício, antes que seja tarde demais.

Já era tarde demais. Estava cansado e sem ânimo de romper o semicírculo, de impedir a concretização do maio de 68, num cenário nítido como num cinerama em alta definição. Tarde demais para flash backs em busca do instante em que eu poderia ter saído do atoleiro, rompido o semicírculo que se fechava com suas raízes contorcidas. Tarde demais. Talvez, naquele então, poderia ter sido diferente. As figuras eram deformes, fora de foco, pessoas não identificadas, atraindo-me para o semicírculo para depois fechá-lo e se atirarem sobre mim como abutres, urubus de meu último alento. Eu poderia ter resistido, mas minha luta foi só de palavras, nem sempre equivalendo ao que realmente sentia e desejava dizer. Walter sabia disso e sempre tentou ajudar-me a encontrar uma saída. Mas queria que eu mesmo a encontrasse. Fez o que pôde, mas agora só lhe restava mandar que eu que me virasse. E Tineke, minha derradeira tábua de salvação, continuava dizendo:

– Desculpe-me, meneer Esperidião, mas eu não sou daqui. Não pertenço a este semicírculo.

Eu também estava definitivamente no lugar errado. Não tinha nada com o quarto branco onde me trancafiaram, nem com a Belo Horizonte de apartamentos limpos da Rua Guaicurus, nem com a Enteaba com fonte luminosa, nem com a Vera Lúcia que perdeu a boceta, não tinha nada com nada em lugar nenhum. Teria de encontrar uma brecha e impedir por todos os meios o cerco total. Mas eu estava só, diante de um exército de submissos, comandados por João Pedro, o mais submisso ser que pisou a face da terra. Era só esperar que eles me agarrassem e me pregassem na parede, como

se eu fosse um quadro, fotografia sem vida, natureza morta. Esperar que fizessem, exatamente, o que fizeram naquele longínquo maio de 68.

XXXVIII

A injeção não dói mais

Estou chegando ao fim dessa maçaroca e com ela acaba a história de Tarquínio Esperidião. Está difícil decifrar os últimos capítulos, escritos a mão sem maiores cuidados, garranchos às vezes ininteligíveis. A papelada, toda empoeirada, encontrava-se numa prateleira da Casa de Repouso de Belo Horizonte (eufemismo besta para Hospício) à espera da incineração, quando eu apareci, movido por esta mania (que alguns consideram demente) de catar papéis velhos.

Uma nota seca, que parecia notícia de jornal, dava o contorno do que teria acontecido:

MORTE MISTERIOSA NA CASA DE REPOUSO

O jornalista aposentado Tarquínio Esperidião, 81 anos, há três internado na Casa de Repouso, foi encontrado morto em seu quarto em circunstâncias inexplicáveis. Estava suspenso na parede, com um enorme prego atravessado em seu ventre. Os dois guardas de plantão disseram não ter ouvido nada de anormal na noite do acontecimento e que, seguramente, nenhum dos demais internos tivera acesso ao quarto de Tarquínio. Mas a polícia – que continua investigando o caso – considera a hipótese de suicídio extremamente improvável, pois nunca houve um caso de alguém que pudesse pregar a si mesmo na parede.

Havia também a descrição do video-tape mostrando com todo o realismo a cena final. Estava lá, pregado na parede, exibindo a expressão de quem gritava, não se sabe se de medo ou de pura revolta.

Passei a mão na barriga à procura do buraco onde o prego fora encravado. Nada encontrei a não ser meu umbigo encardido, perdido num emaranhado de pelancas. O repeteco de maio de 68 estava totalmente truncado, o vídeo tape se desfez, a nota do jornal derreteu-se como plástico levado ao fogo. Walter, armado com um porrete, escorraçou todo mundo, aos berros:

– Fora, cambada de submissos.

Sumiram.

Walter olhou-me com jeito de quem não queria ser mais moleque, com ar, não sei se de cansado, e disse simplesmente:

– Agora é por sua conta companheiro. Vou embora.

*

Nunca mais os vi. Sumiram de vez. Todos sem exceção. Não sei quanto tempo estou neste quarto de paredes brancas. Tampouco estou interessado em saber. Vou dar por encerrada as anotações. A única pessoa que vejo regularmente é um senhor vestido de branco como as paredes e que enfia uma sopa aguada em minha boca e aplica umas injeções que antes doíam e agora nem isso. Às vezes ele tenta puxar conversa, mas não lhe dou trelas, estamos em sintonia diferente, nossas ondas não se cruzam. Estou fingindo ser surdo e mudo para ver se ele me deixa em paz. Quando ele conta uma piada, gesticulando para chamar minha atenção, coloco as mãos em concha nos ouvidos e faço cara de quem não entende nada. Me faz uma pergunta, permaneço imóvel como se nada tivesse ouvido. Às vezes, faço um ruído assim, um-um-um, insinuando que

minhas cordas vocais perderam a capacidade de coordenar as palavras. Ultimamente, o homem do avental branco desistiu de bancar o palhaço, o bobo da corte do rei que perdeu o poder até sobre si mesmo. Não conta mais piadas, nem fala do tempo, nem bate nas minhas costas, antes de gritar nos meus ouvidos:

– Como é que o senhor está se sentindo hoje?

Entra silencioso, enfia a sopa aguada na minha boca, aplica a injeção que não dói mais e sai. Nas paredes alvas e silenciosas nada se move. Não me dou ao trabalho de olhar as fotografias que estão sendo comidas pelas traças (traça come papel? Sei lá), perdendo os contornos, desbotadas, imóveis, surdas e mudas. O meu presente virou passado.

O Edifício está tão longe. Eu queria apertar o botão – onde está o botão? – e apagar o mundo.

Epílogo

Além do maço de papéis que estava para ser incinerado não havia mais nada. O estojo, onde mantinha as fotos, fora jogado no lixo há muito tempo e não havia, também, nenhuma foto sua nos arquivos da Casa de Repouso. O funcionário me disse que não sabia explicar como aquela papelada não tivera o mesmo fim. Se eu quisesse mais informações deveria consultar a Central de Documentação, setor hospitalar, onde estavam arquivados os dados dos pacientes. Fui para casa e naveguei no site da Central de Documentação, procurando tudo que tivesse acontecido com Tarquínio Esperidião durante a época em que estive internado na Casa de Repouso. Uma voz rouca reforçava o que aparecia escrito na tela:

Área inacessível ao público.

A duras penas consegui uma senha para escarafunchar tudo que havia sobre Tarquínio e, pacientemente, comecei a garimpar o que realmente me interessava. O atestado de internamento de Tarquínio Esperidião fora assinado por um psiquiatra chamado Fernando Carvalho, pelo nome talvez um sujeito de raízes profundas, certamente aquele senhor de óculos que o bombardeou de perguntas na delegacia de Belo Horizonte depois do sururu registrado no hotel. A sentença estava lavrada com o peso da seguinte argumentação:

Perversão sexual, agravada com psicose anti-social num grau que torna seu convívio com os demais extremamente perigoso.

RECOMENDO O INTERNAMENTO IMEDIATO.

Por curiosidade, já que a senha me permitia, fui abrindo outros arquivos que resumiam em poucas linhas as vidas de centenas de loucos, numa tentativa de comparar, de enquadrar, sei lá, Tarquínio em algum grupo. Na verdade, o recurso à internet pouco a-

crescentou à maçaroca empoeirada salva da incineração por um triz. Se eu não tivesse encontrado seus papéis, a vida de Tarquínio Esperidião, que não deixou fotos nem amigos, iria estar resumida para o público em poucas linhas ordenadas entre milhões de outras na memória do computador. Terminava assim a nota no arquivo referente ao paciente 1230 da Casa de Repouso de Belo Horizonte:

"Nome: Tarquínio Esperidião. Local e data de nascimento: Enteaba, 2 de outubro de 1941. Internado na Casa de Repouso por indicação do Dr. Fernando Carvalho no dia 30 de abril de 2015. Encontrado morto, sentado diante da parede branca de seu quarto, no dia 30 de julho de 2022. Parada respiratória. Causa não totalmente estabelecida. Desconhecida a existência de parentes. Cremado."

Desliguei o computador. Do lado de fora tocava um sino, chamando aqueles que ainda deviam ter Jerusalém construída em suas cabeças.

.....